



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI – UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ENSINO

**ENSINO E MOVIMENTOS DE APRENDIZAGEM - HISTÓRIA DOS
ESPAÇOS E DAS PESSOAS NO BAIRRO SANTO ANTÔNIO,
LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL**

Everline Luise Heinrichs

Lajeado/RS, março de 2021

Everline Luise Heinrichs

**ENSINO E MOVIMENTOS DE APRENDIZAGEM - HISTÓRIA DOS
ESPAÇOS E DAS PESSOAS NO BAIRRO SANTO ANTÔNIO,
LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Vale do Taquari – Univates, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa: Ciência, Sociedade e Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Neli Teresinha Galarce Machado

Lajeado/RS, março de 2021

Everline Luise Heinrichs

**ENSINO E MOVIMENTOS DE APRENDIZAGEM - HISTÓRIA DOS
ESPAÇOS E DAS PESSOAS NO BAIRRO SANTO ANTÔNIO,
LAJEADO, RIO GRANDE DO SUL**

A banca abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Mestre em Ensino, na área de concentração Alfabetização Científica e Tecnológica:

Profa. Dra. Neli Teresinha Galarce Machado - orientadora
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Profa. Dra. Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Prof. Dr. Marcos Rogério Kreutz
Professor de História – EMEF João Beda Korbes
Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Prefeitura Municipal de Arroio do Meio - RS

Profa. Dra. Suzana Feldens Schwertner
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Lajeado/RS, março de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço a quem me acompanhou nesse caminho, de forma muito especial à minha família, principalmente, minha mãe Jaci e meu pai Orlando.

Às minhas amigas e aos meus amigos, que souberem ser exatamente aquilo que eu precisava no momento.

À minha orientadora, professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado, por apontar possibilidades e acreditar no meu potencial. Pela paciência e apoio que recebi, não somente na pesquisa, mas em todos os âmbitos da vida.

Aos professores presentes na banca de qualificação, Márcia Solange Volkmer, Marcos Rogério Kreutz e Suzana Feldens Schwertner, pela leitura do projeto e contribuições para essa pesquisa.

Aos interlocutores participantes da pesquisa que foram essenciais para que a investigação fosse possível.

A Patrícia Schneider, supervisora do Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates, pelo auxílio nas pesquisas realizadas no acervo.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates, com os quais tive o privilégio de dividir não apenas conhecimentos, mas vivências e experiências durante as disciplinas.

Aos colegas que conheci e às amizades que construí ao longo do mestrado.

À Fernanda Kochhann, secretária do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Univates, pela atenção e auxílio.

Aos colegas professores da escola em que trabalho, por todas trocas, auxílios e compreensões.

RESUMO

Os espaços de um bairro reconhecidos e considerados significativos pela comunidade são como lugares de ensino, aprendizagem, proteção e afeto. Ensinar, aprender são movimentos que podem se dar em qualquer espaço e tempo, considerando as experiências diárias na comunidade e suas contribuições para o desenvolvimento integral do ser humano. Esta pesquisa analisou as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. Os objetivos norteadores caracterizaram o contexto social, histórico e geográfico da pesquisa a fim de situar a comunidade e os espaços de aprendizagem; a investigação da história dos espaços de aprendizagem, a partir de diferentes fontes e documentos foi outro aspecto estudado; a análise dos espaços/lugares e das representações para a comunidade foi o ponto alto do estudo em questão. A pesquisa está caracterizada como qualitativa, de abordagem histórico-cultural, descritiva e de análise documental. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a técnica da história oral, fazendo uso de entrevistas abertas, que foram previamente organizadas e executadas. Além dos gestores dos espaços de aprendizagem selecionados no bairro, foram feitas entrevistas com lideranças e moradores da comunidade que usufruem dos locais. Para a análise dos dados se fez uma aproximação com a análise de conteúdo e uso do software NVivo. Os resultados apontaram que os espaços coletivos, onde acontece o encontro com o outro, são aqueles de maior representatividade para a comunidade. São espaços que foram conquistados pela comunidade ao longo da sua história e que caracterizam-se como lugares de pertencimento, afeto e proteção, que inevitavelmente merecem ser cuidados e preservados pela coletividade e que ali corporifica sua representatividade social. É em torno deles que o bairro se constitui e os encontros nele promovidos resultam em experiências de ensino e de aprendizagem aos seus moradores.

Palavras-chave: Ensino. Comunidade. Educação não formal. Espaços de aprendizagem.

ABSTRACT

The spaces of a neighborhood that are recognized and considered significant by the community are places of teaching, learning, protection, and affection. Teaching, learning are movements that can take place in any space and time, considering the daily experiences in the community and their contributions to the integral development of human beings. This research analyzed the community's perceptions about the learning spaces in the Santo Antônio neighborhood, in Lajeado city, Rio Grande do Sul. The guiding objectives characterized the social, historical, and geographical context of the research in order to situate the community and the learning spaces; the investigation of the history of learning spaces, from different sources and documents, was another aspect studied; the analysis of spaces/places and representations for the community was the highlight of the study in question. The research is characterized as qualitative, with a historical-cultural approach, descriptive and documentary analysis. The oral history technique was used as an instrument of data collection, making use of open interviews, which were previously organized and performed. In addition to the managers of the learning spaces selected in the neighborhood, interviews were conducted with leaders and residents of the community who enjoy the spaces. For data analysis, an approximation was made with content analysis and the use of NVivo software. The results showed that the collective spaces, where the encounter with the other happens, are those of greater representation for the community. These are spaces that have been conquered by the community throughout its history and that are characterized as places of belonging, affection, and protection, which inevitably deserve to be cared for and preserved by the community and that embody their social representativeness there. It is around them that the neighborhood is formed and the meetings promoted there result in teaching and learning experiences for its residents.

Keywords: Teaching. Community. Non-formal education. Learning spaces.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização dos espaços	25
Figura 2 - Categorias de análise	35
Figura 3 - Localização do Vale do Taquari	38
Figura 4 - Localização de Lajeado no Vale do Taquari e no Rio Grande do Sul	44
Figura 5 - Primeiro núcleo urbano de Lajeado	47
Figura 6 - Filial da fábrica de conservas Oderich	51
Figura 7 - Esboço do Plano Diretor de Lajeado em 1929	53
Figura 8 - Vista da cidade de Lajeado, no trevo da entrada principal	54
Figura 9 - Mapa de Lajeado com delimitações dos bairros	62
Figura 10 - Associação de Assistência à Infância e à Adolescência	65
Figura 11 - Moradias construídas	66
Figura 12 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal	76
Figura 13 - Logotipo do Projeto Élas Social	82
Figura 14 - Projeto Vida Santo Antônio	83
Figura 15 - Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente - Centro Pedro Albino Müller	86
Figura 16 - Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente - Centro Pedro Albino Müller vista do alto	87

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - População por cor do bairro Santo Antônio	75
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Nome dos entrevistados e categorias	30
Tabela 2 - População do bairro Santo Antônio: Ano e sexo	74
Tabela 3 - Taxa de alfabetização das pessoas de 10 anos ou mais de idade (%), por sexo.....	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APEUAT	Associação Pró-Ensino Universitário no Alto Taquari
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CODEVAT	Conselho de Desenvolvimento Regional do Vale do Taquari
COMDICA	Conselho Municipal da Criança e do Adolescente
COVID-19	Infecção respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2
CPM	Círculo de Pais e Mestres
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
ÉLAS	Projeto Élas Social
FACEAT	Faculdade de Ciências Econômicas do Alto Taquari
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
FEE	Fundação de Economia e Estatística
FELAT	Faculdade de Educação e Letras do Alto Taquari
FOK	Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal

GEFOK	Grêmio Estudantil da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LBA	Legião Brasileira de Assistência
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PV	Projeto Vida
SAF	Sistema Agroflorestal
SAIDAN	Associação de Assistência à Infância e à Adolescência
SLAN	Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente
SUS	Sistema Único de Saúde
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNISC	Universidade de Santa Cruz do Sul
UNIVATES	Universidade do Vale do Taquari

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DELINEAMENTOS DA PESQUISA E MÉTODOS ESCOLHIDOS.....	21
2.1 Caracterização da pesquisa	21
2.2 Locais de pesquisa	25
2.3 Instrumento de coleta de dados	25
2.4 Sujeitos da pesquisa.....	29
2.5 Análise dos dados.....	34
3 VALE DO TAQUARI, LAJEADO, BAIRRO SANTO ANTÔNIO E OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM: HISTORICIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	37
3.1 O Vale do Taquari: um breve de suas ocupações	37
3.2 Lajeado: ocupação e desenvolvimento	44
3.3 O bairro Santo Antônio ao longo do tempo	61
3.4 História dos espaços de aprendizagem	76
3.4.1 Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal	76
3.4.2 Projeto Élas Social	81
3.4.3 Projeto Vida Santo Antônio	83
3.4.4 Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente.....	86
4 OS ESPAÇOS DE UMA COMUNIDADE, SUAS PERCEPÇÕES E AS POSSIBILIDADES DE ENSINAR E DE APRENDER.....	93
4.1 Os espaços e os movimentos de um bairro	96
4.2 Os espaços e as percepções sociais de uma comunidade.....	102
4.3 Senso de cuidado: proteção, sensibilidade, afeto e pertencimento.....	121
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS.....	136
APÊNDICES	150
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Antônio Nilson Do Arte	151

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Antônio Rempel	152
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Demétrios Karol Lonrenzini	153
APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Fernanda Colombo	154
APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Josuana Gonçalves	155
APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Lara Cristina Girardi	156
APÊNDICE G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Letícia Regina de Bairros	157
APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Mara Rejane Bocchese	158
APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Marisete Mathes	159
APÊNDICE J - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Mônica da Rosa	160
APÊNDICE K - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Sílvia Regina Gomes Schmitz	161
APÊNDICE L - Carta de Anuência Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal	162
APÊNDICE M - Carta de Anuência Projeto Élas Social	163
APÊNDICE N - Carta de Anuência Projeto Vida	164
APÊNDICE O - Carta de Anuência Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente	165

1 INTRODUÇÃO

Desde os anos de 1990, representantes da sociedade civil e especialistas em desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (ONU) discutem sobre a importância da educação e dos processos de ensino e aprendizagem para a formação de uma cidadania global. A meta 4.7 das Nações Unidas para a Agenda 2030 dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS), inclui a garantia de viver e promover a sustentabilidade, a cultura de paz, além dos direitos humanos, com valorização das diversas culturas (ONU, 2020).

A partir disso, entende-se que a prioridade para o desenvolvimento humano como um todo passa por espaços escolares qualificados, professores com formações multidisciplinares, mas também por espaços coletivos comunitários com infraestrutura e reconhecidamente pertencidos pela e para a comunidade. Contextos em que se encontram, normalmente, as residências, a escola e as organizações locais que priorizam as melhorias para a população com ou sem o Estado. Dessa forma, a importância de todos os lugares é tão intensa quanto a dos espaços formalizados de ensino, e acredita-se que a construção e reconhecimento de identidades das culturas locais passa pela história de formação desses outros espaços.

A evolução do homem e das sociedades ao longo da história sempre esteve ligada aos processos de aprendizagem. O ponto alto do entendimento da mente humana se dá desde seis milhões de anos, após terem tido estas espécies um ancestral comum. Durante esse processo de evolução, nossos ancestrais tiveram

inúmeros momentos onde seu futuro esteve vinculado à arte de aprender. Nossa capacidade cognitiva de ver o mundo e fazer as devidas leituras na paisagem, para que nosso grupo pudesse sobreviver, fez com que nossa espécie evoluísse e se desenvolvesse. E desde os tempos mais remotos, a espécie humana aprende e ensina, de acordo com seu espaço e tempo.

Assim, os processos de ensino e de aprendizagem estão em nosso corpo e em cadeias cognitivas profundas e que nos remetem à ancestralidade do aprender em “qualquer lugar e tempo”. Nosso estudo acontece a partir desse ponto: pensar sobre esses processos de ensino e de aprendizagem, que ocorrem em espaços alternativos aos da escola, incluindo a própria comunidade.

Normalmente as discussões acerca dos processos de ensino e de aprendizagem consideram apenas a instituição escolar, com regras e normas muito definidas, que tem o objetivo de formar um sujeito e um modelo de sociedade (MUNHOZ, 2012). É importante, porém, destacar que além dessa instituição social antiga e consolidada, existem outros meios nos quais o sujeito aprende e igualmente ensina.

Considera-se que as pesquisas desenvolvidas pensando nos espaços de educação informal e não formal ainda não são tão comuns em nosso país. É uma área que está conquistando seu espaço, necessitando, portanto, confirmar sua relevância para os processos de ensino e de aprendizagem, pois a escola continua assumindo um protagonismo maior nesse sentido. Contudo, não se pretende diminuir a importância da escola nesse contexto, porém, enxergar outras possibilidades além dela.

Marques e Freitas (2017) afirmam que a expressão de educação não formal foi usada pela primeira vez por volta de 1960. Ainda assim, até a década de 1980 raramente se discutia sobre, mostrando o quanto era um tema que recebia pouca atenção no Brasil.

A partir da segunda metade do século XX, segundo Hartmann (2012), começaram a surgir questões educativas que a escola sozinha não conseguia mais dar conta e nesse panorama os processos educativos realizados fora da escola começaram a ser reconhecidos. Assim, passam a ser valorizadas novas

possibilidades de ensino e de aprendizagem, que acontecem não apenas na escola, mas fora dela e ao longo da vida, nas relações que o sujeito estabelece (CATARINO, 2017).

Portanto, a educação não formal nem sempre foi reconhecida. Tanto por parte de quem atuava diretamente na educação (professores), bem como políticas públicas que promovessem essa dimensão educativa. Isso não significa que não houvesse iniciativas de educação não formal, porém, elas não eram valorizadas como tal.

Nesse sentido, portanto, a educação não formal passa a receber maior zelo nos anos de 1990, em razão das mudanças no cenário econômico e do trabalho (CATARINO, 2017). Órgãos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) tiveram grande contribuição, atuando para solidificar essas iniciativas de educação não formal, especialmente a partir de Organizações Não-Governamentais (ONG's). São as iniciativas desenvolvidas em ONG's que começam a dar um destaque maior para a educação não formal.

Além disso, a Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu Artigo 1º propõe: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL, 2020, texto digital). Desse modo, a Lei que rege a educação nacional abre possibilidades para uma educação que não acontece somente na escola, entendendo que os processos de ensino e de aprendizagem se dão em qualquer lugar, desde a família, passando por toda convivência humana que o sujeito tiver.

Para se referir ao ensino em espaços alternativos aos da escola observa-se que pesquisadores da área utilizam diversas tipologias, como não formal, não escolar, não escolarizado. Ainda não existe um consenso em relação a isso. Neste momento, a partir de Gohn (2010) utilizaremos as três dimensões propostas por ela: educação formal, informal e não formal.

Maria da Glória Gohn (2010) afirma que a educação não formal,

normalmente, costuma ser conceituada por aquilo que ela não é, entendendo-a simplesmente como aquela que acontece fora da escola, sem especificar as condições. A autora, que é pesquisadora e forte defensora da educação em espaços informais e não formais, endossa que é imprescindível considerar as experiências que o indivíduo tem fora da escola, pois estas apresentam importância fundamental no seu desenvolvimento (GOHN, 2006).

O psicólogo bielorruso, Vygotsky (1991), considera que a aprendizagem é o processo de aquisição de conhecimentos a partir da interação com o meio social. Esse processo é chamado de internalização. Nesse sentido, é inviável pensar a aprendizagem do sujeito sem considerar todos os espaços pelos quais ele transita e as relações pessoais que ele estabelece. Para o autor, existe forte relação entre aprendizagem e desenvolvimento (VYGOTSKY, 1991). E isso ocorre em qualquer espaço e tempo, sendo escolar ou não, corroborando, assim, com a ideia de que se aprende e se ensina além da escola.

Assim, a pesquisa aqui desenvolvida se justifica pela relevância que assume na comunidade, preocupando-se em valorizar as aprendizagens construídas pelos sujeitos em ambientes além dos escolares. Existe ainda uma identificação pessoal da pesquisadora com o local de pesquisa, considerando que as inquietações para pesquisa surgiram a partir da prática docente vivenciada diariamente no local da investigação.

Ao longo de alguns anos, atuando como docente no bairro, surgiram várias provocações, dentre elas: refletir acerca de como se dão os processos de ensino e de aprendizagem dentro de um contexto de desigualdade social; pensar quais espaços a comunidade valoriza no bairro e como estes podem ser potentes para o desenvolvimento do sujeito sempre foram perguntas que estiveram presentes. Desse modo, o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ensino teve motivações pessoais que se atravessam com a prática docente do dia a dia.

Portanto, o bairro Santo Antônio foi selecionado como *lócus* de investigação para essa pesquisa pela vivência da pesquisadora no bairro através da sua atuação profissional. E, além disso, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por ser o bairro com a mais baixa renda da cidade de Lajeado, Rio Grande

do Sul (IBGE, 2020). A história mostra que o bairro foi habitado por aqueles que não tinham poder aquisitivo para estarem adquirindo terreno ou imóvel em outras áreas da cidade, sendo denominado, inicialmente, de “Chácara da Prefeitura”.

Devido às condições de alta vulnerabilidade social e de falta de políticas públicas fortes e contínuas de plano governamental é comum observar aspectos de inferiorização por parte de moradores locais. Esse panorama pode fazer com que não valorizem os seus conhecimentos e as suas lutas diárias. As pessoas da própria comunidade, em alguns casos, não exaltam suas ações, no sentido de perceberem que as atividades realizadas na associação do bairro, por exemplo, no “clube de senhoras”, ou ainda no campo de futebol são processos educativos de fundamental importância.

Nesse sentido, a representatividade dos espaços é algo singular de cada comunidade. E esta pesquisa vem no sentido de visibilizar os espaços da comunidade como possibilidades de ensino e aprendizagem, dentro de uma lógica de educação informal e não formal.

É importante, sobretudo, ponderar que a comunidade se constrói em torno de lugares considerados importantes por e para ela. Lugares onde encontram sentido e se sentem seguros, como no caso do bairro Santo Antônio, a “bica” – fonte de água que possibilitou a instalação dos primeiros moradores. Para Bauman (2003), a comunidade representa algo positivo, a começar pela própria palavra “comunidade”. Ela significa um lugar de abrigo, seguro. Se algo nos acontece, na comunidade temos com quem contar. Desse modo, é fundamental que esses espaços sejam valorizados.

A pesquisa visa ainda favorecer o protagonismo do bairro ao contar sua história, evidenciando a sua trajetória em torno dos espaços que ali que são potentes para o desenvolvimento do sujeito. E é por isso que se quer ouvir as histórias de quem por ali transita, vive, convive e sente.

O contato com o contexto faz acreditar que essa pesquisa tem muito a contribuir com o bairro, seus atores e espaços. É necessário que os sujeitos tenham consciência de que são protagonistas do lugar onde vivem e que os movimentos que acontecem nesse lugar são únicos e potentes para qualquer luta e mudança que a

comunidade necessita. Desse modo, procura-se valorizar as experiências dos indivíduos, sendo elas em espaços informais ou não formais, entendendo que elas podem contribuir para os movimentos da comunidade.

Dado o exposto, a dissertação aqui delineada é caracterizada como qualitativa, de abordagem histórico-cultural, descritiva e de análise documental. Portanto, se procurou entender as percepções dos sujeitos a partir do contexto social onde eles estão inseridos. Sobretudo, descrever esse contexto para que se entenda de que lugar os sujeitos falam.

Assim, dentro da linha de pesquisa, Ciência, Sociedade e Ensino, foram selecionados sujeitos da comunidade para identificar os sentidos atribuídos aos espaços de aprendizagem. A investigação no campo se deu a partir da aplicação da técnica da história oral¹, com entrevistas abertas, em que se procurou ouvir os sujeitos.

A seleção dos sujeitos se deu a partir da ligação que cada um deles tem com os espaços de aprendizagem do bairro selecionados para a pesquisa, seja por frequentar o espaço, ou por terem filhos que frequentem; lideranças comunitárias e religiosas do bairro; e gestores dos espaços. Todas essas entrevistas foram transcritas.

Além de entrevistas abertas, utilizou-se o Caderno de Campo para apontamentos ao longo da investigação. Registros contendo as impressões da pesquisadora que não foram gravados nas entrevistas, mas que demonstram ser extremamente relevantes para alcançar o objetivo proposto. A pesquisa de campo exige um olhar atento e observador por parte do pesquisador, por isso o Caderno de Campo é um instrumento fundamental.

Posteriormente foi feita a análise dos dados, com uma aproximação a análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Para a análise dos dados ainda se utiliza o *software* NVivo, o qual facilita a organização das entrevistas e dos registros feitos no

¹ A minha formação da graduação é História, licenciatura plena, o que motivou o uso da técnica da história oral, especialmente se considerarmos que ao longo da história da humanidade a voz privilegiada sempre foi de quem tinha poder, onde as pessoas comuns e suas vidas pouco foram valorizadas. E nessa pesquisa, se pretendeu ouvir “[...] o dia-a-dia da comunidade e das ruas” (THOMPSON, 1998, p. 22).

caderno de campo.

Nessa perspectiva o problema da pesquisa foi “conhecer as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem em um bairro da cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul”. E o objetivo é exatamente esse: analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. E refletir acerca dos processos informais e não formais de ensino que existem dentro desta comunidade, ressaltando o quanto o meio pode ser fonte de experiências para ensinar e aprender.

Assim, os objetivos específicos foram: caracterizar o contexto social, histórico e geográfico da pesquisa a fim de situar a comunidade e os espaços de aprendizagem; investigar a história dos espaços de aprendizagem, a partir de diferentes fontes e documentos; analisar os espaços e as representações para a comunidade numa abordagem da história social.

As hipóteses levantadas para a pesquisa são de que os espaços de aprendizagem representam para a comunidade possibilidades de cuidado e desenvolvimento integral das crianças e adolescentes do bairro. E que esses espaços são considerados referência para a comunidade, que demonstra pertencimento a essas instituições.

Portanto, a pesquisa assume importância, tendo em vista que é um tema ainda pouco explorado dentro do cenário dos processos de ensino e de aprendizagem. Inclusive considerando o Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari, observa-se que a maioria das produções se referem a espaços formais de ensino. E que as pesquisas relacionadas a espaços não formais estão em menor quantidade, não chegando a vinte dissertações, de um universo de setenta, aproximadamente. Dessa forma, acredita-se que as reflexões da pesquisa serão valiosas para pensar as potências do ensinar e aprender em espaços não formais.

Os estudos utilizados para sustentar essa pesquisa apontam para a importância da relação do sujeito com o meio social no qual está inserido, enfatizando a importância da cultura para o desenvolvimento de cada ser humano.

Nesse sentido, para pensar o bairro se busca apoio teórico em Costa e Maciel (2009) e Halley (2014). Já o conceito de comunidade é pensado a partir de Bauman (2003) e Oberg (2018). A pesquisa se utiliza ainda de autores como Freire (1979; 2005), Severo (2014; 2018) e Vygotsky (1991; 1993) para abordar a relação dos sujeitos com o meio e como isso contribui para o ensino. E, para discutir o ensino em espaços informais e não formais, são utilizadas as pesquisas de Gohn (2006, 2010, 2014, 2016), entre outros.

Assim, a dissertação está dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo chamado de introdução, esse que está sendo lido, aponta a natureza da pesquisa, suas motivações, justificativa, problema, objetivos e uma síntese da metodologia e dos teóricos utilizados. No segundo capítulo, denominado delineamentos da pesquisa e métodos escolhidos, é apresentado o caminho percorrido para a realização da pesquisa, incluindo a caracterização da pesquisa, seu lócus, os instrumentos para a coleta e análise dos dados e os sujeitos participantes.

No capítulo três intitulado “Vale do Taquari, Lajeado, bairro Santo Antônio e os espaços de aprendizagem: historicização e caracterização” é feita a contextualização histórica do Vale do Taquari, de Lajeado, do bairro Santo Antônio e dos espaços de aprendizagem selecionados para a pesquisa. Com exaustiva busca por documentos e informações se procurou conhecer o bairro desde as suas primeiras habitações até os dias de hoje.

O capítulo quatro “Os espaços de uma comunidade, suas percepções e as possibilidades de ensinar e de aprender” se propõe a analisar e interpretar os dados levantados ao longo das entrevistas e que foram posteriormente categorizados. Neste capítulo se discutem os espaços que a comunidade considera importante no bairro e como eles podem auxiliar para os processos de ensino e de aprendizagem.

Por fim, o capítulo cinco trata das considerações finais, em que são feitas reflexões acerca da pesquisa, procedimentos, resultados alcançados e contribuições para os processos de aprendizagem e protagonismo do bairro. Nele se sintetizam as constatações mais significativas observadas ao longo do decurso da pesquisa.

2 DELINEAMENTOS DA PESQUISA E MÉTODOS ESCOLHIDOS

Neste capítulo será descrito o caminho metodológico que foi percorrido durante a pesquisa, conforme a necessidade de delineamento desse estudo. Acredita-se que esse foi o percurso mais adequado à investigação realizada.

Será apresentada a caracterização da pesquisa, os espaços onde ela aconteceu e os sujeitos que participaram da investigação. Além dos instrumentos de coleta e análise de dados.

2.1 Caracterização da pesquisa

Com o objetivo de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, a presente pesquisa foi trilhada por um caminho específico, a partir desse objetivo. A investigação caracteriza-se como qualitativa, de abordagem histórico-cultural, descritiva e de análise documental.

Para alcançar o objetivo proposto, parte do percurso da investigação se deu diretamente no campo, ou seja, na comunidade do bairro Santo Antônio. Para Bogdan e Biklen (1994), o contato com o campo é fundamental quando se trata de uma pesquisa qualitativa. Segundo os autores:

[...] um campo que era anteriormente dominado pelas questões da mensuração, definições operacionais, variáveis, testes de hipóteses e estatística alargou-se para contemplar uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Designamos esta abordagem por “Investigação Qualitativa” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 11).

Bogdan e Biklen (1994) enfatizam o estudo das percepções pessoais enquanto pesquisa qualitativa, que é exatamente o ponto alto desta pesquisa: entender as percepções dos sujeitos participantes. E isso não se constitui como uma tarefa simples. São subjetividades dos envolvidos, sentidos e sentimentos desses espaços marcantes para a comunidade do bairro.

O desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa, que envolve sujeitos e contextos de aprendizagem, exige que se perceba os participantes da investigação enquanto seres inseridos em determinado contexto sociocultural. Minayo (2009, p. 21) afirma que a pesquisa qualitativa, “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. E continua dizendo que tudo isso é “[...] parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” (MINAYO, 2009, p. 21).

Nesse sentido, a investigação terá como parte fundamental a aproximação e conhecimento do contexto da pesquisa e os sujeitos enquanto seres sócio-históricos. Para dessa forma conhecer as percepções acerca dos espaços de aprendizagens e as suas relações com esses espaços, a partir do seu universo de significados, como destaca Minayo (2009).

Enquanto pesquisa qualitativa, de abordagem histórico-cultural, precisa necessariamente considerar o sujeito como um todo, biológico e social. A pesquisa acontece na relação entre sujeitos, de forma dialética (VYGOTSKY, 1996). Desse modo, foi a partir do contato com os sujeitos selecionados e considerando o contexto social em que estes estão inseridos é que se desenvolveu a investigação.

Freitas (2002) defende que o essencial não é o resultado, mas sim entender os comportamentos a partir das percepções dos sujeitos. Assim, entende-se que nessa pesquisa é imprescindível considerar o contexto para compreender os sentidos e a representação dos espaços da comunidade aos sujeitos entrevistados. Do mesmo modo que foi fundamental analisar as percepções para entender o contexto. Assim, Freitas (2002, p. 26) destaca que:

Os estudos qualitativos com o olhar da perspectiva sócio-histórica, ao valorizarem os aspectos descritivos e as percepções pessoais, devem focalizar o particular como instância da totalidade social, procurando compreender os sujeitos envolvidos e, por seu intermédio, compreender também o contexto.

Nessa abordagem, a relação do sujeito com meio social no qual está inserido é indissociável. Não é possível pensar “[...] fora dos limites do subjetivismo abstrato e do objetivismo reducionista e mecanicista, já que o singular e o subjetivo não existem em si mesmos, mas na relação com o coletivo e com o objetivo” (MOLON, 2008, p. 57). Portanto, para entender a percepção pessoal de cada sujeito participante da pesquisa, foi necessariamente essencial visualizar e compreender o coletivo, ou seja, o contexto social dos sujeitos. E para isso, foi fundamental toda a contextualização histórica feita do bairro Santo Antônio, do município de Lajeado e do Vale do Taquari.

Nesse sentido Vygotsky (1996, p. 368) afirma que, “[...] o conhecimento do singular é a chave de toda a psicologia social; de modo que devemos conquistar para a psicologia o direito de considerar o singular, ou seja, o indivíduo, como um microcosmo, como um tipo, como um exemplo ou modelo da sociedade”. Portanto, foi necessário descrever o contexto da pesquisa, para entender cada sujeito como parte de algo maior.

Em relação à pesquisa descritiva, Gil (2010), destaca que ela se propõe a delinear o que caracteriza aquela população na qual se está pesquisando. Dessa forma: “O foco essencial destes estudos reside no desejo de conhecer a comunidade, seus traços característicos, suas gentes, seus problemas [...]” (TRIVIÑOS, 1987, p. 110). Ou seja, nesse tipo de pesquisa, é necessário aprofundar-se e obter o máximo de informações sobre o lugar, pois “O estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 110).

Salienta-se que para compreender o contexto da pesquisa foi necessário identificar a história do bairro relacionada à história de Lajeado, do Vale do Taquari e aos processos de estabelecimento dos espaços de aprendizagem. Para isso, foi realizado um levantamento bibliográfico das referências já existentes acerca do tema, e consulta aos acervos documentais disponíveis, como por exemplo, o Centro de Memória Documentação e Pesquisa da Univates (CMDPU), Biblioteca da

Univates, Biblioteca Pública de Lajeado, entre outras pesquisas desenvolvidas por acadêmicos da Universidade do Vale do Taquari (Univates), Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Ainda se utilizou a técnica da análise documental que, segundo Lüdke e André (1986, p. 38), “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema”. Desse modo, na intenção de aprofundar o conhecimento acerca dos espaços de aprendizagem e sua constituição, foi fundamental essa análise documental, incluindo o acesso e leitura dos Regimentos Internos, Projetos Político Pedagógicos e documentos que registram o histórico dos espaços de aprendizagem selecionados.

Severino (2007, p. 122-123) lembra que em se tratando de pesquisa documental “[...] tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”. Nesse sentido, foram consultados outros materiais disponíveis, como por exemplo, registros de dados históricos, reportagens de jornais, fotografias, legislação, entre outros.

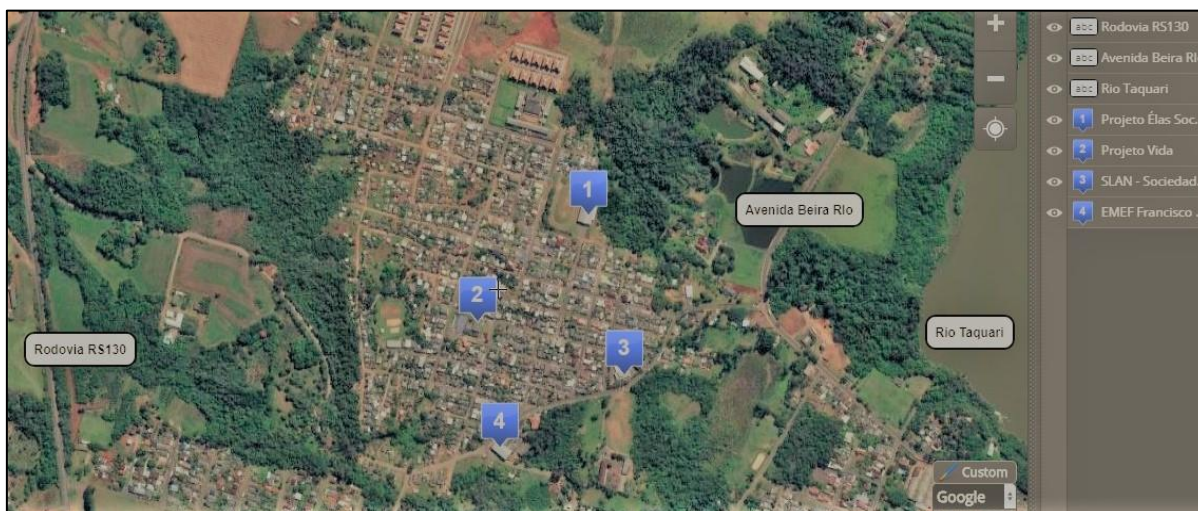
Lüdke e André (1986) ainda argumentam que os documentos precisam ser selecionados conforme a necessidade, de modo que possam de fato contribuir para a investigação. Portanto, foram acessados aqueles documentos que revelavam-se potentes para contribuírem com a descrição e contextualização dos espaços.

Para que o acesso a esses documentos fosse permitido, foi necessário apresentar em cada um dos locais uma Carta de Apresentação, emitida pela Secretaria do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino da Universidade do Vale do Taquari. Além disso, protocolar, previamente, uma autorização junto à Prefeitura Municipal de Lajeado, para as instituições por ela mantidas (Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal e Projeto Vida Santo Antônio).

2.2 Locais de pesquisa

A pesquisa será realizada no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, e os espaços de aprendizagem nele selecionados. São eles: Projeto Élas Social, Projeto Vida Santo Antônio (PV) e Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente (SLAN) e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal (FOK), conforme a Figura 1.

Figura 1 – Localização dos espaços



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Creat Map (2020).

Duas das instituições são mantidas pelo poder público municipal (FOK, PV), uma por associação sem fins lucrativos (SLAN) e outra por um grupo independente de mulheres (ÉLAS).

2.3 Instrumento de coleta de dados

Durante a pesquisa foi realizada a técnica da história oral, com entrevistas abertas. Thompson (1998) afirma que a história oral é tão antiga quanto a própria história, pois foi uma das primeiras formas de se fazer história na humanidade. Tanto no Brasil como em toda América Latina, a história oral tem crescido nas últimas décadas, segundo Amado (2000). Para esse mesmo autor, ela tem aparecido não apenas em pesquisas acadêmicas, mas também em iniciativas nos meios populares, incluindo associações de bairros e movimentos sociais.

Alberti (2005, p. 29), justifica que “[...] a história oral não é um fim em si

mesma, e sim um meio de conhecimento”. A autora ainda argumenta que é importante uma “[...] investigação exaustiva do objeto de estudo, em fontes primárias e secundárias, com o objetivo de obter uma base firme de conhecimento do tema, que garanta a qualidade dos trabalhos subseqüentes [sic]” (ALBERTI, 2005, p. 81). Nesse sentido, para dar base ao que foi levantado a partir das entrevistas, utilizou-se a análise documental, conforme já salientado. Buscou-se, portanto, o contato com documentos específicos dos espaços de aprendizagem, além de bibliografias e pesquisas que auxiliam na contextualização do bairro Santo Antônio.

Fazer pesquisa usando a história oral dá a oportunidade de expressão para aqueles sujeitos que na maioria das vezes não são ouvidos. Assim, Thompson (1998, p. 44) corrobora, dizendo:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade.

Desse modo, foi a partir da história oral que se pretendeu conhecer de forma mais aprofundada o bairro e suas percepções dos espaços de aprendizagem, partindo da percepção dos sujeitos entrevistados. Histórias contadas por pessoas da própria comunidade, por vozes, como já dito, “menos privilegiadas e, paralelamente, propondo o desafio de um novo sentido social da história” (RIBEIRO; MACHADO, 2014, p. 582).

Utilizou-se, portanto, a técnica de história oral temática, que dialoga com outros documentos escritos. Conforme Meihy (2002, p. 145), “[...] a história oral temática se compromete com o esclarecimento ou a opinião do entrevistado sobre algum evento definido”. Ela usualmente é utilizada quando se investiga algo que diz respeito à comunidade como um todo.

Desse modo, as entrevistas realizadas foram do tipo abertas. Para Boni e Quaresma (2005) “A técnica de entrevistas abertas atende principalmente finalidades exploratórias, é bastante utilizada para o detalhamento de questões e formulação mais precisas dos conceitos relacionados”. Nesse formato de entrevistas o pesquisador inicia uma conversa sobre o tema e deixa que o entrevistado fale. É uma técnica utilizada quando se pretende saber mais sobre o assunto, a partir da

visão do sujeito participante (BONI; QUARESMA, 2005).

Nesse sentido, a pergunta disparadora para início à conversa foi a seguinte: “Quais os espaços você considera importantes para a comunidade do bairro Santo Antônio?”². A partir dessa pergunta se permitiu que os sujeitos iniciassem seu depoimento, momento em que falavam não apenas quais os espaços, mas também o porquê de eles serem importantes, incluindo o desenvolvimento dos mesmos ao longo do processo histórico. Ou seja, uma questão para iniciar a conversa, de modo que o sujeito se sentisse à vontade para trazer suas percepções e significados acerca dos espaços de aprendizagem, considerando um processo dialógico.

Mais importante do que propor inúmeras questões, é escutar o que os sujeitos têm a dizer acerca do tema da investigação. Em relação ao exercício de escuta, Eliane Brum, em entrevista para Agnes Mariano, destaca que “Escutar é tu não interromper quando a pessoa está falando. É tu não esperar que ela fale uma coisa quando ela não fala o que tu quer e então tu acha que não está bom. Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir” (MARIANO, 2011, p. 310). Ou ainda:

Escutar é também não interromper as pessoas quando elas não falam na velocidade que a gente gostaria ou com a clareza que a gente desejaria, principalmente, quando elas não dizem o que a gente pensava que diriam. Escutar é não induzir as pessoas a dizer o que gostaríamos que dissessem (BRUM, 2008, p. 39).

Escutar os sujeitos e seus sentimentos em relação aos espaços do bairro sem a pretensão de ouvir apenas o que se quer ou da forma como se deseja. Mas atentar para a forma como as coisas são ditas e não ditas, as entonações e os olhares expressados. Prestar atenção quando falam e quando calam:

O que as pessoas falam, como dizem o que têm a dizer, que palavras escolhem, que entonação dão ao que falam e em que momentos se calam revelam tanto ou mais delas quanto o conteúdo do que dizem. Escutar de verdade é mais do que ouvir. Escutar abarca a apreensão do ritmo, do tom, da espessura das palavras - e do silêncio (BRUM, 2008, p. 37).

Desse modo, se procurou valorizar cada expressão do sujeito, inclusive o

² Para a maior parte dos entrevistados não houve a necessidade de fazer mais perguntas. Ao começarem contando sobre os espaços que consideram importantes no bairro, naturalmente contaram acerca do que esses espaços significam para quem vive no bairro Santo Antônio e porque existe a necessidade de cuidar desses espaços e mantê-los para que possam continuar usufruindo e vivendo esses espaços.

silêncio e a forma como olhavam para o entrevistador e para o ambiente à sua volta (ruas, casas). E isso trouxe lembranças de fatos e acontecimentos do bairro e dos espaços ao longo do tempo.

Segundo Freitas (2006), não é o número de entrevistas feitas que dará um resultado eficiente para a pesquisa, e sim, a qualidade dessas entrevistas. Portanto, é importante conhecer brevemente a biografia do entrevistado, assim como ocorreu, pois “[...] o entrevistador estará lidando com a memória que, às vezes, pode ser vaga em relação a coisas que aconteceram e, por isso, o entrevistador pode e deve ajudar as pessoas a resgatar as suas memórias, principalmente quando for solicitado” (FREITAS, 2006, p 87). Desse modo, foram entrevistados dez sujeitos de acordo com os objetivos propostos: os gestores dos espaços e sujeitos que já usufruíram desses espaços, ou seja, frequentaram os espaços na infância, na adolescência ou ainda hoje, ou que possuem filhos que frequentam esses espaços atualmente.

A entrevista, segundo Eliane Brum, é uma relação de confiança entre entrevistado e entrevistador e, para isso, é necessário ter tempo para escutar, pois cada pessoa tem o seu tempo de falar. É necessário desconstruir a nossa visão de mundo e escutar o sujeito entrevistado com todos os sentidos. Para Brum, cada movimento, silêncio ou gesto do entrevistado deve ser escutado pelo entrevistador (MARIANO, 2011).

Após realizadas e gravadas, as entrevistas foram transcritas na íntegra e, em seguida, encaminhadas para os entrevistados, para que pudessem fazer possíveis correções ou complementar algo que não tenha sido dito no momento da entrevista. Posterior a isso, foi feito o trabalho de copidesque que, segundo Alberti (2005, p. 214), consiste em “[...] corrigir erros de português (concordância, regência verbal, ortografia, acentuação)”. Para depois, serem utilizadas na análise e desenvolvimento do trabalho escrito.

Além das entrevistas abertas, a pesquisa ainda utilizou como instrumento o caderno de campo. Conforme Meihy (2002, p. 176), “[...] aconselha-se vivamente o uso do caderno de campo no acompanhamento das entrevistas e no registro da evolução do projeto. No caderno de campo colocam-se as observações tanto do

andamento do projeto como das entrevistas específicas”.

O instrumento que é chamado de caderno de campo por Meihy (2002), é chamado de diário de pesquisa por Remi Hess. O autor nos lembra que assim como existem os diários íntimos, também existem os diários de pesquisa. Para Hess (2006), com o diário desenvolvemos uma identidade de pesquisador. Desse modo, no diário ficam registradas as memórias das pesquisas realizadas, nossas ideias, reflexões e descobertas ao longo da investigação.

O diário registra o que é encontrado e vivenciado durante a pesquisa e deve ser escrito no presente, destaca Hess (2006, p. 91), quando diz que “Não é um escrito posterior, mas um escrito do momento. Aceita-se, então, a espontaneidade e eventualmente a força dos sentimentos, a parcialidade de um julgamento, enfim, a falta de distanciamento”. Dessa forma, está no diário aquilo que é vivenciado e quando acontece e, por isso, expressa o “calor da hora”.

Esse instrumento, portanto, é potente para registrar os detalhes do desenrolar da pesquisa. E, segundo Meihy (2002, p. 176-177), “[...] uma das funções do caderno de campo é possibilitar um diálogo freqüente [sic] e constante em relação ao projeto inicial. Certamente, o caderno de campo se torna um referencial obrigatório nas finalizações dos trabalhos”. Portanto, é o instrumento no qual constam o andamento da pesquisa, pontos positivos, desafios e detalhes que aconteceram além da entrevista propriamente dita.

2.4 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos entrevistados foram selecionados a partir do envolvimento com os espaços de aprendizagem e com a comunidade em geral. Alguns dos sujeitos frequentam ou frequentaram os espaços previamente selecionados; outros estão envolvidos atualmente em função dos filhos frequentarem os espaços; ou ainda, por serem professores, gestores ou líderes na comunidade. Dessa forma, as entrevistas foram realizadas com o gestor de cada espaço de aprendizagem, além de pessoas da comunidade, especialmente integrantes das famílias que usufruem dos espaços.

A investigação segue os princípios éticos e morais de pesquisa. As

instituições participantes assinaram a Carta de Anuência (APÊNDICE D), para que a investigação possa ser efetivada. Os sujeitos participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE E), de forma que suas entrevistas possam fazer parte da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas nos meses de julho, agosto e setembro de 2020. No projeto de pesquisa estavam previstas que elas seriam realizadas entre março e julho. Porém, devido à Pandemia da Covid-19, as idas ao campo ficaram suspensas. Foi aguardado por um período e em função do nível de contágio não reduzir e proporcionar uma situação de maior segurança, algumas entrevistas foram realizadas pelo *Google Meet*. A partir do contato com o sujeito se identificou se haveria possibilidade de realizar a entrevista através da ferramenta. Nas ocasiões em que não houve a possibilidade de realização de forma online, as conversas ocorreram em campo, tendo todos os cuidados recomendados pelos órgãos de saúde. Dentre os cuidados observados, estava o uso de máscara, distanciamento social e uso de espaços abertos, como o pátio ou área da casa.

Tabela 1 - Nome dos entrevistados e categorias

Entrevistado	Categoria
Antônio Nilson Do Arte	Morador
Antônio Rempel	Professor
Demétrios Karol Lorenzini	Gestor
Fernanda Colombo	Idealizadora de projetos sociais
Josuana da Silva Gonçalves	Moradora
Lara Cristina Girardi	Secretária de escola
Letícia Regina de Bairros	Moradora
Mara Rejane Bocchese	Gestora
Marisete Mathes	Gestora
Mônica da Rosa	Moradora
Sílvia Regina Gomes Schmitz	Moradora

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Descrição dos sujeitos entrevistados:

Antônio Nilson Do Arte, morador do bairro Santo Antônio, líder político e religioso do bairro. Mora no bairro há trinta e três anos. É evangelista da Igreja Assembleia de Deus do bairro Santo Antônio há 12 anos e foi vereador entre 2017 e

2020. Natural do interior, mudou-se para Lajeado em 1984. No lugar onde foram morar, a enchente do rio Taquari, que nas últimas décadas tem sido praticamente anual, acabava chegando, não permitindo ser um lugar habitável. Em 1987, através de um projeto habitacional, sua família mudou-se para o bairro Santo Antônio, para “[...] *fugir da enchente*” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE. Anotação no caderno de campo, no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Antônio Rempel, professor, atua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal há trinta e um anos e por isso é considerado uma referência para os moradores da comunidade. Foi diretor da escola de 1989 a 1996 e de 2002 a 2005. Recorda com alegria os primeiros anos de trabalho no bairro *“Quando fomos para lá em 89, enfrentamos muitas dificuldades. Eu procurava negociar, dialogar, interagir. [...] valeu a pena. Agora, passados tantos anos, uma retrospectiva de muito empenho e persistência”* (ANTÔNIO REMPEL, entrevista concedida em Lajeado/RS, no dia 22 de julho de 2020).

Demétrios Karol Lorenzini, professor, atua no bairro Santo Antônio desde 2009. Inicialmente atuou na Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio e em 2013 passou a atuar como professor no Projeto Vida Santo Antônio, onde está diretor desde 2014, conforme relata *“Eu cheguei no Projeto em 2013 como professor e em 2014 assumi a direção”* (DEMÉTRIOS KAROL LORENZINI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 21 de julho de 2020).

Fernanda Colombo, idealizadora do Projeto Élas Social. Além de atuar no Élas, integra outros projetos sociais e tem se dedicado a essas iniciativas. Segundo ela mesma conta *“O Élas nasceu numa busca minha muito grande de autoconhecimento e busca de propósito. Tinha acabado de retornar de um ‘mochilão’ de 6 meses, onde vi muita miséria, e um planeta Terra pedindo socorro”* (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

Josuana da Silva Gonçalves, moradora do bairro Santo Antônio desde os seus cinco anos de idade. Uma de suas filhas frequentou a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal e a Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. E as suas outras duas filhas frequentam a

Escola Municipal de Educação Infantil Cantinho Mágico. Com alegria, ela conta que o bairro melhorou muito: “Melhorou em todos os aspectos” (JOSUANA GONÇALVES, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Lara Cristina Girardi, secretária da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal. Atua na instituição há vinte e cinco anos. Lara comenta que gosta muito de trabalhar no bairro Santo Antônio e conta, “Eu acho que eu não saberia mais trabalhar em outro lugar, em outra realidade [...]” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Letícia Regina de Bairros, moradora do bairro há trinta anos. Ela comentou que é “*Natural do Paraná, veio para Lajeado com 11 anos de idade, morou em alguns outros bairros e com 13 anos foi morar no bairro Santo Antônio*” (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, anotação no caderno de campo, no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020). Seus três filhos frequentam espaços de aprendizagem do bairro atualmente: Escola Municipal de Educação Infantil Cantinho Mágico, Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal, Projeto Vida Santo Antônio e Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente.

Mara Rejane Bocchese, professora, atua na Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente há 25 anos. Há 14 anos está gestora da instituição no bairro Santo Antônio e lembra que os “[...] moradores têm muito carinho com o pessoal que vem para cá e trabalha com eles” (MARA REJANE BOCCHESE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de agosto de 2020).

Marisete Mathes, professora, atua na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal há dez anos. Atualmente é gestora da instituição e conta com alegria o vínculo afetivo construído com as crianças: “[...] já trabalhei em outros bairros, mas a afetividade que as crianças têm com a gente aqui, quando elas se vinculam, não encontrei em lugar nenhum, nenhuma outra escola” (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020).

Mônica da Rosa, moradora do bairro desde que nasceu. Frequentou a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal, Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio e o Projeto Vida, espaços que lembra com muito carinho: *“Eu tenho boas lembranças dos professores, tem alguns que me marcaram porque eram muito bons”* (MÔNICA DA ROSA, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020). Seus filhos atualmente frequentam a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal, o Projeto Vida e a Escola Municipal de Educação Infantil Cantinho Mágico.

Sílvia Regina Gomes Schmitz, moradora do bairro desde que nasceu. Ela conta que: *“Fiquei cinco anos fora, não me acostumei [...]”* (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020). E retornou para Lajeado, para o bairro Santo Antônio. Durante a sua infância e adolescência ela frequentou a Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio, Escola Municipal Francisco Oscar Karnal, a Sociedade de Atendimento à Criança e ao Adolescente e o Projeto Vida. Seus dois filhos frequentam espaços de aprendizagem do bairro atualmente: Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal e Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. Antes, já frequentaram a Escola Municipal de Educação Infantil Cantinho Mágico.

Além dos sujeitos entrevistados, estavam previstas outras conversas que não puderam ser realizadas em função dos sujeitos estarem no grupo de risco da Covid-19, que foi o caso de Petronila Andrade, que é considerada uma liderança do bairro. Foi diretora da ONG Abaquar, além de ter lutado para conquistas do bairro, incluindo escolas e projetos. Therezinha Andrade, presidente da Associação Simón Bolívar e possui uma caminhada de lutas pelo bairro, sendo portanto, uma referência para os moradores³.

Além das mencionadas acima, também estava marcada a entrevista com a

³ A entrevistada Lara Cristina Girardi considerou importante ouvir Petronila Andrade, mas alertou que ela integra o grupo de risco da Covid-19. Além de Petronila, Lara indicou uma conversa com o professor Antônio Rempel, que atua na escola desde o final da década de 80. (Anotação feita no Caderno de Campo durante conversa realizada via Google Meet, dia 13 de julho de 2020). A entrevistada Sílvia Regina Gomes Schmitz ressaltou o quanto seria valioso ouvir, além da líder comunitária Petronila Andrade, a moradora e liderança do bairro, Therezinha Andrade, porém lembrou que elas fazem parte do grupo de risco à Covid-19 (Anotação feita no Caderno de Campo no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, dia 27 de julho de 2020).

liderança comunitária e integrante do Projeto Élas Social, Marinês Alves da Silva. Os encontros do Projeto Élas, que aconteciam duas vezes por semana, ficaram suspensos devido à pandemia da Covid-19. Quando voltaram a ser realizados, se fez contato e seria realizada uma entrevista com a Marinês. A entrevista já estava agendada, mas a dona Marinês teve uma parada cardíaca alguns dias antes, esteve hospitalizada e veio a falecer. Em função disso, os encontros novamente foram suspensos, pois eles aconteciam na casa da própria Marinês, impossibilitando fatalmente a realização dessa conversa.

2.5 Análise dos dados

Os dados coletados ao longo da investigação foram examinados mediante uma aproximação com análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). A análise de conteúdo, vista como esforço de interpretação, “Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem” (BARDIN, 2011, p. 15).

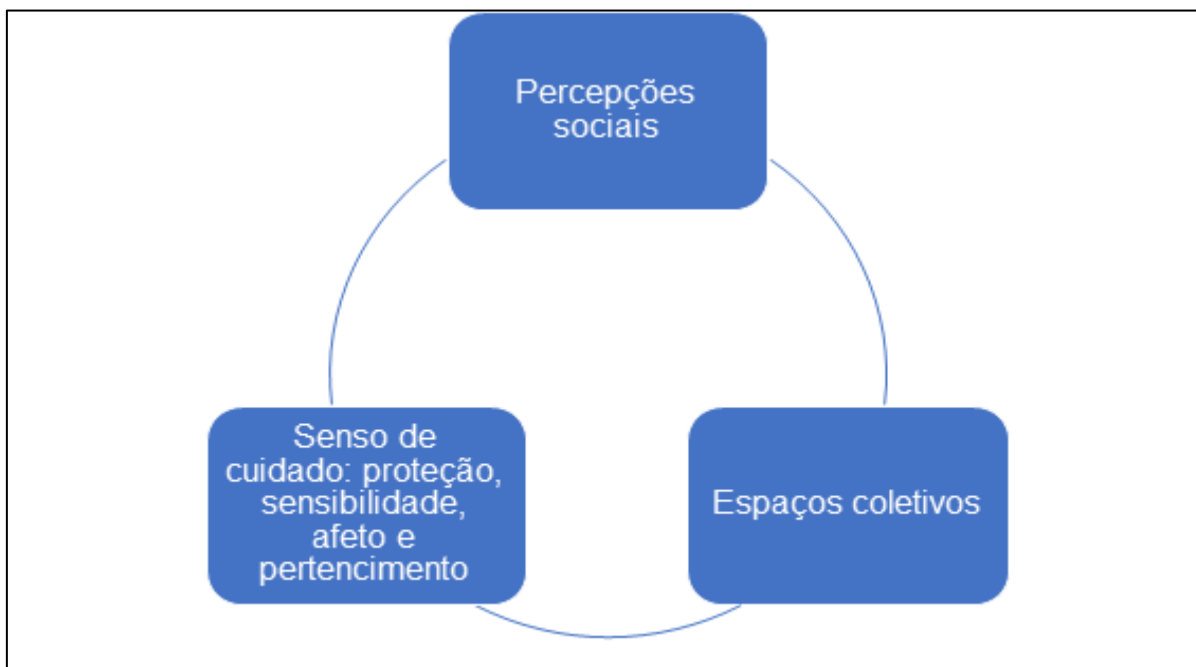
Câmara (2013) reforça que na análise de conteúdo o papel do investigador é enxergar características que estão no conteúdo em análise. “[...] um esforço de interpretação que oscila entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade” (CASTRO *et al.*, 2011, p. 816). É preciso, portanto, “[...] entender o sentido da comunicação como se fosse o receptor normal e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira” (CÂMARA, 2013, p. 182).

A análise de conteúdo pode ser feita a partir de diferentes técnicas, que se aprimoram a todo momento, podendo ser utilizada para diferentes discursos (BARDIN, 2011). Segundo o autor, “Não existe coisa pronta em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes dificilmente transponíveis” (BARDIN, 2011, p. 36). Nesse sentido, o autor propõe três estágios de organização da análise, definidos como: pré-análise (organização do material); exploração do material (unidade de análise, categorização) e tratamento dos resultados obtidos (interpretação).

Inicialmente foi feita uma exploração e leitura flutuante (BARDIN, 2011), para

depois selecionar os dados que farão parte da análise. E, a partir disso, foram identificadas três categorias, conforme explicitado na Figura 2:

Figura 2 - Categorias de análise



Fonte: Elaborado pela autora a partir de NVivo (2020).

As categorias foram estabelecidas a partir da pré-análise do conteúdo, com aproximações ao que é proposto por Bardin (2011), considerando aquilo que foi trazido pelas entrevistas realizadas e dados coletados. Tendo como princípio “[...] preservar a objetividade, mas também afastar qualquer indício de ‘subjetividade’ [...]” (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005, p. 309).

O volume de dados foi grande e para realizar a análise de forma rigorosa utilizou-se um software para auxiliar nesse processo. Duarte (2004) ressalta que quando se utilizam entrevistas em pesquisas qualitativas, o ideal é que sejam em bom número, o que implica em um grande volume de dados. Nesse sentido, “[...] o uso de softwares para análise de dados qualitativos se justifica e, em alguns casos, se impõe. Existem excelentes programas de computador que ajudam a dar um tratamento mais organizado e mais rigoroso ao grande volume de material empírico [...]” (DUARTE, 2004, p. 217).

Nesse sentido, para auxiliar na análise dos dados utilizou-se o software NVivo. Conforme Ames (2013), o software pode auxiliar no gerenciamento dos

dados obtidos e é atualmente o mais utilizado no Brasil em pesquisas qualitativas, nas quais se tem um grande volume de dados: “Ele facilita a organização de entrevistas, imagens, áudios, discussões em grupo, leis, categorização dos dados e análises” (SILVA *et al.*, 2015, p. 125).

Desse modo, o software possibilitou a organização do material a partir da importação dos arquivos (entrevistas transcritas e anotações no caderno de campo) para dentro programa. E assim, organizar o conteúdo dentro das categorias identificadas durante a exploração do material.

O NVivo, portanto, caracteriza-se como um facilitador, que não substitui o trabalho de investigação do pesquisador. Assim como destaca Ames (2013, p. 233): “O NVivo, por si só, não analisa os dados, mas apenas auxilia esse processo”. Ou seja, o software possibilitou a organização e exploração do material de pesquisa, porém as análises necessitaram da pesquisadora para que ocorressem.

Acredita-se que a abordagem de pesquisa escolhida, seus instrumentos e análise de dados tenham sido os mais adequados para o desenvolvimento dessa investigação.

3 VALE DO TAQUARI, LAJEADO, BAIRRO SANTO ANTÔNIO E OS ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM: HISTORICIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

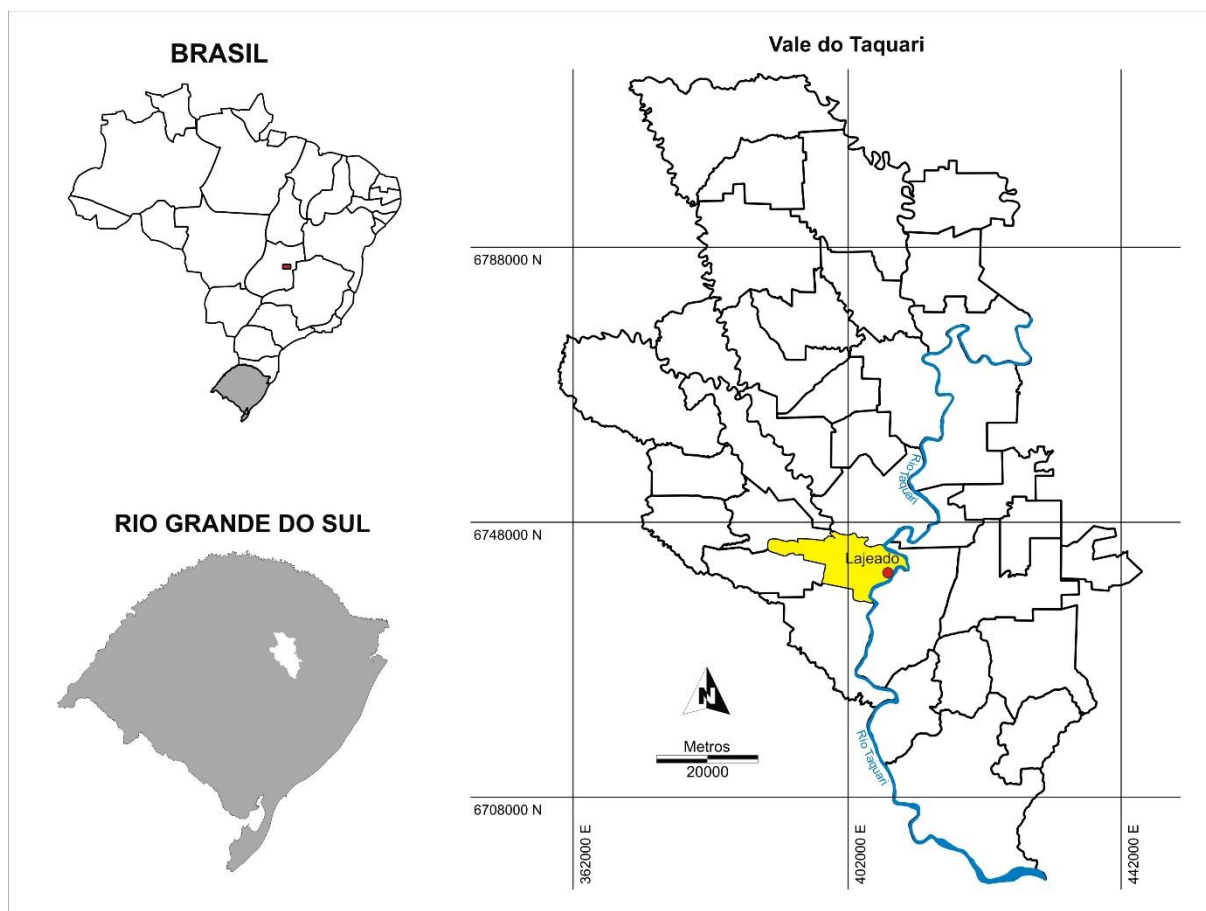
3.1 O Vale do Taquari: um breve de suas ocupações

O município de Lajeado localiza-se no Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul. Para contextualizar o município e o bairro Santo Antônio, é importante que se faça um breve resgate das ocupações humanas que aconteceram no Vale do Taquari ao longo do tempo.

O Vale do Taquari possui uma população total de 327.723 habitantes, em uma área de 4.821,40 km², incluindo 36 municípios, conforme a Figura 3. São eles: Anta Gorda, Arroio do Meio, Arvorezinha, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Capitão, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Dois Lajeados, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Fazenda Vilanova, Forquetinha, Ilópolis, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Nova Bréscia, Paverama, Poço das Antas, Pouso Novo, Progresso, Putinga, Relvado, Roca Sales, Santa Clara do Sul, Sério, Tabaí, Taquari, Teutônia, Travesseiro, Vespasiano Corrêa e Westfália (CODEVAT, 2020).

O Vale do Taquari está localizado no centro leste do estado do Rio Grande do Sul e fica a uma distância média de 150 quilômetros da capital Porto Alegre (KREUTZ, 2009). Conforme FEE (2020), a região possui 1,71% da área total do Estado.

Figura 3 – Localização do Vale do Taquari



Fonte: Adaptado a partir de Eckhardt (2005).

No decorrer da história humana, o homem procurou lugares para se adaptar e viver, de acordo com as características ambientais dos espaços. Num primeiro momento, grupos Caçadores Coletores (nômades), que possivelmente chegaram ao estado por volta de 11.000 anos Antes do Presente, circularam por todo Vale do Taquari.

Esses grupos, como o próprio nome diz, viviam com os recursos naturais disponíveis, incluindo caça e coleta. Para Kreutz e Machado (2017, p. 21), “O ambiente encontrado por grupos Caçadores e Coletores permitiu que circulassem por praticamente todas as áreas do Vale do Taquari. O referido espaço apresentava condições ideais à sobrevivência, pois havia uma boa oferta de recursos naturais”.

Mais tarde, os Caçadores Coletores foram perdendo espaço para grupos mais sedentários, como os Guarani. Por terem características sedentárias, essas populações indígenas se fixaram nas planícies próximas aos rios, produzindo cerâmica e cultivo de plantas (KREUTZ; MACHADO, 2017).

Os Jê Meridionais se deslocaram da Região Central do Brasil para o estado do Rio Grande do Sul e, por consequência o Vale do Taquari, em torno de 1200 anos atrás. Foram construtores de casas subterrâneas, escavando buracos no solo e cobrindo-os com galhos e palha. Vestígios mostram que esses grupos habitaram de forma mais intensa a região alta do Vale do Taquari, locais onde havia a presença de pinheiros (KREUTZ *et al.*, 2018).

As populações Guarani chegaram ao Vale do Taquari no século XIII. É provável que tenham encontrado alguns Caçadores Coletores e que possa ter havido conflitos entre esses grupos. As populações Guarani começaram a se deslocar da região do Amazonas, passando por outras regiões do país, Paraguai, Uruguai, Argentina (KREUTZ *et al.*, 2011).

Em relação ao povo Guarani, Kreutz *et al.* (2018, p. 17) destacam que “Manejavam a floresta, cultivavam diversos alimentos domesticados e produziam vasilhas de cerâmica para guardar comida, bebida e enterrar alguns mortos da aldeia”. Para sua sobrevivência os Guarani procuravam se fixar em locais que estivessem de acordo com a sua necessidade. Ou seja, locais de baixa altitude, próximos a rios, onde pudessem cultivar, pescar e tivessem acesso à água. Além disso, consideravam a escolha de um local onde pudessem se defender mais facilmente.

A partir da chegada dos colonizadores europeus, muitas aldeias indígenas foram destruídas em todo continente americano e no Vale do Taquari isso também aconteceu. O objetivo dos colonizadores era conquistar os territórios habitados pelos povos pré-coloniais. É provável que os primeiros contatos na região tenham ocorrido no século XVII. E esse contato trouxe mudanças extremamente sentidas pelas populações indígenas que demonstraram resistência.

Espanha e Portugal, os dois países da Península Ibérica que lideravam as navegações, disputaram o território brasileiro, especialmente a região a sul. Em 1494 esses dois países assinam o Tratado de Tordesilhas e, a partir dele fica definido que o território que hoje corresponde ao Rio Grande do Sul, pertencia à Espanha. Em relação a isso, Kreutz e Machado (2017, p. 45) dizem o seguinte:

Interessados nas “novas terras”, entre elas o Rio Grande do Sul, os países

da Península Ibérica travaram intensas disputas. Entre tratados e acordos e, muitas vezes, combates bélicos, Portugal e Espanha, desde a assinatura do Tratado de Tordesilhas, no século XV, até o início do século XIX, não conseguiram estabelecer limites políticos ao sul do território brasileiro, pois inúmeros tratados foram assinados e, ao mesmo tempo, revogados. Somente em 1801, o território do Rio Grande do Sul passou definitivamente para o domínio de Portugal.

Acredita-se que jesuítas espanhóis, e bandeirantes circularam pelo do Vale do Taquari na década de 1630, mas não se fixaram na região. Registros nas Cartas Ânuaas indicam que padres enviados pela Companhia de Jesus tenham circulado pelo Vale e feito contato com indígenas. Entretanto, apenas realizaram expedições exploratórias ou de reconhecimento para observar quais eram as possibilidades econômicas da região (KREUTZ; MACHADO, 2017).

Nas Cartas Ânuaas aparecem registros de que alguns Guarani teriam solicitado aos padres a construção de uma redução jesuítica na região, porém, os padres haviam pedido que eles se deslocassem até uma redução já construída. Esse interesse de fazer parte de uma redução não era unanimidade entre o povo Guarani. Sobre as reduções, Kreutz (2018 *et al.*, p. 45) destaca o seguinte:

Não há registro de nenhuma redução no Vale do Taquari, apenas passagem de alguns sacerdotes vindo do norte do Estado. Os jesuítas espanhóis não tiveram tempo de organizá-las, pois com a vinda dos bandeirantes, e conseqüentemente [*sic*] o aprisionamento de indígenas, estas se tornaram inviáveis na região.

Além das expedições jesuítas, portanto, o Vale recebeu bandeirantes paulistas. O Brasil Colônia, então dividido em Capitâneas Hereditárias, produzia açúcar no Nordeste, com mão de obra escrava. A capitania São Vicente (São Paulo) produzia outras culturas e não tinha dinheiro para comprar escravos africanos e isso fez com que procurassem no indígena essa mão de obra.

Para isso, foram organizadas bandeiras com a intenção de escravizar indígenas, atacando principalmente as reduções. Pelo Vale do Taquari passaram as bandeiras de Antônio Raposo Tavares e André Fernandes, na década de 1630.

Conforme Kreutz *et al.* (2018), o primeiro ciclo de ocupação da Companhia de Jesus se encerra quando as reduções foram destruídas ou abandonadas devido aos ataques dos bandeirantes e dos indígenas que não se converteram. Nesse momento, migram para a margem direita do rio Uruguai (Argentina). E os bandeirantes vão em busca de ouro e prata, deixando o Rio Grande do Sul e

voltando-se para o centro do país.

A assinatura do Tratado de Madri, em 1750, fez com que o cenário se modificasse mais uma vez, pois a partir da assinatura deste as reduções localizadas a oeste do Rio Grande do Sul pertenciam a Portugal. Dessa forma, os indígenas se deslocam para a margem direita do Rio Uruguai. Poucos anos depois, em 1777, o Tratado de Santo Ildefonso muda mais uma vez o desenho do que pertence à Espanha e Portugal.

Entre o fim das bandeiras e das reduções jesuíticas “[...] por volta de 1640, a história da região apresenta grandes lacunas ao pesquisador” (KREUTZ; MACHADO, 2017, p. 55). Em meados de 1700 são trazidos os primeiros colonos de origem açoriana para o Vale. Conforme Pires (2016), em 1752, mais precisamente, já havia casais açorianos ocupando Santo Amaro. Existia uma preocupação de Portugal em habitar o território anteriormente conquistado e para isso foram criados diversos povoados. Para ocupar esses territórios, em Taquari, foi feita a concessão de sesmarias ao Capitão Francisco Xavier de Azambuja, Pedro Lopes Soares e a Antônio Brito Leme.

Os irmãos João Ignácio e José Ignácio Teixeira receberam, em 1800, as fazendas Lajeado e Estrela. Assim como os indígenas, os açorianos também ocuparam as margens dos rios, locais propícios para plantações. Além do cultivo de alimentos como milho, mandioca, feijão, eram realizadas atividades como extração de madeira, pedras e erva-mate. (KREUTZ *et al.*, 2018).

Assim como em praticamente todo território brasileiro, no Vale do Taquari também houve escravidão. Desde o século XVI o escravo africano começou a ser utilizado para realizar atividades importantes para a economia do Brasil Colônia e guerras como a Revolução Farroupilha.

Os escravos africanos tiveram enorme importância para a região do Vale, assumindo o trabalho pesado da produção de trigo, por exemplo. Foram trazidos para região em grande número. “Entre 1872 e 1873, segundo as matrículas de escravos, em Taquari havia 2.662 escravos, 213 locados em núcleos urbanos e 2449 em áreas rurais”, de acordo com Kreutz *et al.* (2018, p. 36). Desses, “1.460 homens e 1.202 mulheres” (PIRES, 2016, p. 92).

No Vale do Taquari, por volta de 1850 “[...] Antônio Fialho de Vargas se estabelece no atual município de Lajeado. Casado com Maria Inácia da Conceição Dutra, Fialho de Vargas adquiriu as Fazendas de Conventos e Lajeado ou Carneiros, onde ergueu casas, senzala e engenho” (KREUTZ *et al.*, 2011, p. 87).

As más condições às quais os escravos estavam expostos fazia com que tentavam fuga sempre que possível. Em meados de 1800, a escravidão já não era mais vista com bons olhos, especialmente com a assinatura da Lei do Ventre Livre e a Lei dos Sexagenários. Aos poucos é concedida liberdade para a população escrava, ainda mais com a Lei Áurea, em 1888.

Mesmo depois de libertos, os africanos continuavam enfrentando sérios problemas em relação às questões financeiras, de estudo, de habitação e outras. Tanto que alguns permaneceram trabalhando nas fazendas. Outros se deslocaram para centros urbanos para buscar trabalho.

Houve também a organização de quilombos, locais onde os escravos formavam suas comunidades. Na maior parte das vezes, elas eram constituídas por escravos fugidos. “Os quilombos representam uma das maiores lutas organizadas contra o processo colonial-escravista” (KREUTZ *et al.*, 2011, p. 90).

Atualmente temos no Vale do Taquari a comunidade quilombola chamada São Roque, na localidade de São Roque, Arroio do Meio. “Além da comunidade quilombola já reconhecida de Arroio do Meio, e a possível comunidade de Santo Amaro, existem também outras três que podem ser núcleos remanescentes de escravizados, nos municípios de Lajeado, Estrela e Cruzeiro do Sul [...]”, conforme Pires (2016, p. 161).

Pouco antes da assinatura da Lei Áurea (1888), chegaram ao Vale os primeiros imigrantes alemães, a partir da década de 1850. Os alemães chegaram ao Rio Grande do Sul em 1824, instalando-se, inicialmente, em São Leopoldo, cidade que possuía um território bem maior na época. Com o início da Revolução Farroupilha, a vinda de novos imigrantes permanece suspensa, sendo retomada anos depois, momento em que chegam os primeiros alemães ao Vale do Taquari, por volta de 1850.

Para o governo da época, a imigração foi positiva, conforme destaca Kreutz e Machado (2017, p. 72), pois “[...] povoaria a região meridional do país e, ao mesmo tempo, a produção agrícola advinda das colônias abasteceria o mercado interno; a imigração europeia contribuiria para branquear a população do Brasil”.

Aliado ao desejo do governo de habitar o território e produzir, o Vale passava por um período de grande crise econômica no período em que os imigrantes começam a se deslocar para o Vale, especialmente a decadência da produção de trigo, em função da ferrugem. Isso fez com que os grandes proprietários de terras vendessem lotes para os recém-chegados, colonos alemães.

A partir desse momento inicia a colonização de fazendas localizadas na região, incluindo Conventos, Estrela, Nova Berlim, São Gabriel, Boa Vista, Mariante, dos Barros, Teutônia, Bom Retiro, São Caetano, Arroio do Meio, Conventos Vermelhos, entre outras. A preferência dos imigrantes era por terras próximas aos rios e arroios da região, e de fácil acesso. E, segundo Ahlert e Gedoz (2001, p 17), “A Lei de Terras de 1850, regulamentada em 1854, favoreceu a aquisição concentrada de terras por um mesmo grupo ou proprietário [...]”.

Para efetuar a venda dessas terras aos imigrantes foram criadas empresas, uma delas tinha como administrador Antônio Fialho de Vargas. Uma das fazendas loteadas e vendidas por ele e seus sócios foi a dos Conventos e Lajeado, que foi chamada de Colônia de Conventos (AHLERT; GEDOZ, 2001).

Mais ao fim do século XIX é que chegam ao Vale do Taquari os primeiros imigrantes italianos, por volta da década de 1890, que ocupam a parte norte da região (AHLERT; GEDOZ, 2001). O Vale recebeu italianos vindos da Itália, como também de Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi (KREUTZ; MACHADO, 2017). Os italianos se instalaram nas terras mais altas da região, de difícil acesso e, portanto, as mais baratas, uma vez que as planícies já eram ocupadas pelos alemães.

Dentre as atividades desenvolvidas pelos italianos no Vale do Taquari, pode-se destacar que “[...] dedicaram-se à agricultura, à pecuária, à extração de erva-mate, bem como, à exploração da madeira” (KREUTZ; MACHADO, 2017, p. 76). O Vale ainda recebeu imigrantes vindos de outras nações europeias, porém em menor

número de expressividade.

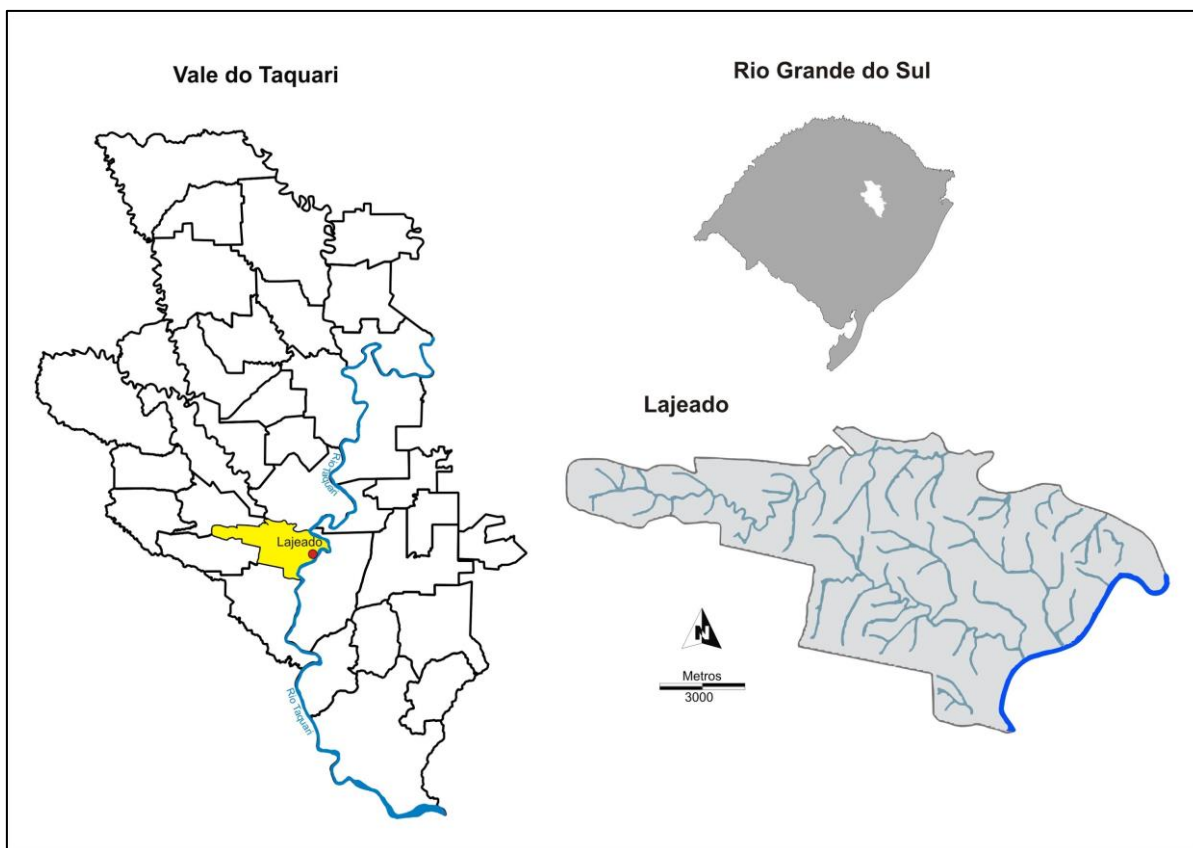
A breve contextualização do Vale do Taquari permite compreender na sequência a ocupação e desenvolvimento do município de Lajeado, Rio Grande do Sul.

3.2 Lajeado: ocupação e desenvolvimento

O município de Lajeado localiza-se no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, a 130 quilômetros da capital, Porto Alegre (FIGURA 4). De acordo com o último Censo Demográfico realizado em 2010 pelo IBGE, sua população era de 71.445 pessoas em uma área territorial de 91.591km². Por estimativa, em 2019 sua população era de 84.014 pessoas (IBGE, 2020).

O Censo Demográfico de 2010 ainda demonstra que a maioria da população de Lajeado reside na área urbana, contabilizando 99,63%, o que corresponde a 71.216 pessoas. Enquanto na área rural residem 0,37%, correspondendo a 265 pessoas (IBGE, 2020). É o maior município do Vale do Taquari e embora seja o mais populoso, é um dos menores em área territorial (SCHEIBE, 2016).

Figura 4 - Localização de Lajeado no Vale do Taquari e no Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado a partir de Eckhardt (2005).

Posterior à ocupação das populações indígenas, os açorianos ocuparam parte da região do Vale do Taquari.

Em 1800, os irmãos João Ignácio e José Ignácio Teixeira receberam do Governo Imperial sesmarias que incluíam a atual área urbana de Lajeado. As sesmarias recebidas foram divididas em fazendas: a de Conventos e a de Lajeado, onde foram construídos galpões que abrigavam os trabalhadores: peões e escravos, de acordo com Alves (2010). No início do século XIX, trabalhavam em torno de 300 escravos, além de peões e administradores em suas fazendas (AHLERT; GEDOZ, 2001). Conforme Schierholt (1992, p. 62), “Nos locais mais apropriados com vertentes de água, nas barrancas mais altas, abriam clareiras e construía os estabelecimentos necessários para viver e trabalhar. Era preciso plantar cereais, árvores frutíferas e criar animais para a alimentação”.

Nesse processo que “[...] surgiu o primeiro porto da Fazenda e Colônia dos Conventos, que estava situado junto à foz de um pequeno arroio chamado Arroio dos Conventos [...] (AHLERT; GEDOZ, 2001, p. 06). É por esse porto que chegaram os primeiros imigrantes alemães a região, por volta de 1850.

Após a Revolução Farroupilha, as fazendas dos irmãos Teixeira foram vendidas para Batista & Fialho Companhia, conforme destaca Schierholt (2001, p. 13):

[...] com a Guerra dos Farrapos (1836 a 1845), as fazendas ficaram totalmente arruinadas. Seu herdeiro, José Inácio Teixeira Júnior, vendeu para Batista & Fialho Companhia, empresa colonizadora privada, que as dividiu e revendeu em lotes coloniais para os imigrantes alemães e teuto-brasileiros, vindo Antonio Fialho de Vargas e sua família a se estabelecer em Conventos por volta de 20 de março de 1855.

Em 1849 Taquari se emancipa de Triunfo, ficando Lajeado e o Vale do Taquari pertencendo ao município de Taquari. Segundo Rosa (2012, p. 23), “Em 1858, segundo relatório da empresa Baptista, Fialho & Cia Ltda já cultivavam o solo 188, dos quais 112 procedentes da Alemanha”, referindo-se a imigrantes. Em 1862 a empresa tinha em torno de 30 escravos e, conforme A História (2018, texto digital), “Parte deles era alugada aos primeiros colonizadores, para abrir clareiras nas florestas, remover coivaras, construir moradias e plantar e colher os primeiros cereais”.

Nesse mesmo ano, iniciou-se a construção de um engenho no Arroio Lajeado, considerado o local com energia hidráulica adequada para a obra. “Os escravos (em torno de duas dezenas) de Fialho de Vargas tiveram que executar as obras de infraestrutura: cavar os alicerces, carregar as pedras e aterro para a represa, montar o canal e construir o engenho” (1862, 1991, p. 06). Além do engenho para serrar madeira, foi construído no mesmo local um moinho, que era movido por outra roda d’água. Nesse local está situado atualmente o Parque do Engenho, nas divisas dos bairros Hidráulica e Americano.

A empresa Baptista, Fialho & Cia Ltda tinha preocupação em vender pequenas áreas de terras para os imigrantes alemães que chegavam. Entretanto na Colônia Conventos havia problemas em relação ao transporte fluvial, pois o arroio não suportava barcos maiores. Em razão disso, por volta de 1862, é escolhido “[...] o local mais adequado para o novo porto do Rio Taquari, logo abaixo da cachoeira e foz do arroio Lajeado, para elo entre o engenho e o porto, abriu uma estrada de nome Rua Santo Antônio, atual Rua Júlio de Castilhos” (SCHIERHOLT, 2001, p. 14). Sobre o novo porto, foi registrado que “Atracavam no porto novo de Santo Inácio dos Conventos embarcações carregadas de cereais para moagem provenientes de

Estrela, Teutônia e demais linhas coloniais do Vale” (O PORTO, 1991, p. 07). O Rio Taquari, desde as primeiras ocupações humanas na região de Lajeado, assume fundamental importância. É a partir desse recurso hídrico que a cidade foi se estabelecendo e crescendo.

Aos poucos o território começa seu processo de urbanização:

Fialho de Vargas destinou uma área de terrenos para igreja, escola, casa dos padres, cemitério e uma área maior para uma praça, em cujo lado oposto reconstruiu o seu sobrado, transferido de Carneiros. Para as três ruas longitudinais e as sete ruas transversais ele deu nomes de santos, conhecidos critérios da época (SCHIERHOLT, 2014, p. 03).

Esse foi o esboço do primeiro Plano Diretor Urbano (SCHIERHOLT, 2001). Na (FIGURA 5) o primeiro núcleo urbano de Lajeado, incluindo a Igreja, praça.

Figura 5 - Primeiro núcleo urbano de Lajeado



Fonte: Schierholt (2011).

Além de locais como igrejas e escolas, surgiram também locais para comercializar produtos. “Entre os imigrantes alemães, encontravam-se também trabalhadores de profissões urbanas (artesãos, ferreiros, sapateiros, alfaiates e comerciantes) [...]” (SCHEIBE, 2016, p. 36). São atividades que impulsionam o núcleo urbano e a economia.

Ao longo desse primeiro processo de urbanização, a ocupação segue modelos portugueses, havendo um núcleo portuário e outro comercial, como destaca Selhorst *et al. apud* Alves (2010, p. 45)⁴:

A morfologia do tecido urbano, neste primeiro momento, apresenta um traçado ortogonal definido a partir de dois eixos. Estes refletem os dois principais fatores de crescimento do povoado: um paralelo ao Rio Taquari abrigando funções portuárias e o outro, perpendicular a esse, no divisor de águas dos Arroios do Engenho e Encantado, onde desenvolveram-se as atividades de prestação de serviços voltados ao abastecimento da população rural [...] Dentre estas atividades destacam-se o “Armazém Secos e Molhados” e o “Engenho” pertencentes a Antônio Fialho de Vargas, proprietário das terras onde desenvolve-se o núcleo do povoado.

O núcleo urbano de Lajeado se organizava, portanto, a partir do engenho, do moinho e do porto que foram construídos. “A serraria provocou o alargamento dos piques e abertura de novas estradas para o transporte das toras e madeiras serradas” (O PORTO, 1991, p. 07). Da mesma forma, o porto foi adquirindo mais importância, fazendo com que companhias de navegação procurassem por ele. “Carpinteiros e mecânicos de barcos fixaram suas oficinas e estaleiros na Rua da Praia para construção ou reformas de canoas, botes, gasolinas e vapores” (SCHIERHOLT, 1992, p. 82).

Para atender a população que aumentava em função do engenho e do porto, surgiram restaurantes, hotéis, dando vida comercial a Lajeado. Nesse período, o Rio Taquari era a via por onde se deslocavam pessoas e mercadorias, conforme destaca Bergamaschi (2014, p. 107): “O uso intensivo do Rio Taquari, com mais de 50 portos e ancoradouros se definia como principal via de transporte por onde o município escoava a produção e recebia cada vez mais imigrantes vindos principalmente de São Leopoldo e Dois Irmãos”. Além do rio Taquari, outros rios como o Caí, Sinos, Pardo, Jacuí tiveram grande importância no período, pois todos eram navegáveis e desembocavam no Guaíba. O transporte fluvial assumia relevância, uma vez que era através dele que as pessoas iam e vinham, do mesmo modo, as mercadorias e a produção (SCHEIBE, 2016).

Quando Estrela se emancipou de Taquari, Lajeado por consequência passou

⁴ A pesquisa SELHORST, Silvestre et. al. Perfil Físico-urbanístico da Cidade de Lajeado. Santa Maria: UFSM – Curso de Arq. E Urb. Núcleo de Urbanismo, FATEC, 2000 não foi encontrada. Foram realizadas buscas diretamente na UFSM e diversas bibliotecas físicas e virtuais, mas sem sucesso. Por considerarmos as informações importantes para contextualização, é que utilizamos *apud*.

a pertencer à Estrela. A emancipação ocorreu em 20 de maio de 1876, sendo que o município foi instalado em 21 de fevereiro de 1882. “No transcorrer dos anos, recebeu as denominações de Colônia de Estrela e Santo Antônio de Estrela” (PIRES, 2016, p. 44). Portanto, “Pela Lei nº 963, de 29 de março de 1875, foi instituído o 2º distrito de paz da Freguesia de Estrêla, compreendendo o ‘território situado à margem direita do Rio Taquari’ (Lajeado, Arroio do Meio, Encantado e Guaporé)” (SÍNTESE, 1966, n.p.).

“Em 26 de maio de 1881 a lei provincial cria a Freguesia Santo Inácio dos Conventos, que foi instalada em 11 de agosto do mesmo ano” (ROSA, 2012, p. 23). Ao longo dos anos, a Freguesia cresceu de forma intensa, sendo que ao todo Estrela tinha 2.608 eleitores, desses “[...] 558 (23%) no 1º distrito (Estrela), 1411 (54%) no 2º distrito (Lajeado) e 599 no 3º distrito de paz (Teutônia)” (SCHIERHOLT, 1992, p. 94). Com esses dados se percebe que Lajeado era o distrito mais populoso.

O Ato nº 57 foi assinado em 26 de janeiro de 1891, criando o município de Lajeado, “[...] após insatisfação com a Câmara Municipal de Estrela, já que esta não tinha condições de atender às reivindicações de um território tão grande” (FAVARETTO, 2014, p. 24). Os órgãos administrativos permaneceram no mesmo local onde se encontravam quando distrito:

A administração municipal se instalou no novo município, ocupando as instalações que já eram ocupadas pelos órgãos administrativos quando distrito. Na escolha da junta que administraria Lajeado, ficou escolhido como primeiro presidente Frederico Henrique Jaeger, único dos candidatos que residia na sede municipal (SCHIERHOLT, 1992, p. 94).

Depois de instalado o município de Lajeado, seu primeiro intendente foi Bento Rodrigues da Rosa, que antes era presidente da Junta Municipal de Estrela. E o primeiro presidente da Junta Municipal de Lajeado foi Frederico Jaeger, que mantinha residência na sede do município e era envolvido com negócios fluviais (SCHIERHOLT, 1992).

Alguns anos após a instalação do município de Lajeado, ocorreram as primeiras emancipações. Guaporé é o primeiro, em 1903, Encantado em 1915 e Arroio do Meio em 1934. Com essas emancipações a população de Lajeado diminui, diferentemente do que acontece com as demais, que vieram posteriormente (BERGAMASCHI, 2014).

Lajeado teve no início do século XX administrações republicanas “[...] passando de intendente para intendente, muitas vezes com a disputa por chapa única, e tendo como pano de fundo os ideais positivistas”, de acordo com Favaretto (2014, p. 25). Essas ideias ganhavam ainda mais força com Borges de Medeiros na presidência do Rio Grande do Sul.

Após a instalação do município, a ocupação urbana aumentou de forma considerável, mudando o cenário do território que antes caracterizava-se muito mais pelo cultivo e extração. Com isso, outras preocupações começam a entrar em pauta, especialmente na administração do intendente João Batista de Melo, que durou 16 anos. Segundo Favaretto (2014, p. 24):

[...] João Batista de Melo procurou descentralizar a administração, mantendo boa parte dos funcionários administrativos em seus cargos. Prédios religiosos e educacionais foram erguidos durante sua administração. Além disso, solicitou a nomeação e transferência de professores para os diferentes distritos do município. A criação de uma Escola Noturna Gratuita ocorreu durante sua administração e teve suas aulas iniciadas em outubro de 1917, com um total de 80 alunos.

Nesse período já havia outras escolas na vila, como descreve Schierholt (1992, p. 132): “Na vila de Lajeado havia as escolas comunitárias da Comunidade Evangélica, o Colégio São José, o Colégio Sant’Ana e a Escola Pública onde lecionavam João Henrique Jaeger e Antonieta da Costa Karnal”. Em 1913, havia em Lajeado e nos seus distritos 4656 alunos (SCHIERHOLT, 1992).

Além da educação e religião, houve investimentos com iluminação pública nas principais ruas. Lâmpadas de querosene foram substituídos por lâmpadas elétricas na década de 1920 (SCHIERHOLT, 1992). Estradas começaram a ser abertas e pontes construídas nos diversos distritos do município de Lajeado. Na década de 1930 é construída a ponte sobre o Rio Forqueta, ligando Lajeado a Arroio do Meio (FAVARETTO, 2014). Nessa mesma década, Lajeado tem seu primeiro prefeito nomeado, Frederico Leopoldo Dexheimer, que era “[...] diretor administrativo da Fábrica de Conservas Oderich, um dos mais fortes complexos industriais do Vale do Taquari” (SCHIERHOLT, 1992, p. 147).

Nas décadas 1930 até por volta de 1940, Lajeado restringia-se à zona da praia e a zona urbana, assim descreveu Ney Santos Arruda em uma edição especial do jornal O Informativo do Vale em comemoração aos 100 anos de Lajeado, em

1991:

Naqueles tempos Lajeado começava na 'zona da praia' (onde atracavam os barcos e onde a hoje a Rua Osvaldo Aranha, ainda possui restos de pedras do primeiro calçamento da cidade) e a zona urbana terminava na altura da Igreja Evangélica. Os barcos não só vinham até aqui, mas dependendo do volume de água do Rio Taquari, iam até Arroio do Meio e Muçum (ARRUDA, 1991, p. 25).

No início do século XX, a principal atividade econômica continuava sendo a agricultura, extração e o transporte fluvial, o principal meio de escoar essa produção. Aos poucos, com a chegada da energia elétrica, fábricas começam a se instalar em Lajeado. Uma delas foi a filial da Fábrica de Conservas Oderich (FIGURA 6), que havia sido fundada em São Sebastião do Caí. Suas instalações estavam às margens do Rio Taquari, possuindo um porto próprio e, por esse motivo a localidade que era chamada de São Bento do Sul, passou a ser denominada Conservas, atual bairro Conservas (O BAIRRO, 2019).

Figura 6 - Filial da fábrica de conservas Oderich



Fonte: O BAIRRO (2019).

A filial da empresa em Lajeado havia se especializado em abatedouro de suínos e beneficiamento de seus derivados, incluindo banha, linguiça e carne. Os suínos vinham de todas as partes da região para esse abatedouro (SCHIERHOLT, 1992). "Seus produtos hermeticamente fechados e conservados em embalagens de lata, eram embarcados para todo o Brasil, por meio de porto próprio, pelo Rio

Taquari” (AS ORIGENS, 2018, texto digital).

“Centenas de operários se estabeleceram nas proximidades da fábrica, a maioria deles descendentes de alemães” (AS ORIGENS, 2018, texto digital). Na época o bairro e mesmo localidades próximas como o Passo de Estrela que hoje pertence à Cruzeiro do Sul, receberam moradores que trabalhavam na fábrica.

Para moradia dos diretores da empresa e da família Oderich foi construída uma casa na parte alta das terras que pertenciam à família, próximo das instalações da empresa. Mais tarde essa casa foi doada para ser usada em fins assistenciais. Hoje ela pertence à SLAN, onde funciona um dos seus centros, denominado Lar da Menina Nora Oderich (AS ORIGENS, 2018).

Alguns anos depois, por volta de 1937, a filial foi transferida para Gravataí. O deslocamento da empresa para outra cidade deixou inúmeros desempregados que vieram de vários locais, atraídos pelo trabalho. Permanecem até hoje as ruínas de duas chaminés da empresa.

Aos poucos, o Rio Taquari que antes assumia papel de transporte de cargas e pessoas, começa a ser substituído pelas rodovias que vão sendo construídas ao longo dos anos, segundo Alves (2010, p. 45), referindo-se à Lajeado:

Seu núcleo urbano corresponde diretamente às modificações na densidade demográfica, que cresceu numa taxa anual de 5% ao ano. O crescimento é periférico e contínuo, destacando-se a direção norte, induzida pelas rodovias de acesso a Passo Fundo via Encantado e Soledade e pelo favorecimento topográfico, já que as demais são limitadas pela hidrografia.

Não havia, nesse período, influência do mercado imobiliário (SILVEIRA *et al.*, 2014). O espaço urbano de Lajeado era organizado e modificado conforme agentes sociais, proprietários de terras e poder público:

Passado um século e meio de ocupação territorial, que vai do primeiro período de ocupação até o final do segundo período de ocupação do território de Lajeado, de 1801 a 1953 basicamente os agentes sociais que alteraram o espaço urbano foram os proprietários de terras e o poder público municipal. Os primeiros, pela exploração dos recursos naturais disponíveis; o segundo, por alterar os espaços visando acomodar as necessidades crescentes da população por moradia e infra-estrutura, como transporte, saúde e educação (ALVES, 2010, p. 50).

Embora os estudos do primeiro Plano Diretor de Lajeado tenham iniciado na primeira metade do século XX, ele foi oficialmente criado apenas em 1974. Porém,

em 1929 (FIGURA 7) já se tinha algumas normas de organização da cidade.

Figura 7 - Esboço do Plano Diretor de Lajeado em 1929



Fonte: SCHIERHOLT (2011).

No início da segunda metade do século XX, a população de Lajeado girava em torno de 40.000 (MÜLLER, 1976). A urbanização se solidifica e por isso várias melhorias na infraestrutura acontecem, como por exemplo, calçamento nas estradas, aumento de oferecimento de energia elétrica, iluminação pública, entre outras (BERGAMASCHI, 2014).

Entretanto, problemas sociais começam a se intensificar, especialmente, com as classes de baixa renda. É nesse período que surge a Sociedade Lajeadense de Auxílio aos Necessitados, que mais tarde muda seu nome para Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. Conforme Lenira Maria Müller Klein em entrevista ao O Informativo do Vale Lajeado 100 anos em 1991:

A história inicia em dezembro de 1959, quando líderes da comunidade, estabeleceram a estrutura de uma entidade, sem fins lucrativos, com o

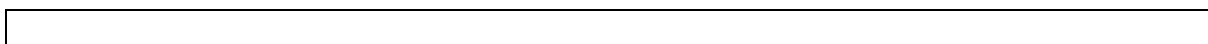
objetivo de prestar assistência aos necessitados, em especial à infância desamparada, aos social e economicamente desajustados, contribuindo para a solução de problemas relativos ao ensino ou educação. Pedro Albino Müller foi seu primeiro presidente (LENIRA, 1991, p. 28).

Também é nesse período que começa a funcionar a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Karnal, na vila Santo Antônio, atual bairro Santo Antônio, inaugurada em 1956.

Na década de 1950, o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961) e seu Plano de Metas, conhecido como “Cinquenta anos em cinco”, propõe o desenvolvimento rodoviário. Nesse período inicia, portanto, a construção da BR 386 e com isso “O apoio à produção agropastoril cede espaço à industrialização e ao comércio e serviços, principalmente de apoio ao setor de transportes” (ALVES, 2010, p. 46). A BR 386 (FIGURA 8), antiga RS-13, contribuiu de forma expressiva para o desenvolvimento de Lajeado, ligando Porto Alegre à região nordeste e noroeste do estado, cortando o município de Lajeado, conforme esclarecem Selhorst *et al. apud* Alves (2010, p. 46):

O eixo principal de crescimento (Norte-Sul) tem sua direção invertida para Leste-Oeste (paralelo à BR 386), proporcionando uma nova configuração à malha urbana. O primeiro caracterizado pelos usos de comércio e serviços (principalmente varejista) e o segundo pelas atividades industriais, de comércio e prestação de serviços de apoio ao transporte rodoviário.

Figura 8 - Vista da cidade de Lajeado, no trevo da entrada principal





Fonte: FOTO FLASH *apud* ALVES (2010).

Por volta de 1968 foi construída a linha ferroviária que liga Montenegro à Roca Sales. Além de escoar produção e trazer mercadorias, também transportava passageiros. Segundo Scheibe (20116, p. 42), “O acesso da cidade de Lajeado à ferrovia se dava apenas pelo ramal existente no porto de Estrela”. São iniciativas que foram sendo tomadas por um governo militar que tinha o objetivo de fazer “o milagre brasileiro”, ao mesmo tempo em que censurava meios de comunicação e torturava quem expressava o que não estivesse de acordo com suas pretensões.

Em 1966 foi lançado um Álbum Jubileu de Diamante do município, onde consta o número de escolas existentes em todo município naquele período. Na época, a maioria das emancipações políticas ainda não haviam acontecido:

A propósito, vale registrar que em Lajeado existem, atualmente, em pleno funcionamento, 17 estabelecimentos educacionais de curso primário mantidos pela Prefeitura Municipal. O ESTADO mantém 21 outros Grupos Escolares, o S. E. D. E. P., 71, existindo, ainda, 31 escolas primárias particulares. Nas escolas mantidas pelo Município, estudam 478 alunos, nas do ESTADO, 2.927, nas do S. E. D. E. P., 3.100 e nas particulares 1.836

(GOVÊRNO, 1966, n.p.).

No final da década de 60 é instalada em Lajeado a Associação Pró-Ensino Universitário no Alto Taquari (APEUAT), em parceria com a Universidade de Caxias do Sul. Dessa forma se instalou a primeira instituição de ensino superior do Vale do Taquari. Inicialmente, segundo Faleiro (2009), os cursos superiores funcionaram no prédio da Escola Estadual de Ensino Médio Castelo Branco.

Em 1973 ela se transformou na Fundação Alto Taquari de Ensino Superior (FATES), entidade que abrigou o curso de Letras e o curso de Ciências Contábeis. Com a criação da Faculdade de Educação e Letras do Alto Taquari (FELAT) e a Faculdade de Ciências Econômicas do Alto Taquari (FACEAT), a Fates deixou de se vincular à Universidade de Caxias do Sul (FALEIRO, 2009).

Mais tarde, com o incremento de novos cursos, como Pedagogia, Comércio Exterior, as duas Faculdades existentes formaram uma só em 1997. Passando a ser chamada de Unidade Integrada Vale do Taquari de Ensino Superior, a Univates. Em 1999 foi denominada de Centro Universitário Univates (FALEIRO, 2009). E se tornou Universidade do Vale do Taquari, em 2017.

Conforme Faleiro (2009, p. 29) “[...] o quadro socioeconômico local, o papel de lideranças do lugar nas áreas da educação e da política, e alterações na legislação de Ensino Superior na esfera federal”, foram fatores que influenciaram na instalação da instituição em Lajeado. Schierholt (1992, p. 199), caracteriza que foi “[...] muito importante o bom relacionamento entre os dirigentes da APEUAT e o governo federal”.

Faleiro (2009) ainda destaca a participação da Prefeitura Municipal de Lajeado com auxílio financeiro desde os primeiros momentos do ensino superior no município. Além de forças políticas sempre atuantes, em meio à ditadura militar que vigorava no país.

Na década de 1960 mais um município de emancipa de Lajeado – Cruzeiro do Sul em 1963. Até meados dessa década, predominava em Lajeado a população rural e uma baixa taxa de urbanização, inferior ao que era registrado no estado. Entretanto, a construção da BR 386 e a instalação de mais empresas, foram atraindo cada vez mais pessoas ao município e tornando o núcleo urbano da cidade

atraente:

Assim como aconteceu no Brasil em geral, a industrialização fez com que a zona urbana se tornasse foco de atração populacional. Em continuidade a este processo de atração, a mecanização da produção agropecuária expulsava parcelas da população por necessitar de menor contingente de mão de obra para a realização das atividades produtivas. A expansão da indústria e o encolhimento do número de trabalhadores agrícolas, fez com que a cidade de Lajeado tivesse seu processo de urbanização consolidado (BERGAMASCHI, 2014, p. 111).

A partir desse momento, Lajeado inicia o processo inverso. A população rural aos poucos diminui e a população urbana aumenta. De acordo com matéria publicada no jornal O Informativo do Vale Lajeado 100 anos, durante a elaboração do primeiro Plano Diretor de Lajeado, “[...] há a preocupação com a dinâmica de crescimento urbano muito acelerado que Lajeado está experimentando” (PLANEJAMENTO, 1991, p. 27). É nesse cenário que surgem também as preocupações em relação aos aspectos viários e a necessidade de pensar em como melhorar as vias mais usadas no município e como planejar as novas.

Com isso, é possível observar as primeiras inquietações com relação aos cuidados com o meio ambiente: “O município terá que tomar determinadas medidas com relação ao controle do meio ambiente, às áreas sujeitas à inundações, aos arroios poluídos, à proteção da margem do Rio Taquari com vegetação, à elaboração de uma política de reflorestamento” (PLANEJAMENTO, 1991, p. 27).

A construção da BR 386 foi finalizada em 1970 em meio ao regime militar que vigorava no Brasil. E, o município que antes crescia a partir do Rio Taquari, começa a crescer a partir da BR 386, chamada então de Rodovia Presidente Kennedy. Os terrenos próximos ao eixo foram extremamente valorizados, além do que era comum na região até então. Nesse processo inicia a atuação do mercado imobiliário em Lajeado, o que antes não ocorria. A zona leste do município, onde se localiza o centro, segue sendo apropriada pelas classes com maior renda, enquanto que o setor sul corresponde à população com renda baixa. Para Bergamaschi (2014, p. 109):

A BR 386 e a ação dos especuladores imobiliários favoreceram esta diferenciação social. As classes sociais inferiores foram, ao longo do tempo, sendo empurradas cada vez mais para o sul da malha urbana, criando

novas localizações e deixando as áreas mais próximas a BR para classes de renda superiores.

Portanto, a BR 386, juntamente com a atuação do mercado imobiliário fizeram com que as classes sociais mais baixas fossem sendo empurradas cada vez mais ao sul da cidade, criando novas áreas e deixando as mais próximas da BR 386 para a população de maior renda. Com a expansão do núcleo urbano, a vila Santo Antônio é criada (ao sul) e do Bairro Montanha (a oeste). Bergamaschi (2014, p. 111), afirma que os loteamentos criados ao sul da cidade

[...] nos atuais bairros de Jardim do Cedro, Conservas, das Nações e Santo Antônio, voltados para a população de baixa renda que se mudava do entorno da BR 386 para o extremo sul da cidade em virtude da valorização imobiliária sofrida por aquela região.

Sobre esses bairros, Silveira *et al.* (2014, p. 45) dizem que “[...] tais bairros possuem renda média inferior à média municipal, se configurando como bairros de classe média-baixa”.

Ao longo desse processo de construção e finalização da BR 386 começam a se desenhar os territórios que aglomeravam populações de classe social alta e onde estavam aqueles de menor poder aquisitivo. Os últimos, começaram a se estabelecer em locais cada vez mais distantes da malha urbana e, com isso, o poder público nem sempre conseguia atendê-los com a infraestrutura necessária (SELHORST *et al. apud* ALVES, 2010).

Na década de 1970, além da finalização da BR 386, é criado o Plano de Nacional de Desenvolvimento pelo governo federal, durante o regime militar. Com o Plano, que tinha o objetivo de melhorar a infraestrutura do país, iniciou a construção da ERS 130 de Venâncio Aires a Encantado, passando por Lajeado (SCHEIBE, 2016).

Com o aumento da população, as regiões próximas ao centro ficam saturadas, em função de uma urbanização sem controle que não havia sido planejada. Portanto, além da criação de novos núcleos como a vila Santo Antônio, foram também criados loteamentos ao longo da ERS 130, como bairro São Cristóvão, Universitário e Alto do Parque. Conforme Gabe (2017, p. 161):

O setor Norte teve sua ocupação iniciada no final da década de 60, na época da construção da BR-386, sendo uma área de uso predominante

residencial (concentra quase 20% da população), com áreas de alta renda, como o bairro Alto do Parque que possui a maior renda média do município (R\$ 3.595). Esse setor sofreu grande valorização na década de 90, quando houve a implementação do Centro Universitário UNIVATES, com a implantação de uma grande área institucional, que atualmente se estende por uma área de aproximadamente 60 hectares de extensão e que estimulou muito o crescimento no entorno dessa área, especialmente através da construção de novos loteamentos residenciais.

Nos anos seguintes o município de Lajeado continua sendo ocupado em novos territórios que antes não eram ocupados “[...] cada vez mais distantes do centro urbano, principalmente para Oeste. Ocorre em proporção maior que a ocupação das áreas contíguas ao núcleo urbano consolidado” (PREFEITURA MUNICIPAL DE LAJEADO, 2020). O que intensifica os problemas por parte do poder público, que não consegue fornecer e manter nessas novas ocupações a infraestrutura adequada.

Em agosto 1992 a Prefeitura Municipal de Lajeado publicou um jornal Informativo com ações que estavam sendo feitas pela administração e na matéria “Educação: o alicerce das gerações futuras”, é colocada em evidência a qualidade da educação em Lajeado: “Mesmo nos dias de hoje, quando o país inteiro assiste a uma grande crise no setor educacional, o Município tem conseguido manter índices respeitáveis de qualidade de ensino e de quantidade de crianças em sala de aula” (EDUCAÇÃO, 1992, p. 06).

A primeira Escola Municipal de Educação Infantil, que na época era chamada de Creche, foi inaugurada em 1984 e outras na sequência. No trecho abaixo, consta inclusive a Escola de Educação Infantil de Santa Clara do Sul, pois na época esse município ainda pertencia a Lajeado:

A história das creches municipais de Lajeado iniciou no ano de 1984, na administração do então prefeito Erni Petry, com a construção da creche Recanto Infantil, na Vila da Cohab, no bairro Moinhos. De 84 para cá, foram construídas mais cinco creches: Criança Alegre, na Cohab Santo André, em 1987; Criança Esperança, no bairro Conservas, em 1988; Criança Feliz, no bairro Campestre, também em 1988; Pequeno Mundo, na sede do distrito de Santa Clara do Sul, em 1990; Entre Amiguinhos, no bairro São Cristóvão, no ano passado (EDUCAÇÃO, 1992, p. 07).

Nesse mesmo período, várias escolas foram ampliadas, reformadas ou receberam prédios novos, uma delas foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental, no atual bairro Santo Antônio (SCHIERHOLT, 1992). Além disso, em 1992 é criado o primeiro Projeto Vida de Lajeado, localizado no bairro Santo Antônio. Instituição que

surgiu com a intenção de atender as crianças e adolescentes de seis a quatorze anos de idade “[...] que perambulavam pelas ruas no turno oposto ao escolar, enquanto seus pais trabalhavam” (LAJEADO, 2004, p 11).

Os municípios de Boqueirão do Leão e Progresso se emancipam de Lajeado em 1987, e na década de 90 outros municípios como Santa Clara do Sul, Sérico, Marques de Souza, Forquetinha e Canudos do Vale também se emancipam. Era nesses municípios que se localizava a maior parte da população rural de Lajeado. Com isso, o número de habitantes na zona rural diminui ainda mais, enquanto o núcleo urbano aumentou, junto com as empresas que se instalam. Segundos dados de 1983 do Perfil Econômico de Lajeado, disponível CMDPU,

O município de Lajeado é o que mais empresas possui. São 1021, por cento, mais do que o dobro do segundo colocado, Estrela, com 448 firmas. Ao todo são 2897 empresas registradas nos 10 municípios que compõem a Microrregião Colonial do Baixo Taquari (PERFIL, 1983, p. 42).

O Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 1991 indica que o município de Lajeado tinha uma população de 63.880 habitantes, sendo 47.859 (74,9%) na zona urbana e 16.021 (25,0%) na zona rural (IBGE, 1992). A partir desse momento, com a emancipação política de alguns municípios e o aumento da indústria, fazem com que o número de habitantes no perímetro urbano cresça. A taxa de urbanização aumenta de forma considerável, tanto que no ano de 2010 ela “[...] alcança 99,6% e o PIB per capita chega a R\$ 30.491,73, demonstrando o crescimento significativo do município em relação aos demais integrantes do Corede [...]” (SCHEIBE, 2016, p. 76).

Esse crescimento do perímetro urbano também é observado por Alves (2010, p. 51):

Em 173 anos de ocupação, que vão de 1801 a 1974, a área do perímetro urbano da Cidade Lajeado consolidou-se em aproximadamente 28,85 km²; já de 1974 a 1992, passadas quase duas décadas, a área do perímetro urbano de Lajeado passa para aproximadamente 41,45 km²; e, atualmente, é de 78,22 km², com uma expansão de seu perímetro urbano em média de 45% em cada década de 1974.

Esse crescimento é alavancado por alguns fatores,

Um dos fatores que proporcionam um aumento tão rápido do crescimento do perímetro urbano foi, sem dúvida, deflagrado pela construção da BR 386, seguido pela forte especulação dos agentes imobiliários, presente até os tempos atuais. As atividades agropastoris cedem espaço para a indústria, o comércio e a prestação de serviços (ALVES, 2010, p. 51).

Atualmente, Lajeado caracteriza-se como a cidade-sede do Corede do Vale do Taquari, com o maior número de habitantes e, principalmente por ser aquela que concentra o maior número de indústrias, comércio e prestadoras de serviço. Grande parte da população que hoje reside no município foi atraída pela oferta de emprego. Entretanto, o crescimento acelerado no número de habitantes provocou efeitos nem sempre solucionados. Assim analisa Alves (2010, p. 106-107):

As desigualdades territoriais persistem mesmo nos dias atuais e são de diversas ordens. Assim, temos situações características de zonas de densidade e rarefação, percebemos a fluidez e a viscosidade do território, espaços de rapidez e da lentidão, espaços luminosos e opacos, espaços que mandam e espaços que obedecem.

Ainda assim, é preciso considerar que Lajeado cresceu de forma intensa nas últimas décadas, hoje com 27 bairros. Em 2020, era o 28º maior município do Rio Grande do Sul (SCHEIBE, 2016) e que assume grande importância para a região do Vale do Taquari, tanto por questões comerciais, de emprego e científicas, considerando que possui pólos de vários centros universitários e a Universidade do Vale do Taquari – Univates.

Dados publicados pelo IBGE em agosto de 2020 indicam que a população de Lajeado teve grande crescimento. No ano de 2020, Lajeado tinha uma população estimada em 85.033 pessoas. Na última década Lajeado teve um aumento de 13.588 habitantes.

As considerações acerca das ocupações e desenvolvimento do município de Lajeado são importantes para compreendermos as dinâmicas de um bairro, nesse caso: o bairro Santo Antônio.

3.3 O bairro Santo Antônio ao longo do tempo

O bairro foi oficialmente criado em 9 de setembro de 1993, pela Lei nº 5.047 (LAJEADO, 1993), aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada pelo então prefeito de Lajeado, Leopoldo Pedro Feldens.

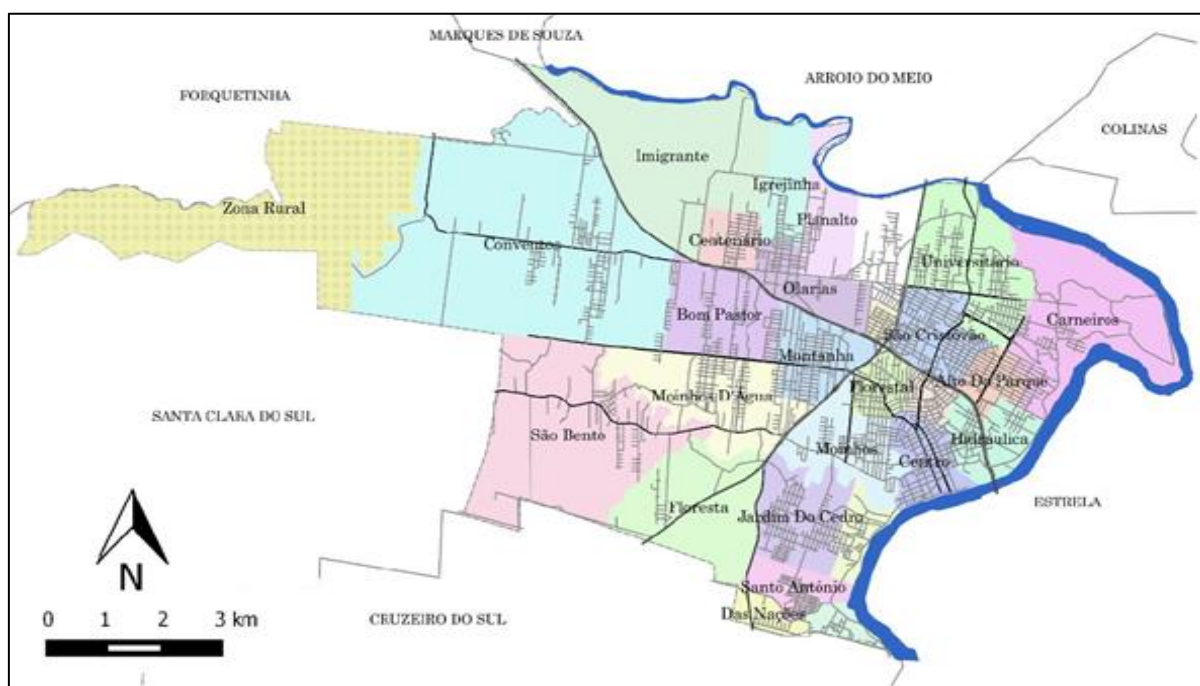
De acordo com o Artigo 1º da Lei nº 5.047, “É denominada Bairro Santo Antônio a parte integrante do Bairro Conservas, atualmente denominada pelos moradores de Vila Santo Antônio, localizado no perímetro urbano do Município de Lajeado [...]” (LAJEADO, 1993, p. 01).

Atualmente, o bairro Santo Antônio está assim delimitado de acordo com a Lei nº 8.951 de 08 de novembro de 2012, sancionada e promulgada pela prefeita Carmen Regina Cardoso

Ponto inicial: Entroncamento da Av. Beira Rio com a Rua Bernardino Pinto. Descrição: Do ponto inicial segue pela Rua Bernardino Pinto até o eixo da Rodovia RS-130; segue pelo eixo da Rodovia RS-130 até a divisa sul das terras de Nelson Eckert; segue por esta divisa até encontrar a divisa da propriedade de Theobaldo Eckhardt (exclusive) e da Escola Profissionalizante Trezentos de Gideon (inclusive); segue pela referida divisa até o Rio Taquari; deste ponto segue pelo Rio Taquari, águas abaixo, até a projeção da Rua Bernardino Pinto; deste ponto segue em linha reta, na direção oeste, até encontrar o entroncamento da Av. Beira Rio com a Rua Bernardino Pinto, ponto inicial e final da descrição (LAJEADO, 2020).

O bairro Santo Antônio localiza-se, portanto, ao sul da cidade de Lajeado/RS, (FIGURA 9), fazendo divisa com o bairro Das Nações, Morro Vinte e Cinco, Jardim do Cedro e Conservas.

Figura 9 - Mapa de Lajeado com delimitações dos bairros



Fonte: Gabe (2017).

Antes de ser oficialmente considerado bairro, o território era chamado de Vila

Santo Antônio e pertencia ao bairro Conservas. Segundo Lajeado (2020), “Foi denominado, primitivamente, Chácara da Prefeitura. Como área pública, junto ao trilho de pedestres e carroça, na década de 1950 começaram a surgir alguns casebres, próximos a uma fonte de água, sendo a Vovó Leontina uma das primeiras”. O trilho de pedestres e carroças fazia a ligação da região e do município de Cruzeiro do Sul com o centro de Lajeado (HISTÓRIA, 2018).

O Jornal Fala Santo Antônio, constituído por textos e reportagens de lideranças do bairro Santo Antônio como parte do Projeto de Ações Comunitárias da Univates, faz referência à fonte de água que teve grande representação para a comunidade do bairro, especialmente para os primeiros moradores que se estabeleceram no local: “Esta imensa fonte nos condicionou a oportunidade de nos tornarmos Santo Antônio. A água nos trouxe progresso, que por si nos trouxe a consciência de cuidarmos deste bem” (FLORES, 2006, p. 03).

Sílvia Regina Gomes Schmitz ressalta a importância da fonte de água para ela e sua família durante a sua infância. Ela comenta que a água era buscada na fonte e a luz era através de lampião, gerado a querosene. Fonte de água que até hoje é conhecida como bica:

“Na bica o pessoal pegava água. A minha mãe pegava água para nós tomarmos banho, para lavar roupa no tanque. Imagina, às cinco horas da manhã ela levantava para puxar água para tomar banho, para lavar roupa, aí ela começava cedo para encher o tanque. E era ali, todo mundo pegava ali” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

A bica teve grande importância ao longo da história do bairro, sendo inicialmente a única fonte de água existente e de água muito límpida, segundo os moradores. Letícia Regina Bairros destaca que não havia água encanada e que “As pessoas lavavam roupa no rio, utilizavam água da bica” (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020).

No final dos anos de 1980 foi perfurado o primeiro poço artesiano no bairro Santo Antônio, que foi motivo de muita emoção para a comunidade: “Pessoas pularam, aplaudiram e outras emocionadas choraram ao verem tão formosa água jorrar e lavar o morro” (FLORES, 2006, p. 03).

Como mencionado anteriormente, o bairro era chamado como Chácara da Prefeitura quando começou a ser habitado na década de 1950. Schierholt (2012, texto digital) faz referência à Chácara da Prefeitura, que inicialmente localizava-se em um núcleo existente no Bairro Florestal, com casas construídas pela Prefeitura, para pessoas de baixa renda. Mas com o aumento da urbanização no bairro Florestal, essas moradias foram removidas e levadas para a Vila Santo Antônio onde continuaram a ser chamadas de Chácara da Prefeitura, denominação que constrangia os moradores e que levou anos para ser esquecida pelo município de Lajeado.

Antônio Nilson Do Arte relata que mesmo quando o local já era chamado de Vila Santo Antônio, muitos ainda continuavam chamando de Chácara da Prefeitura:

“[...] foi chamado de Chiqueirão, foi chamado de Chácara da Prefeitura. Chácara da Prefeitura era o que mais doía a gente ouvir por aí. Quando eu vim para cá já era conhecido como Vila, mas muitos ainda chamavam de Chácara. Então a gente ia trabalhar e as pessoas perguntavam: “- Tu moras lá na Chácara da Prefeitura?”. E a gente dizia: “- Não, eu moro na Vila Santo Antônio, não é Chácara lá”. E depois em 93, quando mudou para bairro, aí a gente ainda levou um tempo para acostumar chamar de bairro, porque estavam acostumados com a Vila” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Na década de 1950, logo após o estabelecimento dos primeiros moradores começam, a surgir algumas instituições de auxílio social. Uma das primeiras foi a Sociedade de Assistência à Infância Desamparada e de Auxílio aos Necessitados (SAIDAN).

De acordo com o Álbum Jubileu, publicado em comemoração aos 75 anos de Lajeado, a SAIDAN “[...] foi fundada em 1953, tendo como finalidade principal prestar assistência à infância desválida [sic] e promover os meios de recuperação aos social e economicamente desajustados” (TIRELLI, 1966, *n.p.*).

Segundo História (2018, p. 13), a SAIDAN começou a ser erguida:

“[...] por iniciativa de Bernardino Rios Pinto, Olavo Clementino Gonçalves e Ana Maria Schüller Azambuja, diversos líderes e representantes da sociedade local se reuniram para construir ação com o objetivo de auxiliar os necessitados, especialmente os acometidos de tuberculose.

Alguns anos depois, em 1962, a Sociedade foi reestruturada, voltando sua atenção “[...] para crianças que perambulavam pelas ruas da cidade, mendigando”

(TIRELLI, 1966, n.p.). Nesse momento começou a ser construída a Escola Agrícola e Industrial, que passou a funcionar em 1964, com o objetivo de atender em regime de internato, meninos de 7 a 12 anos de idade (TIRELLI, 1966, *n.p.*). A partir de então, a Escola passou a receber as principais atenções da SAIDAN.

A entidade foi construída “[...] em aprazível local, situado em Conservas, numa área de 10 hectares, pertencente à Prefeitura Municipal, posteriormente recebida em doação [...]” (TIRELLI, 1966, *n.p.*). O local tinha capacidade para atender 40 meninos, suas roupas e enxovais eram confeccionadas pelo Lions Clube de Lajeado (TIRELLI, 1966).

Atualmente, a SAIDAN (FIGURA 10) ainda mantém suas atividades, porém, modificou seu nome para Associação de Assistência à Infância e à Adolescência, permanecendo a mesma sigla.

Figura 10 – Associação de Assistência à Infância e à Adolescência



Fonte: Acervo fotográfico da autora (2020).

Hoje ela funciona como abrigo e “Atende crianças e adolescentes de 0 a 18 anos. Nas duas casas, a entidade tem cuidado de obedecer ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e não separar os irmãos” (UMA, 2018, texto digital). A maioria das crianças e adolescentes atendidos vêm de famílias que enfrentam

problemas com drogas, álcool, ou mesmo maus-tratos e negligência por parte dos responsáveis (UMA, 2018).

A associação se mantém com recursos da Prefeitura Municipal de Lajeado, Fundo Nacional de Assistência Social e Univates. Quando a Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor (FEBEM), que estava instalada na área da Univates, foi desativada, essas terras foram doadas para a universidade e os seus acolhidos passaram a ser atendidos pela SAIDAN. Em função disso, a Univates repassa um auxílio financeiro. Mesmo assim, a associação enfrenta problemas financeiros (UMA, 2018).

Alguns anos depois do estabelecimento da SAIDAN, é fundada a primeira escola do bairro. Em 1956, “[...] o governo inaugura a Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal” (HISTÓRIA, 2018, p. 12). A escola funciona até os dias atuais.

Em entrevista ao jornal A Hora, Margarete Souza da Rosa, que nasceu no Santo Antônio, hoje é professora e mora no bairro Morro 25, faz o seguinte destaque em relação ao bairro na década de 1960 e à escola recém fundada: “O bairro era bem diferente. Havia poucas estradas pavimentadas e muito mato. A Escola Municipal Francisco Oscar Karnal, a FOK, ainda era a grande novidade (HISTÓRIA, 2018, p. 15).

Aos poucos, a população da região aumentou e pessoas que necessitavam de algum amparo também. Foi nesse momento que, para angariar fundos, “[...] a irmã Reinalda Moesch fundou o Clube Beneficiente de Senhoras Lajeadenses. O grupo mobilizou até a administração municipal e, diante disso, foi construído um barracão habitacional para até 18 famílias (FIGURA 11). O ano era 1965” (HISTÓRIA, 2018, p. 12).

Figura 11 - Moradias construídas



Fonte: (HISTÓRIA, 2018).

Em relação ao barracão, Letícia Regina de Bairros comenta que:

“Tinha um senhor que eu conheci, que morreu com 88 anos, ele era o morador mais antigo da área. E ele falava que começou com um pavilhão, onde todos moravam ali naquele pavilhão. Acho que é na rua Zumbi, um pouco para cima da FOK. Tinha um pavilhão ali. Ele conta que o pavilhão era do tamanho de uma quadra. Os moradores vieram morar ali e depois foram cada um construindo suas casas” (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020).

Diferentes pesquisas acerca da urbanização de Lajeado fazem referência quanto à criação de loteamentos “[...] no sentido sul da cidade nos atuais bairros de Jardim do Cedro, Conservas, das Nações e Santo Antônio, voltados para a população de baixa renda que se mudava do entorno da BR 386 para o extremo sul da cidade, em virtude da valorização imobiliária sofrida por aquela região (SILVEIRA *et al.*, 2014, p. 44). Ou seja, a BR valorizou áreas localizadas próximas a ela, e com isso os moradores de baixa renda não tinham mais condições de se estabelecerem nos arredores, fazendo com que procurassem regiões mais “baratas”, uma delas foi o bairro Santo Antônio que, conforme Gabe possui a maior densidade de população:

O setor Sul, é o que possui a menor extensão de área, e teve sua ocupação iniciada na década de 70, estimulada pela proximidade de áreas industriais e também de áreas de risco. É caracterizado pela concentração de populações de baixa renda, como o bairro Santo Antônio, que possui a maior densidade populacional entre os bairros desse setor e, a menor renda média entre todos os bairros do município (GABE, 2017, p. 161).

Esse aumento populacional exigiu mais estrutura, pois com mais moradias e mais habitantes, alguns problemas que já se apresentavam antes, continuaram aparecendo e se avolumando. Um deles, a “Falta de limpeza, dentro e fora das

moradias, proliferação de animais domésticos, e constante presença de moscas, insetos deram ao conjunto habitacional o apelido de ‘Chiqueirão’” (HISTÓRIA, 2018, p. 12). Nessas situações sempre houve engajamento da comunidade para auxiliar os moradores. A cada mês mais moradores se instalavam na região e com o tempo, o conjunto habitacional foi desmanchado:

[...] a irmã Reinalda do Imaculado Coração de Maria veio trabalhar com os pobres. Com eles, ela construiu quatro casinhas de madeira, cobertas por telhas e o casarão ‘chiqueirão’ foi desmanchado. Desenvolveu com as pessoas, a agricultura, a horticultura e os trabalhos manuais. Para as crianças dava a Catequese. Padre Érico Schmitz, vigário da Paróquia Santo Inácio de Lajeado, rezava uma missa por mês (ESCOLA, 1998, n. p).

O bairro foi crescendo e se desenvolvendo com apoio de diversas entidades, como por exemplo, a Igreja, o Clube de Mães, entre outras.

Mais tarde, foi fundado o Lar da Menina. Em reunião conjunta entre a SAIDAN e o Clube Beneficiente de Senhoras Lajeadenses “[...] foi idealizada a construção do ‘Lar das Meninas’, com a finalidade de dar a elas o mesmo amparo dedicado aos meninos acolhidos pela Saidan” (HISTÓRIA, 2018, p. 12). Que a partir de 1978 passou a funcionar na antiga casa da família Oderich, próxima à antiga Fábrica de Conservas Oderich, no bairro Conservas. Atendia meninas do bairro Conservas, Jardim do Cedro, Morro 25 e Santo Antônio.

Conforme o Dicionário de Próprios Municipais de Lajeado escrito por José Alfredo Schierholt, disponível na Biblioteca Pública Municipal, “Desde 1973, a população passou a ter uma assistência social mais sistemática, com palestras para pais e crianças, cadastro dos carentes para obtenção de alimentos, assistência médica e medicamentos através da Sethasas” (SCHIERHOLT, 2004, n. p.).

Além de um olhar da assistência social do município, passou a se ter preocupações com relação à aparência e organização do território. Foi então que, “A partir de 1977, a antiga ‘Chácara da Prefeitura’ foi loteada com um novo traçado de ruas. O objetivo era um novo visual, um novo aspecto para a imagem da comunidade, com a denominação de Vila Santo Antônio” (HISTÓRIA, 2018, p. 12-13).

A denominação de Vila incomodava os moradores locais, que entendiam o termo como pejorativo. Por isso, aos poucos passou a ser chamado de bairro Santo

Antônio (HISTÓRIA, 2018).

No ano de 1981, tendo em vista o aumento da população e a necessidade de atendimento aos menores, a SLAN, que já administrava o Lar da Menina, instala no bairro Santo Antônio o Centro Pedro Albino Müller. Conforme entrevista de Lenira Maria Müller Klein em edição especial do jornal O Informativo do Vale, em comemoração aos 100 anos de Lajeado, houve a “[...] construção de um prédio na Vila Santo Antônio, com 520m² de área, para abrigar até 200 crianças” (KLEIN, 1991, p. 28). O terreno onde o centro se instalou foi recebido da Prefeitura Municipal de Lajeado.

Schierholt (1992, p. 216) destaca a atenção que o bairro Santo Antônio recebeu por parte do poder público entre os anos de 1983 e 1989:

Os bairros receberam maiores investimentos que o centro da cidade. A Vila Santo Antônio recebeu a nova Escola Francisco Oscar Karnal (de 700 m²), o Posto de Saúde, o Centro Comunitário, quadra de esportes, poço artesiano, abertura de novas ruas com iluminação pública e 126 casas do Mutirão Habitacional.

Conforme o Relatório de Atividades da Prefeitura Municipal de Lajeado, que se refere ao quadriênio 1993/1996, administração de Leopoldo Feldens e Élio Giovanella, na seção onde constam as ações da Secretaria do Trabalho, Habitação e Ação Social, são citadas: “[...] 13 casas residenciais de madeira e 03 de alvenaria, no bairro Santo Antônio. [...] 08 módulos sanitários, no bairro Santo Antônio. [...] Aquisição de uma área de terras com 91.000m², para implantação de um loteamento popular no bairro Santo Antônio” (PREFEITURA, [1996], *n.p.*).

Antônio Nilson Do Arte percebe a grande importância dos residenciais para a população do bairro e pessoas como ele que, foram morar no bairro Santo Antônio a partir de um projeto habitacional:

“Num projeto habitacional da prefeitura viemos morar aqui. Um dos espaços importantes para o bairro também são esses residenciais, esses projetos que o município criou aqui dentro da comunidade. Um exemplo é agora o Residencial Novo Tempo, que também é um espaço importante e que abrigou famílias que estavam passando por momentos de vulnerabilidade, não tinham um teto digno para viver e hoje tem” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Observa-se que ao longo dos anos a religião teve forte presença na

comunidade. A população aumentou e com isso o número de fiéis também. A Comunidade Católica Santo Antônio foi dividida em duas. A Comunidade Católica Santo Antônio iniciou a construção de sua capela no ano de 1977 e a Comunidade Católica Nossa Senhora Aparecida em 1989 (LAJEADO, 2020, texto digital).

Sílvia Regina Gomes Schmitz enaltece as ações sociais da igreja católica no bairro. Ela conta que integrava o grupo da caridade da igreja:

“Na igreja tinha caridade, eu trabalhei desde os catorze anos na caridade até os dezessete [...] Que nem hoje tem as agentes de saúde, nós éramos que nem agente de saúde, íamos nas casas para ver quem precisava [...] Não tinha agente de saúde, a gente fazia essa parte da caridade [...] a gente encaminhava também para o médico, essas coisas. Antigamente era tudo assim. A Igreja Católica ajudava muito nesses processos” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

No Resumo Histórico e Geográfico disponível na FOK também é citado o grupo da caridade ou voluntárias, dizendo que foi criado “[...] um grupo de moradoras (As Voluntárias) para atuarem junto às pessoas mais carentes, como assistentes sociais. Essas faziam curativos, injeções, limpezas nas casas dos doentes e velhos, prestavam os primeiros socorros aos acidentes” (ESCOLA, 1998, n. p).

Dentre uma das igrejas mais antigas dentro do bairro está também a Igreja Evangélica Assembleia de Deus que se instalou no bairro em 1976 (SCHIERHOLT, 2004, n. p.). Segundo relato de Antônio Nilson Do Arte, o terreno onde a igreja foi construída foi doado pelo poder público municipal, sendo que tudo iniciou na casa de pessoas da comunidade:

“[...] começou nas casas das pessoas. As pessoas daqui iam para o Centro. Antes disso, nossa matriz era lá no bairro Santo André, então as famílias daqui iam lá no Santo André a pé no culto, com crianças, com instrumentos. Saía aquele comboio de gente e iam congregar lá no bairro Santo André. Até que conseguiram. Veio um templo grande, com duzentos metros quadrados, num lugar alto, num lugar lindo” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Com o tempo, outras igrejas evangélicas e manifestações religiosas têm se mostrado presentes no bairro Santo Antônio. Segundo Antônio Nilson Do Arte “[...] temos mais de vinte igrejas dentro do bairro [...]” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado, RS, no dia 10 de agosto de

2020).

Em 1992, é fundada mais uma instituição no bairro com a intenção de atender crianças e jovens, especialmente no turno oposto ao da escola. Surge então o Projeto Vida, que inicialmente atendia nas dependências da Saidan e depois passa a atender na sede da Associação dos Moradores do bairro, mantendo suas atividades até os dias de hoje.

Além da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal, o bairro também recebeu o Centro Integrado de Educação Pública (CIEP). Ele foi inaugurado em 1994, mas começou a funcionar em 1995. Conforme o Blog da própria Escola:

Era tudo novidade, tanto para professores como para alunos e pais: um prédio com mais de 4500m², muitas salas de aula, laboratório, biblioteca, sala de médico, de dentista, banheiros com marmorite, chegando a ser uma afronta para alguns moradores que vivem em moradias menores que uma sala de aula (ESCOLA, 2000, texto digital).

Atualmente, a instituição continua em funcionamento. Em 30 de dezembro de 1999, a partir do Decreto de Transformação e Designação nº 39.906, seu nome mudou para Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio, sendo a única escola que oferece o ensino médio no bairro Santo Antônio (ESCOLA, 2000).

No ano de 2000, começa a funcionar no bairro Santo Antônio, a Escola Comunitária de Educação Infantil Cantinho Mágico. Definida conforme Schierholt no Dicionário de Próprios Municipais de Lajeado, como

Creche comunitária em Lajeado, no Bairro Santo Antônio. É mantida pela comunidade, de acordo com a Lei nº 5.608/95. O educandário iniciou em 05-07-2000. [...] Em 2003, sob a direção de Maria Neusa dos Santos, 72 crianças são atendidas por 12 pessoas (SCHIERHOLT, 2004, *n. p.*).

A Escola de Educação Infantil do bairro, passa a ser denominada de Escola Municipal de Educação Infantil Cantinho Mágico através da Lei 8.060 de 27 de fevereiro de 2008. A Escola continua funcionando até os dias atuais. Foi ampliada no ano de 2018, com a construção de mais um prédio, tendo em vista o número de solicitações de vaga que aumentavam diariamente e que não eram atendidas por falta de estrutura.

Com o passar dos anos foi possível observar melhorias no bairro, incluindo

estrutura e atendimento à população. Em entrevista ao jornal A Hora, Margarete, ex-moradora do bairro diz que é preciso

[...] enaltecer as qualidades do bairro, principalmente em comparação com as décadas de 60, 70 e 80. No passado, precisávamos buscar água no arroio, lavávamos as roupas nos arroios, açudes. E nossa energia elétrica, a nossa luz, era tudo com lampião. [...] Hoje, todo mundo tem energia, água em casa. Melhorou muito [...] (HISTÓRIA, 2018, p. 15).

Ela ainda destaca o quanto melhoraram as questões de mobilidade, ficando mais fácil se deslocar do bairro para o centro ou outros bairros. Facilitando inclusive, o acesso ao estudo e faculdades (HISTÓRIA, 2018).

Sílvia Regina Gomes Schmitz comenta que é preciso cuidar do que se tem no bairro hoje, pois foram muitas conquistas ao longo dos anos. “*Antigamente não tinha asfalto, o ônibus não entrava [...]*”. Eram muitas dificuldades em relação à infraestrutura e mobilidade. Hoje em dia o bairro possui uma estrutura para seus moradores, como lembra Lara Cristina Girardi “*Hoje nós temos mercados, vários mercados, tem fruteira, tem academia no bairro*” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Outras conquistas foram se concretizando no bairro, como por exemplo, o aumento no atendimento do Posto de Saúde. Lara Cristina Girardi lembra que “*Era um Posto bem pequeno, quase não tinha médico. Passou bastante tempo sem médico, só com atendimento de enfermagem. Não tinha dentista*” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Entretanto, ainda é possível analisar, a partir da leitura de diferentes fontes, o quanto o bairro Santo Antônio e os demais bairros da região sul do município de Lajeado carecem de melhorias, especialmente em comparação com outros bairros da cidade. Isso é possível observar a partir do seguinte trecho:

A falta de pavimentação prejudica moradores e compromete a qualidade de vida. As ligações desses bairros com áreas mais centrais da cidade carecem de sinalização, cuidado e reparos. Denotam a insuficiência de investimentos ao longo dos anos e expressam a ausência de uma política pública capaz de desenvolver com ordenamento e o mínimo de planejamento o crescimento dessas comunidades (HISTÓRIA, 2018, p. 02).

Em relação às diferenças que se apresentam em Lajeado, principalmente quando se trata da região sul do município, “Infelizmente Lajeado permitiu que ao longo destes 127 anos a cidade se construísse entre o nós e o eles, estabelecendo

paradoxos sociais de profundo impacto” (HISTÓRIA, 2018, p. 02).

Nesse sentido, Antônio Nilson Do Arte revela que há muito por fazer ainda no bairro Santo Antônio, principalmente na questão de infraestrutura:

“[...] foram sendo feitos loteamentos, loteamentos e alguns loteamentos estão mais evoluídos, com calçamentos, com iluminação, com água. Mas tem alguns loteamentos que foram feitos agora mais recentemente, onde ainda está faltando iluminação, rede de água, que está faltando asfalto, ou rua legalizada” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Mais recentemente, no ano de 2013, teve início a construção dos dois conjuntos habitacionais no bairro Santo Antônio. Chamados de Novo Tempo I e Novo Tempo II, implementados pelo Programa Minha Casa Minha Vida. Segundo Sy (2018), é considerado o maior empreendimento social de Lajeado, incluindo 28 prédios, com 16 apartamentos cada. “[...] situados na faixa 1 do programa governamental, que é a mais baixa e acolhe 498 famílias com renda mensal de até R\$ 1.600” (SY, 2018, p. 13).

De acordo com População (2017), os habitantes do bairro Santo Antônio manifestaram preocupação em relação à inauguração do Novo Tempo I, afirmando que os serviços públicos de educação e saúde não suportam o aumento da população. Na ocasião da reportagem, o Novo Tempo II já estava sendo habitado e, segundo seus moradores, o atendimento específico da saúde tem sido muito bom na Unidade Básica de Saúde do bairro.

Segundo Sy (2018, p. 122), os moradores dos conjuntos habitacionais, “[...] consideram que a conquista do espaço próprio representa um aumento na qualidade de suas vidas. Para ele, é uma conquista importantíssima para a família, pois representa segurança de ter onde viver [...]”.

Os conjuntos foram construídos na divisa do bairro Santo Antônio com o bairro Jardim do Cedro e os terrenos para construção foram doados pela Prefeitura Municipal de Lajeado (SY, 2018). Um dos conjuntos habitacionais, antes era um depósito de lixo e fica próximo da aldeia Kaingang (OLIVEIRA, 2010).

Sobre o bairro, Sy em uma pesquisa etnográfica em relação aos conjuntos habitacionais, descreve o seguinte:

O bairro Santo Antônio é conhecido na cidade e na região em função das altas taxas de criminalidade. As matérias da imprensa local relatam com frequência casos de tráfico de drogas, assassinatos e violência doméstica. Tais imagens veiculadas na imprensa encontram eco no discurso de moradores de outros bairros que afirmam que não é possível entrar no bairro Santo Antônio à noite, ou ainda que o bairro é violento e perigoso, com a totalidade dos moradores vivendo em condições precárias (SY, 2018, p. 65).

A população do bairro aumentou, especialmente com a inauguração dos conjuntos habitacionais. Com isso, houve um aumento nas solicitações de vagas, principalmente na educação infantil. A Escola Municipal de Educação Infantil Cantinho Mágico recebeu ampliações e, além disso, a Prefeitura Municipal de Lajeado iniciou a construção de uma segunda escola de educação infantil, próxima aos condomínios Novo Tempo I e Novo Tempo II. Ela foi inaugurada e começou a atender crianças de 0 a 5 anos em meados do ano de 2020.

Próximo ao Conjunto Habitacional Novo Tempo I e II foi construído um novo Posto de Saúde que foi inaugurado em 2020. Antônio Nilson Do Arte vibra com alegria essa nova conquista para o bairro “[...] *agora temos dois postos de saúde dentro da comunidade*” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, em Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Em agosto de 2020 o novo Plano Diretor Lajeado 2040 foi aprovado pela Câmara de Vereadores. Segundo Antônio Nilson Do Arte, com o novo Plano Diretor a infraestrutura do bairro será melhorada:

“Então através do Plano Diretor que foi uma grande conquista para Lajeado e para nosso bairro. A gente vai conseguir legalizar essa área, regulamentar, para que no futuro a gente possa ter luz, água para essas pessoas, ruas, porque tem ruas ali que são trilhos que foram feitos” (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Por fim, apresentam-se alguns dados estatísticos referentes ao bairro. No que se refere ao número de habitantes do bairro Santo Antônio, temos os seguintes dados do Censo do IBGE conforme a Tabela 2. Os dados referem-se ao Censo de 2000 e 2010, pois em 1991, ano do primeiro Censo, a Vila Santo Antônio pertencia ao bairro Conservas, não havendo, portanto, dados específicos.

Tabela 2 - População do bairro Santo Antônio: Ano e sexo

2000	2010
------	------

Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
3054	1540	1514	3260	1625	1635

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de IBGE (2019).

Em relação à alfabetização dos habitantes do bairro temos os seguintes dados de acordo com a Tabela 3. Observa-se que o número de homens alfabetizados é ligeiramente maior que o número de mulheres.

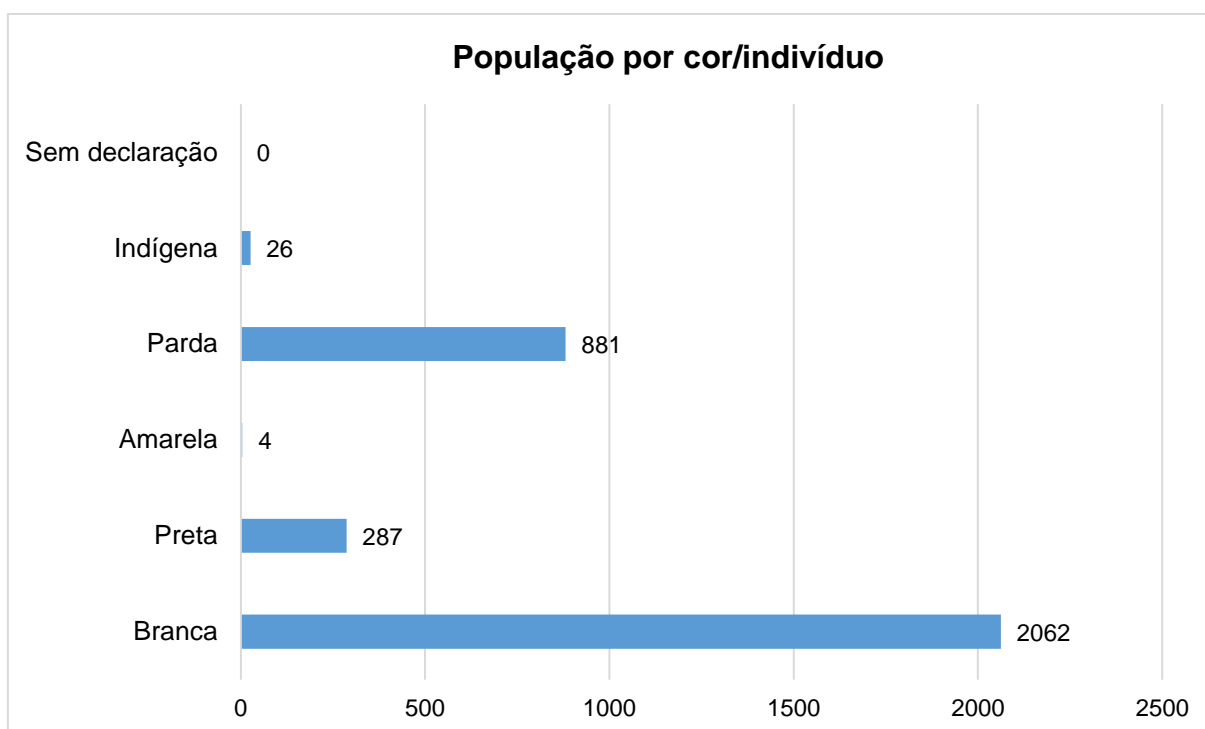
Tabela 3 – Taxa de alfabetização das pessoas de 10 anos ou mais de idade (%), por sexo

Total	SEXO	
	Homens	Mulheres
89,3	90,5	88,3

Fonte: Elaborado pela autora, a partir de IBGE (2019).

O bairro Santo Antônio é atualmente o nono (9º) mais populoso, dentre os vinte e sete (27) bairros da cidade de Lajeado/RS. De acordo com o Censo de 2010, sua população se declara da seguinte forma, conforme o Gráfico 1:

Gráfico 1 - População por cor do bairro Santo Antônio



Fonte: Elaborado pela autora, a partir de IBGE (2019).

Em comparação com os demais bairros da cidade, o bairro Santo Antônio possui a mais baixa renda de acordo com último Censo Demográfico realizado em

2010 (IBGE, 2019). Existe uma disparidade da renda média entre o bairro com a renda mais alta (Alto do Parque, R\$6.097,48) e o bairro que possui a renda mais baixa (Santo Antônio, R\$1.299,87), na cidade de Lajeado/RS.

Nesse sentido, dentre todas as dificuldades que foram apresentadas, observa-se que ao longo da sua história o bairro Santo Antônio cresceu e desenvolveu. E a história do bairro mostra que as melhorias foram possíveis a partir de movimentos da própria comunidade.

3.4 História dos espaços de aprendizagem

A contextualização do bairro Santo Antônio apresentou inúmeros espaços que foram constituídos ao longo da sua história. Dentre eles estão os quatro espaços previamente selecionados para essa pesquisa. Eles considerados importantes para os movimentos de ensino que acontecem naquele lugar, evidenciando a educação não formal.

Nessa seção, são apresentados, portanto, alguns aspectos da história desses quatro espaços.

3.4.1 Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal (FIGURA 12) iniciou as suas atividades em 11 de junho de 1956, mediante o decreto número 561. Segundo Memórias (2010, p. 44), “Atendia crianças de 1ª a 4ª séries da redondeza, uma vez que poucos eram os estudantes da Chácara”. A primeira diretora da instituição foi a professora Rosalina B. Sbaraini.

Figura 12 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal



Fonte: Acervo fotográfico da autora (2020).

“[...] ‘FOK’ como normalmente é chamada, foi fundada em 1956, no Bairro Santo Antônio, periferia da cidade de Lajeado. Historicamente, é um bairro que apresenta múltiplas carências econômicas e sociais”, comenta Heberle *et al.* (2012, p. 61).

Antes de ser denominado bairro Santo Antônio, a localidade chamava-se Chácara da Prefeitura. Conforme Memórias (2020, p. 44), “Só existia uma rua, mais especificamente um trilho, pela qual passavam carroças”. O local começou a crescer com o estabelecimento da escola, que inicialmente, funcionava na parte alta do bairro, perto de uma fonte de água (SILVA, 2016).

Em 1982, o então Secretário de Estado de Educação, Plácido Steffen, através da Portaria 30.030, de 02 de dezembro de 1982 designa as cinco escolas municipais de Lajeado que estavam sob jurisdição da 3ª Delegacia de Educação, sediada em Estrela e nela estava incluída a “Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Francisco Oscar Karnal, em Vila Santo Antônio” (RIO GRANDE DO SUL, 1982, p. 01).

Antônio Rempel lembra que em 1989 quando ele foi trabalhar como professor no bairro, “A FOK funcionava na SAIDAN, depois passou a funcionar na SLAN até ter o seu prédio novo inaugurado, onde funciona até hoje” (ANTÔNIO REMPEL. Anotação no Caderno de Campo, Lajeado/RS, no dia 22 de julho de 2020). Lembrança que está muito viva na memória de Sílvia Regina Gomes Schmitz, que

conta: “[...] *eu ia na SAIDAN e depois na SLAN. [...] Ali eu fiquei até os meus catorze anos e depois quando fizemos a FOK, aí fui para FOK*” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

Com a mudança para o novo prédio, foi fundada a biblioteca da escola, que recebeu o nome de Biblioteca Mario Quintana, denominação escolhida pelos alunos. Em 2007 a biblioteca foi informatizada e atualmente ela é “[...] administrada por uma auxiliar de biblioteca e um professor, que atendem atualmente a 554 sócios, entre alunos, professores e comunidade” (MEMÓRIAS, 2010, p. 46). Portanto, além de alunos, a comunidade em geral pode usufruir deste espaço.

Quando a escola iniciou suas atividades, oferecia atendimento de 1ª a 4ª séries. Com o passar dos anos, esse atendimento foi sendo ampliado. Em pesquisa nos arquivos da escola foi constatado que o Secretário de Estado da Educação e Cultura, Plácido Steffen, “[...] autoriza o funcionamento, a partir de 1987, de 6ª série do ensino de 1º grau na Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Francisco Oscar Karnal, em Lajeado, sob a jurisdição da 3ª Delegacia de Educação, sediada em Estrela” (RIO GRANDE DO SUL, 1986, p. 01). Isso significa que antes de 1987 a escola já oferecia a 5ª série, porém, sobre isso, nenhum registro foi encontrado. Um ano depois, em 1989, a Portaria nº 116 autoriza o funcionamento “[...] respectivamente, de 7ª e 8ª séries” (RIO GRANDE DO SUL, 1989, p. 01).

No ano de 1995, através do Parecer nº 503/95, “Autoriza o funcionamento, pelo prazo de cinco anos, do Curso de Suplência de 1º Grau – Ciclo Final – na Escola Municipal de 1º Grau Francisco Oscar Karnal, em Lajeado” (RIO GRANDE DO SUL, 1995, p.01). O curso de suplência foi oferecido na FOK de 1995 até 1998, para aqueles que não tiveram a oportunidade de concluir o Ensino Fundamental. O curso tinha duração de dois anos. E desde esse período que a escola funciona em três turnos: manhã, tarde e noite (MEMÓRIAS, 2010). A partir de 2003 a escola passou a oferecer a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite.

Nesse período a escola teve seu nome modificado pelo poder público. “Pelo Decreto nº 5.018/98, a escola passou a designar-se Escola Municipal de Ensino

Fundamental Francisco Oscar Karnal” (MEMÓRIAS, 2010, p. 44), tendo em vista que há alguns anos já estava oferecendo o Ensino Fundamental completo.

As conquistas vieram com o tempo e com a luta de todos. O professor Antônio Rempel e a secretária da FOK Lara Cristina Girardi falam da dificuldade de comunicação que existia no bairro e afetava a escola:

“Não tinha telefone no bairro. O único telefone público que tinha no bairro era na SAIDAN, que era um orelhão e ficava do lado de dentro, e à noite não podia ser usado, porque a gente não podia entrar. Na escola a gente tinha dificuldade também, porque não tinha telefone na escola. Se a gente precisava de alguma coisa tinha que ir até a SAIDAN e usar o telefone público” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Não tinha telefone na FOK, então formaram uma comitiva para ir em busca de um telefone público que ficasse à disposição do bairro:

“[...] nós tivemos no início muito trabalho para levar até o bairro, por exemplo, a comunicação. Aquele dito orelhão, o telefone público de antigamente, nós fomos a Porto Alegre com uma equipe (eu, presidente do bairro, presidente do CPM e vice, foi formada uma comitiva), com ônibus, pagávamos a nossa passagem, para reivindicar com os deputados, em Porto Alegre, melhorias para a escola e bairro” (ANTÔNIO REMPEL, entrevista concedida em Lajeado, RS, no dia 22 de julho de 2020).

Em abril de 1995, a escola lançou o “O Informativo da FOK”, com patrocínio de alguns estabelecimentos comerciais do bairro e de Lajeado. Foi lançado para ser um canal de comunicação entre escola e comunidade. A ideia surgiu a partir de um professor da escola que se engajou na proposta e tornou ela realidade. Depois de alguns anos o nome foi modificado para “Mundo FOK”.

Alguns exemplares que foram sendo lançados ao longo dos anos estão disponíveis no arquivo da escola e foram acessados nessa pesquisa. Neles aparecem textos diversos acerca da importância da leitura, importância da água, falas sobre datas comemorativas, enquetes, pesquisas realizadas, notícias da escola e do bairro, e pedidos da escola, com o quadro “SOS FOK”. Na primeira edição aparece o seguinte pedido:

Queremos deixar aqui o nosso recado as autoridades de nosso município. Nossa Escola está encontrando várias barreiras que estão dificultando o nosso trabalho, eis aqui algumas:

*Precisamos com urgência que seja terminado o muro ao redor da Escola.

*Atenção CRT, vamos dar aquele Alô de novo, o nosso Orelhão tem que voltar a funcionar.

*Atenção Brigada Militar: o Patrulhamento tem que voltar a acontecer e

constante.

Para resolver estes problemas a escola realizou no mês de março um abaixo-assinado. Por isto voltamos a apelar as autoridades: NÃO NOS ESQUEÇAM! (ESCOLA, 1995, p. 01).

Atuam na escola órgãos colegiados, como o Conselho Escolar e Círculo de Pais e Mestres (CPM) que é constituído a partir de eleições. Tem ainda o Grêmio Estudantil da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal (GEFOK). Ele foi fundado em 1993 e “Possui estatuto próprio, estando entre suas atribuições a organização de atividade de caráter cultural, cívico, esportivo e de ação social, como também incentivar, estimular e desenvolver as lideranças discentes visando a formação de cidadãos” (ESCOLA, 2017, p. 14-15).

Ao longo dos anos, a escola foi promovendo iniciativas em diferentes áreas, incluindo expressões artísticas. No ano de 2011 foi criada a Banda FOK. Este projeto tem envolvido alunos e comunidade. Além de desenvolver e valorizar talentos, a banda realiza apresentações na cidade de Lajeado e arredores. Heberle *et al.* (2012, p. 62), comenta que, “Em 2012, a escola tem oferecido aos alunos oficinas de Artes, Informática e Música no turno oposto, sendo a música um dos destaques da escola perante a comunidade Lajeadense”.

E continua:

A partir de uma parceria com o Colégio Evangélico Alberto Torres (CEAT), também são oferecidas aulas de basquete, em turno oposto ao da escola. Percebemos que os alunos participam destes momentos com interesse e dedicação, o que contribui para o desenvolvimento dos seus aspectos cognitivos, afetivos e sociais (HEBERLE *et al.*, 2012, p. 62).

Além dessas iniciativas, o Projeto Político-Pedagógico da escola ainda destaca o Laboratório de Aprendizagem e Sala de Recursos da escola como espaços fundamentais para o processo de ensino e de aprendizagem (ESCOLA, 2017). A escola ainda conta com o Laboratório de Informática, criado em 2008, e que funciona nos três turnos “[...] como ferramenta para potencializar a aprendizagem de conteúdos ensinados em outros ambientes” (ESCOLA, 2017, p. 06).

Tendo em vista o aumento nos números da violência em Lajeado, algumas iniciativas buscam diminuir esses índices enquanto rede municipal, como o Curso de Justiça Restaurativa, Círculos de Construção de Paz e Rede Cidadã. Desses, alguns

professores da instituição participam (ESCOLA, 2017).

Ao longo dos anos a FOK foi aumentando seu espaço físico e sua estrutura. Lara Cristina Girardi lembra que *“O prédio um tinha um piso só, vários espaços não existiam ainda. O ginásio não existia, a escola não era murada, era arame farpado. E assim foi crescendo muito”*. E continua lembrando das conquistas da escola: *“Hoje a gente conta com a banda, com projeto de dança, tem um projeto de horta. Tudo foi se agregando com o tempo [...]”* (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Até o ano de 2020 a escola teve vinte diretores, sendo que a partir de 2013, quando foi sancionada a Lei de Gestão Democrática (Lei 9291), os diretores passaram a serem eleitos pela comunidade escolar. Atualmente, a diretora é a professora Marisete Mathes, contando com duas vice-diretoras. Frequentam a escola em torno 460 alunos. Além do corpo docente, formado por aproximadamente 28 professores, a escola ainda conta com coordenação pedagógica, orientação educacional, laboratório de aprendizagem, atendimento educacional especializado, secretária, bibliotecária, vigilante, servente e instrutor de banda escolar.

3.4.2 Projeto Élas Social

O Projeto Élas Social (FIGURA 13) foi criado em setembro de 2019. Segundo Fernanda Colombo, uma das idealizadoras do Projeto, *“O Élas nasceu numa busca minha muito grande de autoconhecimento e busca de propósito. Tinha acabado de retornar de um ‘mochilão’ de 6 meses, onde vi muita miséria, e um planeta Terra pedindo socorro”* (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

Em princípio o Projeto começou como uma oficina de moda e artesanato, com couro doado por empresas. *“Mas as próprias participantes se engajaram na atividade que hoje lhes garante uma renda para manter a casa e a família”* (MUDANÇA, texto digital). Assim como relata Fernanda, *“Iniciamos o projeto com workshops para mulheres no bairro Santo Antônio, até que percebemos que havia se tornado um negócio”* (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020). São acessórios confeccionados

e posteriormente comercializados em Lajeado e região, atentando à sustentabilidade: *“Nossas peças de moda e arte são confeccionadas manualmente com amor e atentam aos princípios da sustentabilidade”* (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020). Hoje o Projeto conta com uma marca que o identifica, conforme a Figura 13:

Figura 13 - Logotipo do Projeto Élas Social



Fonte: Atelier Élas (2020).

O Projeto visa o empoderamento feminino, não somente pela renda que tem possibilitado às mulheres, mas também por incentivar a autoestima das participantes e novos aprendizados. Segundo Mudança (2019, texto digital), “O projeto propõe desenvolver conhecimentos e consciência sobre o mundo e as oportunidades para essas mulheres, de forma duradoura. Para que tenham melhores oportunidades no mercado de trabalho futuro”. Élas surgiu como uma alternativa para as mulheres que por vezes não conseguem emprego por serem do bairro Santo Antônio, ou ainda, porque vivem sozinhas com seus filhos e não encontram um espaço para os deixarem no turno oposto ao da escola.

Fernanda Colombo destaca que para idealização do Projeto ela contou com Marinês Alves da Silva, moradora do bairro Santo Antônio. Segundo Fernanda, *“Não é possível falar de Élas sem falar de Marinês Alves da Silva. A líder comunitária com quem eu tive o privilégio de encontrar para tornar esse sonho possível”* (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020). Os encontros do grupo eram realizados na residência de Marinês e foram interrompidos quando Marinês veio a falecer. *“Ela partiu para o outro plano em julho desse ano, deixando esse legado e muita saudade em nossos corações”* (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet,

Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

Aos poucos o Projeto pretende ampliar sua atuação, conforme conta Fernanda Colombo “*No momento estamos trabalhando para conquistar a nossa sede própria (que levará o nome da Marinês) contando com a ajuda de empresas e sociedade civil*” (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020). Além da sua sede, o Élas está implantando uma agrofloresta no bairro, que além de aprendizados, proporcionará uma alimentação mais saudável.

3.4.3 Projeto Vida Santo Antônio

O Projeto Vida (FIGURA 14) foi fundado com a intenção de atender as crianças e adolescentes de seis a catorze anos de idade “[...] que perambulavam pelas ruas no turno oposto ao escolar, enquanto seus pais trabalhavam” (LAJEADO, 2004, p 11). Surgiu, portanto, como um espaço para ser frequentado por crianças e adolescentes quando não estão frequentando a escola. De modo a “[...] promover e defender a vida das crianças e dos jovens em comunidades desprovidas de recursos próprios” (LAJEADO, 2004, p. 11).

Figura 14 – Projeto Vida Santo Antônio



Fonte: Acervo fotográfico da autora (2020).

Dessa forma, o sujeito que vai à escola no turno da tarde, frequenta o Projeto Vida durante a manhã, recebendo um lanche e o almoço na instituição, podendo ir direto para a escola. Aquele que frequenta a escola no turno da manhã, pode sair da escola antes do meio dia e ir direto até o Projeto, almoçar no local e receber o lanche da tarde. A alimentação recebe acompanhamento do serviço de nutrição da Secretaria Municipal de Educação de Lajeado.

Conforme o Relatório de Atividades da Prefeitura Municipal de Lajeado, consultado no CMDPU, de 1993 a 1996, o Projeto Vida foi

Criado como alternativa para o desenvolvimento de uma formação profissional e semi-profissional, lazer, esporte, habilidades artísticas e culturais em comunidades carentes, tornando o aluno integrado e participativo em sua comunidade. Projeto implantado no Bairro Santo Antônio, atendendo 200 crianças (PREFEITURA, [1996], *n.p*).

No bairro Santo Antônio foi fundado pela Prefeitura Municipal o primeiro Projeto Vida de Lajeado, no ano de 1992. E sua primeira diretora foi a professora Jaqueline de Oliveira. Inicialmente o Projeto Vida funcionava no espaço físico da

Associação de Assistência à Infância e Adolescência – SAIDAN. Sílvia Regina Gomes Schmitz recorda sobre o Projeto Vida “*Que era na SAIDAN, depois foi lá para Associação dos Moradores*” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

Alguns anos depois, portanto, o Projeto Vida Santo Antônio se instalou na sede da Associação dos Moradores do bairro Santo Antônio, onde funciona até hoje e o seu diretor é o professor Demétrius Karol Lorenzini. O Projeto Vida inicia as atividades às 7h e 30min, funcionando até às 17 horas (PROJETO, [2017]).

Tendo em vista a importância dada ao Projeto Vida no bairro Santo Antônio, outros foram sendo criados. Atualmente Lajeado conta com mais cinco Projetos Vida, além do Santo Antônio, são eles: Projeto Vida São José, Projeto Vida Campestre, Projeto Vida Moinhos, Projeto Vida Santo André e Projeto Vida Conventos.

De acordo com Histórico do Projeto Vida, quando a instituição iniciou suas atividades, ela era frequentada por moradores do bairro Santo Antônio para “[...] aprender artesanato, datilografia, música, dança, ginástica, culinária e outros, não havendo limite de idade. Cada participante fazia a oficina que lhe interessava, era bem livre” (PROJETO, [2017], *n. p.*). Mais tarde, o Projeto foi sendo reestruturado, atendendo, portanto, sujeitos de seis a catorze anos de idade somente.

O Projeto Vida tem como mantenedora a Secretaria Municipal de Educação de Lajeado, que repassa, trimestralmente uma verba, oferecendo ainda apoio administrativo e pedagógico à instituição e seus profissionais, que são contratados por ela, incluindo “[...] professores, agentes socioeducativos e estagiários” (PROJETO VIDA, 2017, texto digital). Além da Secretaria Municipal de Educação, o Projeto também conta com apoio do Conselho Municipal da Criança e do Adolescente (COMDICA), que oferece materiais e bens de consumo e de algumas famílias que contribuem de forma espontânea (PROJETO, [2017]).

As atividades desenvolvidas no Projeto Vida Santo Antônio são variadas, buscando possibilitar o desenvolvimento de diferentes habilidades nos sujeitos frequentadores. Dentre as atividades estão “[...] oficinas de artesanato como pintura em madeira, pintura em tecido, bordado ponto cruz, patchwork, bordado, confecção

de toalhas entre outros” (PROJETO, [2017], *n. p.*).

Ainda são desenvolvidas atividades de leitura e horas do conto, auxílio para realização das atividades escolares como temas e trabalhos solicitados pelos professores. Além disso, são oportunizadas oficinas de música (canto coral e alguns instrumentos), “[...] técnicas em papel, práticas esportivas, jogos didáticos e pedagógicos orientados, jogos de recreação, jogos de tabuleiro, técnicas de embelezamento e higiene, estudo de filmes dentre outras atividades”, conforme Projeto Vida ([2017], *n. p.*). Demétrios Karol Lorenzini destaca que o Projeto tem o objetivo de “[...] *possibilitar às crianças e adolescentes um momento para fazerem o tema, algo relacionado à escola, e a questão da socialização. A gente trabalha muito com a socialização*” (DEMÉTRIOS KAROL LORENZINI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 21 de julho de 2020).

Atualmente o Projeto Vida Santo Antônio atende em torno de 74 crianças e adolescentes. E conta com cinco professores, um deles responsável pela oficina de capoeira.

3.4.4 Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente

A Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente conta com três centros de atendimentos: Centro Lenira Müller Klein (bairro Centro), Centro Nora Oderich de Atendimento à Menina (bairro Conservas) e Centro Pedro Albino Müller (bairro Santo Antônio) (FIGURA 15 e 16).

Figura 15 – Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente - Centro Pedro Albino Müller



Fonte: Acervo fotográfico da autora (2020).

Figura 16 - Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente - Centro Pedro Albino Müller vista do alto



Fonte: SOCIEDADE (2018b).

Nesta pesquisa estará incluído o Centro Pedro Albino Müller, localizado, portanto, no bairro Santo Antônio. Porém, para contextualizar o surgimento e desenvolvimento desta entidade como um todo, será feito um breve histórico.

A Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente “[...] foi fundada em 16 de dezembro de 1958”, (SOCIEDADE, 2020a, texto digital), por líderes da comunidade de Lajeado, com o intuito de amparar quem necessitasse de verbas e doações. E seu primeiro presidente foi Pedro Albino Müller.

Até por volta de 1975 “[...] a sistemática era repassar verbas para órgãos não governamentais de todo o município de Lajeado [...]” (A SLAN, 2018c, p. 04). Ou seja, a entidade auxiliava em casos de assistência social, por exemplo o “Natal da Criança Pobre”, ação que incluía a costura de roupas e a doação de brinquedos.

Anos depois, “[...] com o aumento de menores nas ruas [...]” (LENIRA, 2014, p. 43), a entidade é reformulada. “No coração, apenas a inquietação e o inconformismo com a pobreza e a injustiça, e um enorme desejo de ajudar, empreender, transformar sonhos em realidades, restaurar a dignidade e as esperanças perdidas das pessoas [...]” (SOCIEDADE, 2020a, texto digital).

Portanto, no ano de 1976, a Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente é remodelada, tendo em vista um atendimento mais efetivo:

Em 1976 com a constatação do aumento de crianças pedintes nas ruas, prefeitura e comunidade uniram-se e assumiram a reorganização da entidade, aproveitando sua estrutura e inauguraram o primeiro núcleo da SLAN: Centro do Menor com 30 meninos e meninas (KLEIN, 1991, p. 28).

Em entrevista ao Jornal O Informativo, edição especial em comemoração aos 100 anos de Lajeado, Lenira Maria Müller Klein, filha do primeiro presidente da SLAN, destaca que os

[...] líderes da comunidade, estabeleceram a estrutura de uma entidade, sem fins lucrativos, com o objetivo de prestar assistência aos necessitados, em especial à infância desamparada, aos social e economicamente desajustados, contribuindo para a solução de problemas relativos ao ensino ou educação (KLEIN, 1991, p. 28).

O primeiro núcleo da SLAN, chamado Centro do Menor, foi instalado em um prédio na Vila São José, no bairro Centro, com o intuito de atender crianças e adolescentes durante o dia, no turno oposto ao da escola. Um ano depois foram feitos convênios com a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM) e com a Legião Brasileira de Assistência (LBA), momento em que a SLAN passa a atender em torno de 300 crianças (SOCIEDADE, [2018]a).

Em 1978, a SLAN em parceria com o Rotary Club Lajeado, passa atender meninas no Centro Nora Oderich, mais conhecido como Lar da Menina, localizado no bairro Conservas. O Centro iniciou atendendo 60 meninas e recebeu esse nome em homenagem à mãe de Francisco Oderich, doador do local. Francisco era proprietário da Conservas Oderich que havia se instalado nas proximidades, em décadas anteriores.

Anos depois, “Em 17 de dezembro 1979 com a cedência de um chalé, pela Prefeitura, situado na rua Francisco Oscar Karnal, na Vila São José, a SLAN passa a atender mais crianças pequenas de 03 aos 06 anos, inaugurando a ‘Casa da Criança’” (SOCIEDADE, [2018]a, n.p.).

Com o constante aumento na demanda por novos atendimentos, na década de 1980 a SLAN faz ampliações em seus prédios e outros são adquiridos ou construídos. O Centro Pedro Albino Müller, localizado no bairro Santo Antônio começa a ser construído no ano de 1981, mediante recebimento de doação do terreno e verba: “Recebe em 15 de dezembro de 1981 uma verba de 13 milhões de cruzeiros para a construção de um prédio na Vila Santo Antônio, em terreno cedido

pela Prefeitura Municipal. Este é inaugurado em agosto de 1982” (SOCIEDADE, [2018]a, n.p.). Segundo Klein (1991, p. 28), houve a “[...] construção de um prédio na Vila Santo Antônio, com 520m² de área, para abrigar 200 crianças”.

Em 1981, a Casa da Criança recebe reformas e ampliações. É feita “[...] a construção de um salão de 100 metros quadrados” (SOCIEDADE, [2018]a, n.p.). Além disso, em 1986 a SLAN instalou um Centro Administrativo no bairro Centro, mediante a compra de um prédio, na rua João Abott.

No ano de 1988, o primeiro Centro fundado pela SLAN, denominado Centro do Menor, foi incendiado. Em virtude disso, foi adquirido um prédio junto à Casa da Criança, direcionando o atendimento das crianças para este local. Outras ampliações na década de 1990 foram feitas nas proximidades, fazendo com que a SLAN tivesse “[...] meio quarteirão, com três chalés e um prédio de dois pisos, para atendimento de 230 crianças e adolescentes” (SOCIEDADE, [2018]a, n.p.). As reformas e ampliações feitas transformaram a Casa da Criança no Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente, sendo hoje chamado de Centro Lenira Maria Müller Klein.

O Centro Pedro Albino Müller do bairro Santo Antônio também recebeu a ampliação de “[...] duas salas, área coberta e banheiro para atendimento de crianças de 02 a 04 anos” (SOCIEDADE, [2018]a, n.p.), demonstrando a preocupação da entidade em atender as crianças e jovens, diante do aumento de pedidos por vagas. Sílvia Regina Gomes Schmitz conta com alegria as conquistas que foram acontecendo: *“A SLAN não tinha o muro na volta, a gente viu ser feito. [...] Era tudo diferente, tinha uma cerca viva com espinhos [...]. Depois com doações fizeram o muro”* (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

No Planejamento Estratégico 2017-2021 da entidade, aparece a reflexão de que ao longo da sua história,

[...] a SLAN contou com o apoio da comunidade, e de entidade como Rotary e Lions. Amencar/Kindernothilfe da Alemanha e do poder Público nas esferas municipal, estadual e federal. Foram anos de grandes dificuldades, de muito trabalho, e de determinação quando ao seu projeto em atender crianças e adolescentes (SOCIEDADE, 2016, n.p.).

Portanto, além de realizar inúmeras ações beneficentes como brechó, ação entre amigos, bingo, a SLAN conta com auxílio do poder público e entidades regionais, nacionais e de outros países para manter e ampliar seus atendimentos nos três Centros.

Atualmente, a SLAN atende em duas modalidades, sendo uma delas a Educação Infantil e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos até os 15 anos de idade. Os três Centros da SLAN “[...] contemplam uma demanda significativa de crianças e adolescentes em situação de risco e/ou vulnerabilidade social, oriundos de famílias de baixa renda” (SOCIEDADE, 2016, *n.p.*).

Para desenvolver o seu projeto social, a SLAN estabelece forte rede de articulação, por exemplo, com a rede municipal e estadual de ensino, Secretaria do Trabalho, Habitação e Assistência Social, Univates, Conselhos Municipais como dos Direitos da Criança e do Adolescente, Educação, Saúde, Unimed, empresas da cidade, entre outros (SOCIEDADE, [2018]a).

Na Educação Infantil as crianças são atendidas em turno integral. E no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos o atendimento acontece no turno oposto ao da escola. O trabalho desenvolvido na SLAN, é realizado através de “[...] atividades, projetos e oficinas voltadas à garantia de direitos, promoção, proteção, desenvolvimento e socialização, tendo como inter complementaridade, propostas de ações com a família, escola e comunidade” (SOCIEDADE, 2016, *n.p.*). E a organização das crianças e jovens acontece por turma.

Na Educação Infantil (02 a 05 anos), o atendimento acontece em tempo integral, o objetivo é “Propiciar a criança um ambiente rico em experiências necessárias ao desenvolvimento físico, psicológico, intelectual e social, complementando as ações da família e da comunidade” (SOCIEDADE, 2020b, texto digital). Letícia Regina de Bairros lembra que inicialmente a única opção de Educação Infantil no bairro Santo Antônio era a SLAN, destacando a importância da instituição: “Quando não tinha creche municipal, era lá que as crianças iam e continuam indo” (LETÍCIA REGINA BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020).

E no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (06 a 15 anos),

onde o atendimento ocorre no turno em que a criança não está na escola, a instituição tem por objetivo

Promover e ampliar ações de caráter preventivo, bem como pró-ativo, pautado no desenvolvimento de capacidade e potencialidade de crianças e adolescentes, firmando o compromisso de fortalecer a convivência familiar e comunitária, articulando a rede sócio-assistencial no município (SOCIEDADE, 2020b, texto digital).

Na Educação Infantil a proposta é desenvolvida a partir de projetos. E no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos através de oficinas. Os colaboradores e professores recebem constantes capacitações e formações. Sendo elas diretamente relacionadas à parte pedagógica, bem como relacionadas às questões de relacionamento interpessoal (SOCIEDADE, [2018]a).

No bairro Santo Antônio, a SLAN tem participado de iniciativas em nível de bairro, como é o caso do “Bairro Santo Antônio Unido pela Paz”, que, através de várias ações têm procurado desenvolver uma cultura de paz no bairro. Essa iniciativa também conta com a colaboração da comunidade e de outras instituições do bairro.

Em 2018, quando a SLAN completou 60 anos, atendia em torno de 640 crianças e jovens nos seus três Centros. Conforme levantamento feito em 2019 no Centro Pedro Albino Müller, eram atendidos em torno de 160 crianças e adolescentes. Esse público reside em grande parte no bairro Santo Antônio, mas também arredores, como bairro Conservas, Morro Vinte e Cinco e Nações. Existe uma grande demanda por vagas no Centro Pedro e a seleção é feita a partir de alguns critérios: o primeiro deles é a renda e outro critério é o cadastro da família no programa do Bolsa Família.

O Centro localizado no bairro Santo Antônio tem como diretora, a professora Mara Rejane Bocchese, que está como gestora do Centro há 14 anos. E ainda conta com professores e monitores, além de merendeiras e serventes.

4 OS ESPAÇOS DE UMA COMUNIDADE, SUAS PERCEPÇÕES E AS POSSIBILIDADES DE ENSINAR E DE APRENDER

Desenvolver a pesquisa acerca das percepções da comunidade diante dos espaços de aprendizagem de um determinado bairro implica pensar o tempo e o espaço de movimentos e relações sociais. São movimentos coletivos e individuais, com interesses comuns e particulares. Mas que, invariavelmente, se produzem em torno de lugares considerados importantes para a comunidade do bairro. Eles representam afeto e proteção, significados máximos para os movimentos de ensino e aprendizagem, numa concepção “freiriana”.

O tempo e o espaço de movimentos e relações sociais enquanto possibilidades de ensino e de aprendizagem é que se propõe aqui pensar. Nesse sentido, Fernandes (2009), argumenta que é preciso pensar no ensinar e no aprender como processos que podem ser desencadeados em diferentes universos e espaços da cidade, não apenas dentro da escola, mas em outros espaços de um bairro onde o sujeito transitar, pois

O espaço da cidade é um local de ações sociais, políticas, poéticas, culturais, de procedimentos de resistência e de criatividade, de relação entre espaços de circulação, de encontro, de vivência, fruição, que coloca em contato diferentes formas de pensar, sentir, agir e se colocar dos grupos sociais, fruto de seus repertórios e contextos culturais (FERNANDES, 2009, p. 59).

É nos mais variados encontros com o outro que o sujeito pode aprender. Nas relações que estabelece nos espaços pelos quais transita, incluindo diferentes idades e grupos sociais, que proporcionam vivências, trocas e pensamentos.

A ideia de que a educação acontece apenas dentro da escola ainda está muito presente na lógica ocidental. Munhoz (2012) afirma que por longo tempo a educação foi entendida como sinônimo de escola, considerando que ela pudesse se dar somente dentro desse ambiente, atentando a conteúdos programáticos e todos os regramentos. Porém, Freire (1979) argumenta que a educação é muito mais ampla e refere-se à humanização e consciência de si enquanto sujeito, tendo em vista que nascemos incompletos e necessitamos de transformações ao longo de toda vida. Muito além da escola, a educação é um conceito amplo, um processo que se associa à cultura, considerando a apropriação e transmissão dos conhecimentos produzidos e acumulados pela sociedade (STECANELA, 2010).

A despeito da definição de educação, Larrosa (2001, p. 188), defende que a educação

[...] é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem à chegada daqueles que nascem. A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem, responder é abrir-se à interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem (LARROSA, 2001, p. 188).

A partir dessa reflexão de Larrosa (2001), observa-se a educação enquanto processo complexo, de responsabilidade, que se dá a partir do nascimento do sujeito. Necessita, portanto, de preparação por parte da sociedade e suas instituições para receber aqueles que chegam.

Por isso, pensar a educação dentro de uma comunidade sugere pensar que este é um conceito amplo e que pode ser desenvolvido em diversos espaços e nas convivências sociais. Assim, lembram Lima *et al.* (2019, p. 272), “O ser humano aprende, apreende e se desenvolve em suas relações”.

Desse modo, apesar das discussões acerca dos processos de ensino e de aprendizagens consideram amplamente a instituição escolar, é preciso pensar que “[...] a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola, é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre seus participantes” (BRANDÃO, 1985, p. 47). Assim, para Gohn (2006) a educação acontece em espaços formais, informais e não formais de ensino. De acordo com a autora, cada dimensão possui seus objetivos distintos e determinada importância no

desenvolvimento do ser humano, pois um cidadão não se forma apenas com educação não formal (GOHN, 2016).

Ou ainda, como destaca Masschelein e Simons (2014), que a educação é um processo que acontece em todas as culturas ao longo do tempo. E que a escola é apenas uma forma institucionalizada para isso acontecer. Ainda que a escola seja um espaço especial, onde o sujeito tenha “tempo livre” para aprender, a educação pode ocorrer em diferentes espaços.

Dentro dessa gama de discussões, Severo (2014) traz como provocação a expressão de Beillerot (1985), “sociedade pedagógica”, sugerindo as relações sociais como possibilidade para ensinar e aprender. A sociedade pedagógica, portanto, oportuniza ao sujeito “[...] o desenvolvimento integral do homem em suas dimensões social, psicológica e cultural, e a promoção da cidadania, da inclusão social e a apropriação e uso inteligente das ferramentas tecnológicas atuais” (SEVERO, 2014, p. 149).

Sobretudo, o desenvolvimento integral e a conscientização de si enquanto sujeito, ao qual Severo (2014) se refere, pode se dar tanto em instituições, como em espaços outros, por exemplo, a rua. São ambientes potentes para que cada um possa enxergar a realidade do lugar em que vive, e refletir de forma crítica sobre ela para promover mudanças. Para Severo (2018, p. 03), os processos educativos que ocorrem em diferentes espaços são fundamentais “[...] para a promoção de processos que potencializam a educabilidade humana em tempos nos quais as pessoas são confrontadas por múltiplas possibilidades e demandas de ensinar e aprender, de educar e educar-se”.

Nessa perspectiva é relevante considerar a teoria do psicólogo bielorrusso, Vygotsky. Segundo ele, é fundamental perceber que as vivências do sujeito com o meio são amplas e profícuas para a aprendizagem. O autor afirma que “[...] o aprendizado das crianças começa muito antes delas freqüentarem [sic] a escola. Qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia” (VYGOTSKY, 1991, p. 94).

Conforme Vygotsky (1991), desde pequena, o ambiente é um recurso a ser explorado, onde a criança passa por vivências que lhe proporcionarão aprendizado e

desenvolvimento; pois, “[...] já no período de suas primeiras perguntas, quando a criança assimila os nomes de objetos em seu ambiente, ela está aprendendo” (VYGOTSKY, 1991, p. 95). Entretanto, o autor argumenta que são conhecimentos diferentes, uma vez que o conhecimento da escola é científico.

O ensinar e o aprender são processos que podem ser desencadeados a partir de diversas possibilidades, cada sujeito a seu modo. Todos aprendemos e ensinamos em diferentes espaços e tempos. Entende-se, assim, que o meio no qual o ser humano cresce e convive é uma grande fonte de aprendizagem. E que, além da escola, o convívio social é fundamental para o desenvolvimento do sujeito, desde muito pequeno. São processos que acontecem em diferentes espaços por onde o ser humano caminhar e estabelecer relações, incluindo o próprio contexto social onde vive: o bairro e a comunidade. E tudo isso caracteriza-se como um enorme desafio em meio à pandemia de Covid-19 que vivemos nesse momento.

Assim, este capítulo discute as relações da comunidade com os espaços nela existentes e como esses podem ser possibilidades para processos de ensino e de aprendizagem.

4.1 Os espaços e os movimentos de um bairro

Contextualizar o ambiente da pesquisa, no capítulo anterior, ao que diz respeito a sua história, foi fundamental para compreender as suas constituições ao longo do tempo e assim pensar o espaço e o lugar dos movimentos e das relações sociais no bairro Santo Antônio e suas contribuições para o ensino e aprendizagem. Costa e Maciel (2009, p. 63) entendem que uma “[...] concepção que podemos utilizar para bairro está relacionada aos critérios de delimitação da área pela administração pública, podendo ser compreendida como a menor porção da unidade administrativa”.

Nesse sentido, o bairro Santo Antônio é uma delimitação de área, dentro um território maior, o município de Lajeado/RS. Gonçalves (2020, p. 17) afirma que, ainda que o bairro seja uma divisão territorial, as definições podem ser feitas, “[...] incluindo elementos, tais como um determinado espaço, características sociais comuns e interação *[sic]* social, sem que haja consenso quanto à dimensão do

espaço, quanto ao conteúdo e extensão das características sociais e quanto à densidade da interação *[sic]*”.

Dessa maneira, mais que uma delimitação de área, o bairro é um espaço com elementos em comum, como as características sociais, o que implica dizer que é um espaço de movimentos e de encontros. Para Costa e Maciel (2009, p. 63), “O bairro pode ser compreendido como o espaço físico e afetivo no qual ocorrem as relações sociais cotidianas do sujeito”. Foi nessa perspectiva que se pensou o bairro Santo Antônio: enquanto lugar de convivência, tendo como referência espaços potentes para ensinar e aprender.

Assim, o bairro se constitui como um espaço de relações sociais e afetivas,

[...] um lugar de vivência íntima, demarcado e consagrado afetivamente por seus moradores em profundas e duradouras relações de familiaridade, vizinhança e compadrio. [...] portador de identidade própria, resultante de uma fisionomia particular e de uma convivência social específica (HALLEY, 2014, p. 585).

Por ser um espaço de convivência e relações humanas todos os sujeitos que ali vivem precisam se sentir pertencentes. Por isso, o bairro é “[...] um lugar de vivência imbuído de características marcantes herdadas de sua trama particular, sendo eleito e demarcado territorialmente pelo sentimento coletivo dos seus moradores” (HALLEY, 2014, p. 578). Pensar, portanto, o bairro Santo Antônio como lugar de movimentos coletivos e individuais ao longo da sua história e que carrega a identidade do grupo que ali vive, como reforça Halbwachs (2006, p. 161):

O lugar ocupado por um grupo não é como um quadro-negro no qual se escreve e depois se apaga números e figuras. [...] Mas o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada aspecto, cada detalhe desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável.

Halbwachs (2006) e Halley (2014) lembram que o lugar/bairro é marcado por detalhes particulares que só quem ali vive e se relaciona com o espaço é que pode compreender seu sentido. Exatamente por isso que foi essencial conhecer a história do bairro, para posteriormente investigar quais espaços são considerados referência para aquela comunidade, e as representações que eles assumem para quem ali

vive. Pensar o bairro não apenas como delimitação territorial, mas como comunidade, um lugar de “[...] certeza, segurança e proteção” (BAUMAN, 2003, p. 68).

Desse modo, as vivências do ser humano estão ligadas aos espaços. O homem necessita deles para realizar as suas mais diversas atividades diárias, desde as mais íntimas como o vínculo com a família até o trabalho, amizades, convivências e lazer. Cada um desses espaços possui representações particulares para os sujeitos. Mas Calderón (2009, p. 19) ressalta que “A somatória destes espaços constitui o espaço vital comunitário que engloba as atividades de uma sociedade humana”. Assim, a vida da comunidade está misturada com os espaços nela existentes. E para cada comunidade os espaços representativos podem ser os mais diversos, e foi exatamente isso que se buscou investigar: saber quais são os espaços considerados referência para a comunidade do bairro Santo Antônio.

Nessa perspectiva os participantes foram convidados a falarem acerca dos espaços que consideram significativos no bairro. Nesse momento a referência foi a espaços públicos e de uso coletivo. Locais que são considerados de acesso a todos e, segundo Ceará (2015), onde acontece o encontro com o outro. Espaços construídos e vividos ao longo da história do bairro de forma coletiva, onde o grupo encontra sua identidade. Assim como reforça Lazzari *et al.* (2017, p. 03) quando dizem que as “[...] comunidades locais constituem fontes de identidades quando construídas por meio da ação coletiva”.

Os espaços citados pelos sujeitos fazem referência, portanto, a lugares comuns, nos quais acontece a socialização e a troca. O professor Antônio Rempel afirma que “*Todos os espaços são importantes. Mas eu vejo assim, a escola, é o espaço que mais gostam*” (ANTÔNIO REMPEL, entrevista concedida em Lajeado/RS, no dia 22 de julho de 2020). As escolas aparecem nas falas de todos os interlocutores como sendo um espaço de referência muito forte no bairro.

Além da escola, são citados o Projeto Vida e a SLAN. Por alguns sujeitos entrevistados esses espaços foram lembrados como instituições de ensino. Ou seja, além da escola, observa-se que a comunidade enxerga esses espaços como possibilidades de ensino.

Além das escolas, Projeto Vida e SLAN os sujeitos citaram o Posto de Saúde e a Saidan como espaços de referência no bairro, principalmente em relação à saúde e o cuidado com os moradores. O Posto de Saúde adquire importância pelos atendimentos médicos, psicológicos e de enfermagem. E a Saidan, por abrigar crianças e adolescentes em casos de vulnerabilidade e prestar todo atendimento que necessitam.

Ambos são espaços de referência onde a comunidade se sente acolhida, sendo assim, lugares em que se encontra o outro, se busca ajuda e conversa. Para Reis *et al.* (2014) um dos pilares da Educação Popular em Saúde é a construção comum do conhecimento e, para isso, é fundamental expandir a atuação dos espaços públicos onde seja possível a prática do diálogo e respeito à cultura do lugar. Partindo do pressuposto de que é nesse espaço que os movimentos sociais acontecem, sendo eles individuais e coletivos. E principalmente, onde as particularidades devem ser respeitadas.

A igreja é um espaço considerado significativo na comunidade por dez dos onze sujeitos entrevistados. Essa instituição aparece como forte referência no bairro, independente da confissão. Atualmente existem inúmeras igrejas no bairro e são vistas com muito respeito.

Observa-se com Oliveira (2010) que o templo é considerado um espaço sagrado dentro de um grupo social, onde os sujeitos percebem que fazem parte de um coletivo. Segundo a autora, "O templo é o 'lugar sagrado' por excelência e é a partir dele que os espaços adquirem sentido e realidade" (OLIVEIRA, 2010, p. 16). Desse modo, a igreja, enquanto espaço comum, também foi se constituindo enquanto lugar de referência para o bairro Santo Antônio ao longo da história.

Uma das interlocutoras ouvidas expressa com admiração o quanto a comunidade aprecia espaços de convivência e diz o seguinte: "*Sinto que os espaços de convívio são muito importantes. Ao visitar os condomínios do Novo Tempo I e II percebemos as rodas de conversa na grama ou calçada em cadeiras dobráveis*" (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

"E os lugares de lazer também, como a pracinha, junto com a pista e o

ginásio” (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020). A praça, o ginásio, demais salões comunitários, quadras e a pista de caminhada são espaços que foram citados por vários interlocutores como lugares de lazer para a comunidade. Vianna (2007, p. 05), afirma que “A praça é um espaço público urbano, de convivência e lazer, de caráter social”. São, portanto, espaços que lembram o convívio e a relação entre os sujeitos da comunidade, assim como defende Calderón (2019, p. 24): a “[...] praça como lugar de encontro, de expressão sociocultural [...]”.

Além desses espaços de lazer, alguns sujeitos ouvidos ainda lembraram da cachoeira do bairro. Um espaço muito frequentado há alguns anos para momentos de diversão em meio à natureza. E a bica, fonte onde a comunidade usufruía de água limpa, como lembra Mônica da Rosa: “*A água era muito limpa, era transparente*” (MÔNICA DA ROSA, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Um espaço citado pela gestora Mara Rejane Bocchese e pela moradora Josuana Gonçalves é a rua. “*Muitas ruas já estão asfaltadas e bem cuidadas*” (MARA REJANE BOCCHESE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de agosto de 2020). Este é um espaço lembrado, principalmente, por trazer melhoria para a mobilidade e estética do bairro. Concordando assim com Calderón (2019, p. 24) quando entende “A rua, como espaço para percorrer ou de movimento [...]”. Mas para além disso, a rua como um lugar onde as pessoas transitam, se encontram e conversam.

Em relação à mobilidade foram lembradas também as paradas de ônibus. Na visão de Mara Rejane Bocchese esses foram espaços melhorados ao longo dos anos no bairro Santo Antônio. As rotas do ônibus foram alteradas pensando no bem-estar de toda a população do bairro. Mara lembra que anos atrás o ônibus passava apenas nas ruas próximas a entrada do bairro. Hoje a rota está organizada para atender quem mora em lugares mais distantes, facilitando a locomoção da população para o centro da cidade e outros bairros.

A cada espaço conquistado existe uma vibração muito grande por parte da comunidade, por exemplo, o ginásio inaugurado nos últimos anos e que foi lembrado

por vários entrevistados como um espaço que pode ser usufruído pelos moradores: *“Hoje tem o ginásio, a Associação dos Moradores que está caminhando, está andando. Só melhora!”* (DEMÉTRIOS KAROL LORENZINI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 21 de julho de 2020). A Associação dos Moradores que é considerada por Campi e Pátaro (2012) um espaço de participação política de uma coletividade contribui para que os sujeitos se conscientizem e se comprometam com a comunidade.

Dois espaços inaugurados no bairro no ano de 2020 e lembrados pelos interlocutores são o segundo Posto de Saúde e a segunda escola de educação infantil do bairro. A escola ainda não está recebendo crianças, mas o Posto de Saúde está atendendo e é lembrado com muita alegria pela comunidade: *“O novo Posto de Saúde é muito importante para o bairro Santo Antônio. Veio para beneficiar a comunidade, pois não tinha como atender a toda população do bairro em um único Posto de Saúde”* (ANTÔNIO NILSON DO ARTE. Anotação no caderno de campo, no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Da mesma forma como a comunidade enxerga os espaços do bairro como importantes e diversificados, existe a preocupação em ampliar ou mesmo melhorar alguns desses espaços. Letícia Regina Bairros lembra que *“Não tem outros espaços públicos, nem privados para a comunidade”* (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020). Ou seja, a comunidade sente que conquistou e construiu alguns espaços ao longo da sua história, mas ainda há outros pelos quais é preciso continuar lutando.

Nesse sentido, a professora Marisete Mathes afirma que é preciso pensar em espaços que atendam, principalmente os adolescentes no turno oposto ao da escola:

“Eu acredito muito em ter um espaço físico com recursos humanos, com materiais. Um investimento maior nesse sentido, para a gente poder estar oferecendo mais para esse adolescente. Porque aqui as entidades normalmente atendem no turno oposto até os 14 anos. E depois dos 14? Eles ficam na escola meio dia e vão fazer o que de tarde? Ou de manhã? Dependendo o turno que estuda...” (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020).

São espaços que a comunidade entende como necessários, pelos quais ainda precisam lutar. Assim como anseia a idealizadora do Élas:

“Para o futuro desejamos criar novos braços do projeto que atendam as necessidades das crianças. Como uma biblioteca comunitária e espaço de recreação. Para proporcionar um ambiente rico de trocas entre os filhos das integrantes do Élas. Para isso tudo se tornar possível precisamos de mais braços e mais corações engajados com a causa” (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

Além dos espaços para as crianças e adolescentes que a comunidade anseia, existe também o desejo de organizar as ruas que estão irregulares e melhorar o acesso a elas, pois muitas estão intransitáveis para veículos e ônibus. Além da regulamentação das ruas, Antônio Nilson Do Arte lembra que é necessário lutar pela rede de água e iluminação em todos os loteamentos do bairro.

Ainda que a comunidade considere ter inúmeros espaços como referência no bairro dos quais pode usufruir, existem outros pelos quais precisam lutar. Lugares que precisam ser pensados e planejados, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, se divertir, viver e, sobretudo, ensinar e aprender. Enfim, para contribuir nas relações humanas e qualidade de vida do bairro Santo Antônio.

4.2 Os espaços e as percepções sociais de uma comunidade

Os espaços citados pelos sujeitos participantes, como destacado na seção anterior, lembram lugares de encontro. Nesse sentido, além de investigar quais espaços a comunidade considera importantes no bairro, se buscou saber o que esses espaços representam para aqueles que compartilham suas vivências nesses locais.

Halbwachs (2006) afirma que o lugar é marcado pelas vivências dos sujeitos e as representações que os espaços assumem são singulares para cada território. Sobretudo, as particularidades do lugar são entendidas somente por quem se movimenta ali naquele espaço. Portanto, foi fundamental ouvir os sujeitos que vivem e transitam pela comunidade para conhecer as suas percepções sobre os espaços que consideram importantes no bairro.

Observa-se que os espaços comuns são uma referência no bairro e, para Fernanda Colombo idealizadora do Élas, essa representatividade ocorre,

“Porque o compartilhar é algo muito vivo na comunidade. Nas vezes em que visito as integrantes do Élas, sempre há um convite para entrar, para tomar um café. Há sempre muita abertura e espírito coletivo. Essa é uma das lições mais lindas que a periferia me deu” (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

Isso demonstra o quanto os lugares de convivência são valorizados no bairro e têm relação com o jeito de ser da comunidade na visão de Fernanda Colombo.

Dentre os espaços coletivos mais lembrados pelos sujeitos entrevistados estão as escolas e elas representam para muitos “[...] *um porto seguro, um amuleto para a tranquilidade* [...]” (ANTÔNIO REMPEL, entrevista concedida em Lajeado/RS, no dia 22 de julho de 2020). Um lugar seguro e tranquilo é o que percebe o professor Antônio Rempel. Segundo ele, o sujeito sente a necessidade de estar naquele espaço. Alguns gostam tanto que acabam vindo no turno oposto, mesmo não tendo aula ou alguma atividade obrigatória, mas vão até a escola por se sentirem bem no local. *“Procuram um lugar diferente ao que estão habituados [...]”* (ANTÔNIO REMPEL, entrevista concedida em Lajeado/RS, no dia 22 de julho de 2020).

Nessa perspectiva, a escola representa para os sujeitos do bairro um lugar diferente, um lugar separado. Para Larrosa (2018), a escola é uma forma. A finalidade da escola é a própria escola e não outra coisa. Escola não é lugar de preparação para algo que vem depois, mas um lugar e um tempo para serem vividos:

A escola não é uma função, não se define por sua função, mas é uma forma. E o que essa forma faz é separar. Separa o espaço escolar de outros espaços sociais, separa o tempo escolar de outros tempos sociais e separa as ocupações escolares de outras atividades sociais (LARROSA, 2018, p. 232).

A escola enquanto espaço que separa o sujeito daquilo que está “lá fora”, assim como lembra o professor Antônio Rempel. Seria, portanto, um espaço separado de todas as demais obrigações, “[...] um tempo liberado do trabalho e das preocupações com subsistência, mas também, em geral, de todo uso produtivo do tempo [...]” (LARROSA, 2018, p. 270). A escola, em sua essência, representa o “tempo livre”, que vem do grego *scholé*. Na Grécia Antiga esses tempos determinavam a separação das pessoas: aquelas que apenas tinham tempo para trabalhar e aquelas que não precisavam trabalhar. Nesse caso, a escola “dava” o

tempo para aqueles que somente trabalhavam. Tempo livre do ser produtivo, do trabalho. Uma liberação para perder tempo e aprender (LARROSA, 2018).

A secretária Lara Cristina Girardi reforça a escola como um espaço que representa segurança para as crianças e jovens; e de confiança para suas famílias, e define ela como “[...] *um lugar onde podem confiar em deixarem seus filhos, para que não fiquem na rua em situação vulnerável*” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020). Segundo ela, a escola mantém um diálogo próximo com as famílias, informando quando a criança chega atrasada ou falta à escola com frequência. Isso tudo deixa as famílias tranquilas, o que é reforçado por Josuana Gonçalves, quando ela destaca o bom diálogo que a escola mantém com as famílias e comunidade.

A escola como um lugar de bem-estar. É assim que Lara Cristina Girardi observa a escola dentro da comunidade, tendo em vista que para muitos é o único local onde os sujeitos têm acesso a uma alimentação saudável: “[...] *para muitas famílias a merenda escolar é única alimentação que essas crianças recebem durante o dia*” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Ela comenta que durante a pandemia da Covid-19 isso se tornou ainda mais evidente, pois algumas famílias relataram dificuldade em oferecer alimento aos seus filhos, devido a problemas financeiros e por isso reforça que “[...] *eles veem a escola como um porto seguro, um lugar onde podem procurar ajuda em qualquer momento, em qualquer circunstância*” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020). Nessas situações a escola representou um espaço para compartilhar as dificuldades, pois algumas famílias foram até a escola para pedir auxílio. Lara conta emocionada que essas são situações que sensibilizam e fazem com que se busque ajudar de alguma forma.

Marisete Mathes, gestora da FOK, salienta a importância que tem a alimentação fornecida nas instituições, principalmente por ser uma alimentação equilibrada, acompanhada pelo serviço de nutricionista. Aspecto que é destacado por Letícia Regina de Bairros, mãe de três filhos que usufruem das escolas, PV e SLAN. Ela conta com gratidão sobre a alimentação saudável fornecida aos seus

filhos nesses espaços, principalmente por ser uma alimentação organizada por profissionais da área de nutrição.

Enquanto espaço de referência no bairro, além de serem valorizadas pela construção dos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade, as escolas representam lugar de afeto e diálogo. Isso ocorre, na visão de Lara Cristina Girardi, pela forma como a escola se preocupa com o bem estar do aluno e da sua família. Durante o período da pandemia, enquanto as aulas presenciais estiveram suspensas, a escola manteve contato para saber da família e ver como poderia estar ajudando. Por isso ela reforça que “[...] *a escola cumpre um papel bem além do ensino somente*” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020). Ou seja, Lara lembra que a escola assume outras funções para além do ensino de conteúdos relacionados aos componentes curriculares.

Os relatos dos sujeitos evidenciando essa representação que a escola assume na comunidade reforçam que não consideram a instituição escolar apenas como o lugar de aprender conteúdos relacionados aos componentes curriculares. Dessa forma, ainda que a escola seja um espaço formal de ensino, observa-se que nela se pratica também a educação informal e não formal (TRILLA, 2008), em situações como as relatadas acima. E o tanto que essas aprendizagens são igualmente necessárias quanto aquelas relacionadas aos objetivos e conteúdos pré-estabelecidos, dentro de uma lógica formal.

A escola é o espaço reconhecidamente de educação formal, respeitando uma série de características, como por exemplo, conteúdos selecionados e demarcados. Sendo desenvolvida por professores em “[...] ambientes normatizados, com regras e padrões comportamentais definidos previamente” (GOHN, 2006, p. 29).

Na visão de Gadotti (2005), a educação formal e, portanto, escolar, possui seus objetivos definidos no que diz respeito ao ensino de conteúdos historicamente produzidos pela humanidade. Seu objetivo é a aprovação e certificação do sujeito, mediante diretrizes nacionais.

Em relação à educação formal e, deste modo, à escola enquanto instituição, Munhoz e Hattge (2015, p. 317) ponderam que “[...] ela remete a algumas estruturas

clássicas como: a divisão do tempo e do espaço, a classificação e divisão dos alunos em turmas, a organização do conhecimento em disciplinas, a avaliação do conhecimento por meio de exames”. Ou seja, a educação formal, aquela que acontece dentro das escolas, possui uma sistematização e regras rígidas e definidas.

Larrosa (2002) traz provocações e questiona a rigidez da escola e, portanto, da educação formal. O autor propõe refletir justamente acerca daquilo que acontece ao sujeito e às experiências que ele tem. É provável que, ao frequentar a escola se saia de lá com muitas informações sobre várias coisas, mas nem sempre tocado por parte delas. E é precisamente isso que Larrosa (2002, p. 21) preconiza quando sugere que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Ou seja, é preciso fazer sentido para o sujeito que está ali, de modo que ele se sinta afetado.

Dessa forma, nem sempre serão os conteúdos programáticos tão somente que fazem sentido para o aluno. Mas pode ser um olhar, uma conversa, um desabafo. Isso é destacado Lara Cristina Girardi, quando ela comenta que a escola é lugar, muitas vezes, onde o sujeito recebe atenção. Não apenas os alunos, mas as suas famílias também. Ela conta que muitos vêm até a escola e ficam conversando “Às vezes um assunto que não tem relação direta com a escola, mas eles precisam, porque eles sabem que ali vão poder desabafar, de repente vão ouvir um conselho ou alguma coisa e vão sair aliviados” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Existe uma preocupação da escola com cada sujeito que ali está, oferecendo apoio das mais diversas formas. Para Lara Cristina Girardi a escola auxilia em inúmeras outras aprendizagens, por isso ela considera o papel da escola como social e comenta:

“Já levamos muita criança para o posto de saúde porque os pais não tinham tempo, trabalhavam fora. [...] Nós já tivemos casos de aluno gestante que a escola que levou para fazer o exame, porque ela não teve coragem de contar aos pais. Então a escola intercedeu para contar a essa família que a filha estava gestante” (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020).

Observa-se, portanto, que a escola no bairro se constitui como uma instituição preocupada com o sujeito em todos os sentidos, atenta não apenas a conteúdo e disciplinas. Assim como Lara, a gestora Marisete Mathes também faz referência a isso e comenta que,

“[...] eles veem a escola não só como um aprendizado de conteúdos, mas muito mais como um vínculo de afetividade, como um vínculo de ajuda em todos os sentidos [...] a gente resolve coisas bem cotidianas, como ler uma receita médica, fazer um encaminhamento, um aconselhamento” (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020).

A escola em muitos casos é considerada pela comunidade um local de auxílio para situações do dia a dia. Marisete comenta que *“[...] todos os intuitos de entidade são muito mais amplos do que simplesmente um aprendizado formal. Muito mais amplo!”* (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020). E por isso é fundamental o diálogo. Reiteradas vezes a gestora frisou a necessidade da escuta e da conversa, e afirmou que cada vez mais a escola tem se preocupado com essas ações. Por vezes o aluno está cabisbaixo ou com atitudes exaltadas e nesses momentos é necessário ouvir e dialogar. Pode estar incomodado com situações que aconteceram em casa ou na rua, mas é na escola que é ouvido e recebe um conselho, de acordo com Marisete. A gestora ainda conta com alegria que é muito bom participar das conquistas e avanços das crianças e adolescentes *“[...] não no sentido do avanço disciplinas, daquela gama de conteúdos, mas naqueles avanços bem significativos como pessoa [...]”* (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020).

Os relatos reforçam a ideia de escola como um lugar que extravasa o currículo previamente estabelecido. Jung (2017) argumenta que é preciso haver diálogo entre educação formal, informal e não formal, fazendo com que as fronteiras entre essas dimensões diminuam. Nesse sentido, Larrosa (2015, p. 135) propõe pensar acerca da desescolarização da escola:

Por isso, trata-se de inventar formas de desdisciplinar as disciplinas, de desescolarizar as palavras. E, para isso, é preciso inventar formas de desescolarizar os alunos, de desalunizá-los, e de desescolarizarmos a nós mesmos, nos desproferizarmos, para podermos pôr em jogo, eles e nós, outras relações com a linguagem, com o mundo e com nós mesmos.

A partir dos relatos observa-se que a escola no bairro tem acolhido muitas das necessidades dos seus alunos. Para assim não passar apenas informações,

mas proporcionar que as experiências possam de fato passar pelos seus alunos (LARROSA, 2002). Sendo, desse modo, um espaço de educação formal, mas que dialoga com a educação informal e não formal, que são igualmente importantes para o desenvolvimento do sujeito.

Dessa forma percebe-se que na escola não acontecem apenas processos formais de ensino, com conteúdos definidos, mas também informais e não formais (STECANELA, 2010). Estes que ocorrem a partir das necessidades dos sujeitos nos momentos de convivência, como no caso citado por Marisete Mathes, em que necessitam de auxílio para compreender uma receita médica. Ou mesmo situações de aborrecimento fora da escola, que são amenizadas na escola através da escuta e do diálogo. Mas que, de alguma forma contribuem para a cidadania do sujeito (GOHN, 2010).

A gestora destaca a relevância dos processos não formais que acontecem no espaço escolar, entretanto, ela observa que existe uma cobrança natural pelo aprendizado formal construído dentro da escola. Isso através de avaliações como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), por exemplo. Segundo Marisete, em função da escola ter uma participação muito forte em tantos outros aspectos da vida dos alunos e famílias, muitas vezes não consegue “dar conta” de todos os conteúdos programados: “[...] *a escola tem a cobrança da aprendizagem. E daí vem o IDEB botando uma realidade que nos deixa tristes, porque a gente não consegue alcançar os índices [...]*” (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020).

Mesmo havendo uma pequena frustração em torno de resultados obtidos no IDEB, Mariste destaca com imensa alegria os vínculos afetivos construídos e cultivados com os alunos e como isso é fundamental para a aprendizagem:

“[...] a afetividade que as crianças têm com a gente aqui quando eles se vinculam, eu não encontrei em lugar nenhum, nenhuma outra escola. [...] Eu acho que é essa segurança emocional que a gente pode passar para eles, que faz a diferença nas aprendizagens. [...] e isso é um dos pontos que eu considero de maior valor que eles tem com a gente aqui, essa segurança, essa estabilidade, essa certeza que eles têm dentro dessas instituições é o que vincula eles a gente” (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020).

Nesse sentido, Marisete complementa que os vínculos são muito fortes com

quem chega de fora, por exemplo, um aluno ou uma professora que são novos na instituição. O acolhimento é uma marca do bairro, segundo ela, inclusive com quem tem alguma deficiência. O que é reforçado por Antônio Nilson Do Arte ao dizer que *“O povo do bairro Santo Antônio é um povo acolhedor, que cresceu nesse espírito de acolhimento”* (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado, RS, no dia 10 de agosto de 2020). Antônio refere-se ao acolhimento como uma característica do bairro, pois considera que ao longo da história o bairro foi se constituindo através do acolhimento do outro. Mais e mais pessoas foram chegando e fazendo do bairro Santo Antônio seu lugar de vida e isso é transmitido para as instituições do bairro, segundo o morador.

De acordo com Marisete, a escola representa para muitas famílias do bairro um espaço onde a criança e o adolescente podem enxergar outras possibilidades de escolhas para o seu futuro e, comenta que *“[...] a escola é um referencial muito grande para essa comunidade, assim como as outras entidades. [...] E eles veem na escola e nas outras entidades um lugar onde: ‘-Ah, meu filho vai olhar e vai ter uma outra escolha’”* (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020). Lara Cristina Girardi corrobora com Marisete nesse sentido e relata que observa o esforço das famílias em mostrar um caminho do bem para seus filhos e conta com a escola e demais instituições para isso.

Dessa forma percebe-se que a escola tem uma contribuição muito grande no ensino informal e não formal dos sujeitos do bairro, além do papel fundante que é o ensino formal. Aquele ligado aos conteúdos e preocupado com certificação e diplomação.

Outros espaços lembrados pelos sujeitos como importantes e que se caracterizam como espaços não formais de ensino são o Projeto Vida e SLAN, por exemplo. São duas instituições consideradas como referência para o bairro, em diferentes perspectivas.

O professor Demétrios Lorenzini, enquanto gestor do PV, lembra do propósito da instituição quando ela foi fundada no bairro em 1992. Segundo ele, a instituição surgiu diante de necessidades da comunidade, dentre elas, proporcionar um atendimento às crianças e jovens do bairro, evitando que ficassem na rua enquanto

os pais trabalhavam e oferecer alimentação. Trilla (2008, p. 19) aponta que “[...] em decorrência de uma série de fatores sociais, econômicos, tecnológicos etc. que, por um lado, geram novas necessidades educacionais e, por outro, suscitam inéditas possibilidades pedagógicas não escolares que buscam satisfazer essas necessidades”. O autor enxerga nesses processos além da escola não apenas necessidades, mas inúmeras possibilidades para as aprendizagens dos sujeitos.

Para Catarino (2017), a educação informal e não formal foram campos pouco estudados até a década de 1980 no Brasil. A partir da década de 1990 é que a área começou a receber maior importância, justamente, devido às mudanças no trabalho e na sociedade como um todo.

Começam a surgir demandas e necessidades no âmbito do ensino e da aprendizagem, que a escola sozinha não dava mais conta. “Entre essas demandas situam-se a busca por educação de adultos, idosos e minorias étnicas, e as iniciativas de capacitação para o mercado de trabalho que não eram oferecidas pelos sistemas educacionais convencionais” (HARTMANN, 2012, p. 91).

Em meio a essa série de mudanças no cenário educacional surge o primeiro Projeto Vida em Lajeado, no bairro Santo Antônio. Que não apenas objetivava tirar a criança e o jovem da rua, mas oferecia alimento e proporcionava experiências. Demétrios Karol Lorenzini lembra que o Projeto iniciou aos poucos e foi se estruturando cada vez melhor. Quando iniciou, funcionava a partir dos auxílios que recebia da própria comunidade. Aqueles que tinham habilidades no artesanato, na culinária se disponibilizavam a ajudar.

Atualmente a instituição conta com uma equipe estruturada para oferecer as atividades à comunidade. Mônica da Rosa, que frequentou o Projeto na sua infância, comenta que não tem lembranças nítidas, pois era muito pequena na época. Mas conta com alegria que atualmente sua filha e seu irmão usufruem do espaço:

“A minha filha e o meu irmão amam o Projeto. Lá eles aprendem a costurar, aprendem a fazer artesanato. São coisas que eles não fazem na escola. Na escola é mais o estudo mesmo das matérias e no Projeto é um momento de aprender outras coisas. Hoje se eles têm uma calça rasgada, eles mesmos costuram, não preciso fazer isso. E eles aprenderam lá” (MÔNICA DA ROSA, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Mônica da Rosa em seu relato expõe o quanto são importantes os aprendizados e as experiências que o Projeto proporciona a quem convive no espaço. E ela reforça que são aprendizados diferentes daqueles que são adquiridos na escola, o que é reforçado por Gohn (2016, p. 60), quando a autora argumenta que “A educação não formal lida com outra lógica nas categorias espaço e tempo, pelo fato de não ter um currículo definido a priori, quanto a conteúdos, temas ou habilidades a serem trabalhadas”.

Socializar, sonhar e elevar a autoestima. São três aspectos sempre levados em consideração no desenvolvimento das atividades no Projeto Vida, conforme relato o gestor Demétrios Karol Lorenzini: “*A gente trabalha muito com a socialização [...] elevar a autoestima [...] o sonhar, que desde pequenos a gente trabalha muito com eles*” (DEMÉTRIOS KAROL LORENZINI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 21 de julho de 2020).

Conforme conta Demétrios, se faz necessário considerar amplamente esses três aspectos, pois muitos sujeitos chegam no PV demonstrando-se inferiorizados por diversas situações, dizendo inclusive que não são capazes de alcançar determinados objetivos. E, segundo o gestor, esse é um dos pontos primordiais: despertar no sujeito que ele é capaz, tem potencial, pode sonhar e realizar seu futuro.

Para Gohn (2016), a educação não formal deve se preocupar exatamente com as questões relatadas pelo gestor, pois na medida em que é desenvolvida, ela pensa no sujeito de modo individual e na sociedade como um todo. O importante, é que os indivíduos tenham consciência dos seus direitos e das possibilidades que os cercam:

A educação não formal designa um processo com várias dimensões, tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem que os indivíduos façam uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica, etc.(GOHN, 2016, p. 60).

Desse modo, a educação não formal, diferente da educação formal, não

possui conteúdos totalmente estabelecidos, mas abre seus horizontes para outras possibilidades. E prioriza, assim, experiências coletivas como potências para o processo de ensino e de aprendizagem. Segundo Gohn (2006, p. 28), é uma educação “[...] que se aprende ‘no mundo da vida’, via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”, considerando que a aprendizagem acontece ao longo da vida e na interação com o outro, considerando, principalmente que os tempos de aprender e ensinar são flexíveis e não rígidos e fixados como na educação formal (GOHN, 2010; STECANELA, 2010).

Em paralelo ao que é dito por Demétrios Karol Lorenzini, a moradora Mônica da Rosa observa que a mentalidade das pessoas do bairro vem mudando. Com alegria ela conta que é possível perceber nas pessoas que elas estão se sentindo capazes de mudar uma realidade. Demétrios relatou que é preciso encorajar e mostrar que podem transformar um cenário e Mônica já observa esse resultado na prática. Segundo ela, tempos atrás as pessoas se inferiorizavam e diziam que não conseguiriam. *“E hoje o pessoal sonha mais”* (MÔNICA DA ROSA, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020). Isso em relação a todos os aspectos da vida particular, desde o acesso à educação e formação até uma casa com boa estrutura para viver, conforme Mônica relata referindo-se a ela mesma:

“Hoje eu trabalho como auxiliar de limpeza, mas eu estou trabalhando nisso, estudando e pensando em fazer outra coisa. Hoje o pessoal vai trabalhar no frigorífico e nas outras fábricas, mas estão pensando em outras coisas. Então o pessoal está mudando a mentalidade e isso está refletindo no bairro, nas casas, nas crianças. [...] E essas pessoas que já estão mudando, vão refletir na vida dessas outras pessoas, eu penso assim”. (MÔNICA DA ROSA, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Gohn (2016, p. 68) corrobora com o que é relatado pelos interlocutores e reforça que ao enxergar o futuro e ter esperança é que o sujeito percebe que é autor de mudanças:

O futuro como possibilidade é uma força que alavanca mentes e corações, impulsiona para a busca de mudanças. A esperança fundamental aos seres humanos reaviva-se quando trabalhamos com cenários do imaginário desejado, com os sonhos e os desejos de um grupo.

Nessa perspectiva, o encontro com o outro e o compartilhamento de

experiências podem contribuir na autoestima do sujeito e do grupo no qual ele se insere e, são assim, possibilidades de ensino e de aprendizagem. Para Gohn (2006), a educação não formal considera os sujeitos como cidadãos atuantes, que enxergam a realidade que está à sua volta e nas relações sociais que estabelece. Uma educação que se desenvolve no encontro com o outro e nos mais diferentes espaços.

Assim, a gestora da SLAN Mara Rejane Bocchese, reforça o quanto a interação com o outro é importante, considerando que é nesse processo de troca que os vínculos acontecem. Para ela é fundamental o espaço/instituição acolher a comunidade e ela se sentir acolhida pelo espaço:

“O que a gente sente é que somos muito bem aceitos aqui na comunidade. [...] Trabalhamos de portas abertas e sempre os acolhemos muito bem, tanto as famílias, quanto as crianças e os adolescentes. O pessoal da comunidade vem até aqui para conversar, para saber alguma coisa, entender algum documento. Já aconteceu várias vezes: “-Ah, vocês poderiam me ajudar, eu não estou entendendo isso aqui”. A gente está aqui para isso, vamos nos ajudar. Não só no social, mas aquela coisa do humano. Se ele está precisando não custa ajudá-lo. Até um sorriso, um bom dia. Às vezes é o que a pessoa estava precisando no momento” (MARA REJANE BOCCHESE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de agosto de 2020).

A moradora do bairro, Letícia Regina de Bairros reforça a importância que a SLAN tem para a comunidade. Ela conta que ela, seus irmãos e, atualmente, sua filha frequenta a instituição e destaca que o espaço é fundamental para a comunidade. Segundo Letícia, quando não existia escola de educação infantil municipal no bairro, a SLAN era a única que atendia crianças pequenas. Por isso, exerceu e ainda exerce um papel muito importante.

Além da SLAN, Letícia destaca que as escolas e o PV são espaços fundamentais para o bairro, pois é “[...] *uma necessidade básica da comunidade ter onde deixar seus filhos, porque todos trabalham*” (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020). Essa é uma ponderação feita também pela moradora Sílvia, ao afirmar: “[...] *a gente vai trabalhar e se sente mais seguro, pode trabalhar mais tranquilo. Senão tivesse a escola, a SLAN, a Saidan, a FOK, a Cantinho Mágico, o Projeto, eu iria colocar meus filhos onde?*” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

Existe, portanto, uma preocupação por parte das moradoras de deixar os filhos em um lugar seguro e de confiança. Espaços onde eles possam socializar e compartilhar vivências com seus pares, na medida em que interagem e constituem afinidades, semelhanças e se identificam.

Brandão (1985) defende que as aprendizagens podem se dar em diferentes espaços, a começar pelas nossas relações sociais desde o nosso nascimento, ao convívio dentro da comunidade, na igreja ou no trabalho. Para Lima (2019, p. 2720, “Essas formas de ensino permeiam a trajetória dos indivíduos em diferentes níveis e intensidade”.

Nesse sentido, a partir das entrevistas realizadas, observa-se a grande representatividade da igreja dentro da comunidade. Dos onze sujeitos entrevistados, apenas um não citou a igreja diretamente. Ainda assim, fez referência aos espaços coletivos do bairro como muito importantes. E a igreja surpreendeu pela intensidade com a qual os sujeitos se identificam com o espaço.

“As igrejas assumem uma função mediadora para os jovens, que convivem com a violência às vezes” (ANTÔNIO REMPEL, entrevista concedida em Lajeado/RS, no dia 22 de julho de 2020). Assim como no relato de Antônio, a secretaria de escola, Lara, observa a necessidade desse espaço na comunidade. Segundo ela, *“Os espaços religiosos eu acredito que sejam uma maneira deles levarem a família para um espaço ecumênico. E que vai tirar os filhos de um meio que não seja bom: da criminalidade, das facções, das gangues”* (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020). A igreja como um espaço que leva para bem, onde se ensinam coisas boas, é o que relata a moradora Mônica da Rosa: *“[...] a igreja é um espaço onde posso ensinar aos meus filhos coisas melhores, mostrar um caminho do bem. Na rua nem sempre o caminho é o do bem”* (MÔNICA DA ROSA, Anotação no caderno de campo, no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020). Segundo Mônica, ela mesma conta com alegria que a igreja foi um espaço muito importante para ela, onde foi aprendendo a conviver, ter boas relações com os outros e se sentir melhor consigo mesma.

Diante dos relatos dos sujeitos, as igrejas representam algo como um lugar de

coisas boas, sem violência, onde os sujeitos têm outros aprendizados. Um lugar de bem-estar que a família pode proporcionar ao levar seus filhos, pois se sentem pertencentes. É o que Gohn (2016) chama de educação informal e a define como “[...] aquela que os indivíduos assimilam pelo local onde nascem, pela família, religião que professam, por meio do pertencimento, da região, do território e da classe social da família” (GOHN, 2016, p. 61). Por se sentirem parte do lugar, estabelecem relações sociais e vínculos, o que pode resultar em aprendizado, assim como defende Maturana (1999), quando argumenta que é na interação com o outro que aprendemos. De modo que o convívio na comunidade é uma constante fonte de aprendizagem. Não apenas ensinamos, mas aprendemos com o outro o tempo todo.

Letícia percebe a igreja como um lugar com o qual a comunidade se identifica e na visão dela *“As igrejas são um alicerce para a fé das pessoas. Tem várias, não vou citar nenhuma”* (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020). Isso demonstra que o bairro possui várias igrejas e todas elas têm seus fiéis, que se sentem acolhidos por ela, o que é destacado também por Mara Rejane Bocchese ao dizer que *“A igreja é muito importante e tem muitas igrejas aqui no bairro. Cada pouco tu vêes que tem um espaço sendo transformado em igreja”* (MARA REJANE BOCCHESE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de agosto de 2020).

Desse modo, a igreja se apresenta como um lugar de identificação por toda convivência e socialização que acontece nesse espaço. Pelas trocas de experiências e pelo empoderamento mútuo que ocorre por quem a frequenta, sugerindo assim, ser um espaço de ensino e de aprendizagem, especialmente se considerarmos a educação

[...] um fenômeno complexo, multiforme, disperso, heterogêneo, permanente quase onipresente. Há educação, é claro, na escola e na família, mas ela também se verifica nas bibliotecas e nos museus, num processo de educação à distância e numa brinquedoteca. Na rua, no cinema, vendo televisão e navegando na internet, nas reuniões, nos jogos e brinquedos (mesmo que eles não sejam dos chamados educativos ou didáticos) etc. ocorrem igualmente processos de educação (TRILLA, 2008, p. 29).

Para Trilla (2008), o ser humano pode construir conhecimentos em diferentes lugares, tempos e de diversas formas. Concordando com Gohn (2006, p. 29), quando ela defende que “A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, o

clube que se freqüenta [sic], a igreja ou o local de culto a que se vincula sua crença religiosa, o local onde se nasceu, etc.”, são espaços informais de ensino. Corroborando com Gaspar (2005), que afirma que a educação informal é aquilo que o ser humano aprende desde pequeno, nas relações que estabelece, como “[...] a língua materna, tarefas domésticas, normas de comportamento, rezar, caçar, pescar, cantar e dançar – sobreviver, enfim” (GASPAR, 2005, p. 173).

Antônio Nilson Do Arte entende que a igreja tem uma obra social muito forte no bairro. Ele lembra que desde o surgimento das primeiras manifestações religiosas no bairro, sempre houve uma preocupação com o trabalho social, o que se intensificou ao longo do tempo. Desde roupas a alimentos, materiais de higiene são arrecadados e doados a quem precisa. A importância da igreja enquanto trabalho social que realiza também é destacado pela moradora Sílvia Regina Gomes Schmitz. Segundo seu relato, nas décadas de 1980 e 1990 a igreja teve uma participação muito intensa na vida do bairro, e esse trabalho era chamado de “caridade”. Além de auxiliar na alimentação e roupas, havia um engajamento liderado pela igreja em conjunto com algumas pessoas da comunidade, em circular pelo bairro, realizando trabalhos de apoio a quem estivesse doente, como troca de curativos.

Além desse amparo oferecido, Antônio entende que o trabalho social da igreja pode ser muito maior no bairro, principalmente, no que diz respeito à conscientização da comunidade e afirma: *“Se nós como igreja, que prega a fé, união, salvação, por que nós não fazemos um trabalho de restauração e cuidado em relação ao lixo e tantas outras coisas? Eu acho que nós podemos fazer isso [...]”* (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado, RS, no dia 10 de agosto de 2020). Para Antônio a igreja tem muito a contribuir na conscientização. Ele entende que se a igreja estiver engajada em alguma luta, seus membros irão perceber a necessidade e se engajar também, fazendo com isso tome proporções cada vez maiores. O morador comenta isso, especialmente em relação ao lixo, tanto no bairro, como na beira do rio (na saída do bairro). Nesse relato percebe-se como a igreja pode estar contribuindo em diversos aspectos da vida em comum e promovendo diferentes aprendizados.

Para Souza (2016), a igreja representa exatamente isso: um lugar de

pertencimento, acolhida, auxílio nas diferentes esferas da vida em comum:

A Igreja enquanto fenômeno cultural e instituição estão profundamente ligada aos destinos sociais, políticos e culturais da sociedade brasileira e assumiu, frente ao Estado, a função de tribuno do povo, seja na contestação da violência, ou desrespeito aos direitos humanos, empenhou-se na criação de comunidades com sentido de solidariedade e foi canal de representação das causas populares e de justiça social (SOUZA, 2016, p. 44).

Nos relatos dos sujeitos entrevistados observa-se claramente o quanto a igreja é percebida não apenas como um espaço de professar a fé, mas um lugar onde o ser humano valoriza a si e o grupo ao qual pertence. O que implica na elevação da autoestima, um dos grandes objetivos do ensino em espaços informais e não formais. Pois segundo Gohn (2006), a educação informal e não formal contribui para a luta e mudança de uma realidade. A partir do momento em que o sujeito tem conhecimento de si, melhora sua autoestima e se identifica, é que pode desenvolver laços de pertencimento a um determinado contexto.

Para Trilla (2008), a educação pode acontecer na escola e numa infinidade de outros espaços. Partindo desse pressuposto de que o ensino e a aprendizagem são processos que ocorrem em diferentes lugares, mediante interação com o outro, o Posto de Saúde caracteriza-se como um espaço educativo.

Segundo os entrevistados, este é um espaço considerado referência no bairro nas mais diversas situações da vida cotidiana, onde se recorre em casos de dor, segundo o morador: *“É interessante também citar os postos de saúde, porque é onde a pessoa vai bater em caso de dor e agora temos dois postos de saúde dentro da comunidade”* (ANTÔNIO NILSON DO ARTE, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado, RS, no dia 10 de agosto de 2020). Antônio vibra com a conquista do segundo Posto de Saúde no bairro, pois para ele, esta é uma instituição fundamental para o bem-estar de uma comunidade. E apenas um Posto não conseguia dar conta de toda a demanda do bairro.

A gestora também enxerga o espaço com muita importância para o bairro. Segunda ela, *“Eles precisam do Posto de Saúde, precisam dessas instituições. E as instituições também os tratam super bem, incluindo o Posto de Saúde. Tem o projeto da Univates junto ao Posto, com fisioterapia, isso para eles beneficia muito”* (MARA REJANE BOCCHESI, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS,

no dia 24 de agosto de 2020). Na visão de Mara, as relações precisam ser de muito respeito, pois a comunidade necessita das instituições e essas, por sua vez, necessitam da comunidade, ou seja, um precisa do outro. Então deve haver cordialidade nas relações.

Além do atendimento relacionado à saúde, os interlocutores destacam que existe nesse espaço alguém para desabafar e em alguns momentos, inclusive aconselhar acerca de situações da vida. Ocorre, portanto, uma assistência às questões sociais, como lembra a secretária de escola: *“O Posto de Saúde é muito importante porque precisam de assistência não só à saúde, mas também de assistência social. O Posto tem esse vínculo com alimentação, bolsa família, auxílio gestante, essas coisas...”* (LARA CRISTINA GIRARDI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 13 de julho de 2020). Observa-se, desse modo, que o Posto é uma referência para inúmeras situações da vida da comunidade. Além do auxílio, um lugar de conversa e de trocas de experiências, cada vez mais conectado com a realidade na qual se insere, na tentativa de atuar de forma mais eficiente nas diferentes necessidade do lugar.

As percepções trazidas pelos sujeitos acerca do posto de saúde reforçam, sobretudo, a importância do Sistema Único de Saúde (SUS) enquanto política de saúde pública. Especialmente por se tratar de um sistema que atende o cidadão de forma universal, integral e gratuita. Um atendimento amplo, preocupado com os sujeitos do bairro. A criação das equipes de agentes comunitários fortalece esse atendimento universal ao cidadão, principalmente, porque os agentes são oriundos da própria comunidade e conhecem os desafios dos sujeitos (SODRÉ, 2010).

Reis *et al.* (2014) salienta que a globalização tem contribuído para um pensar mais amplo e abrangente acerca das questões da saúde, ainda que no dia a dia não se tenha verificado tamanha evolução. Segundo a autora, para que isso aconteça na prática é necessário, cada vez mais, “[...] que os seres humanos valorizem relações éticas e dialógicas em espaços públicos, e não somente privados, onde os saberes devem ser respeitados igualitariamente e cada ato percebido como uma vivência educativa” (REIS *et al.*, 2014, p. 1162).

Dentro dessa perspectiva, observa-se que o Posto de Saúde é um espaço de

ensino e de aprendizagem, preocupado com hábitos e qualidade de vida das pessoas, buscando diálogo, ouvindo opiniões diferentes sem preconceitos. Um lugar de relações humanas, cada vez mais focado no sujeito como um todo, indo muito além de somente atendimentos médicos e de enfermagem (REIS, 2014).

Gohn (2016) reitera que os espaços de ensino não formal são os mais diversos, porque “[...] a educação não formal é um processo de aprendizagem, não uma estrutura simbólica edificada e corporificada em um prédio ou em uma instituição; ela ocorre pelo diálogo tematizado” (GOHN, 2016, p. 62). Desse modo, é possível perceber que não há espaços delimitados e que eles podem ser inúmeros, mas deve haver ali intenções como:

[...] a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem que os indivíduos façam uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc.

Nessa gama de infinitas possibilidades, destaca-se a atuação da Associação dos Moradores do bairro. O espaço foi lembrado em várias entrevistas, significando um porta-voz do bairro, que pode estar levando para o poder público as reivindicações e necessidades da comunidade.

A moradora Sílvia Regina Gomes Schmitz lembra com alegria do trabalho que a Associação dos Moradores realiza. Destaca que essa organização está sempre engajada em conquistar melhorias para o bairro e luta para que os novos moradores que chegam se sintam bem e amparados. O mesmo aspecto é ressaltado por Demétrios Karol Lorenzini. O gestor enxerga a organização como um espaço onde podem ser discutidas as prioridades e necessidades do bairro, visando o bem comum. Caracterizando-se, assim, “[...] como uma forma eficaz de participação política coletiva, visto que exercem um poder de pressão maior sobre o poder público” (CAMPI; PÁTARO, 2012, p. 05).

Observa-se que muitos entendem a associação como uma forma de participar nas decisões e rumos do bairro. Exatamente o que Gohn (2016) destaca quando defende que é preciso que a sociedade civil se organize para reivindicar por suas

demandas, juntamente com poder público:

A gestão de uma política social em um espaço público, ao trabalhar com democracia deliberativa compartilhada, em que se juntam representantes do poder público com representantes da sociedade civil organizada, promove o exercício da educação não formal o tempo todo (GOHN, 2016, p. 60).

Através dos movimentos sociais que acontecem em organizações como a Associações dos Moradores a comunidade faz valer a democracia, em que todos se sintam ouvidos. Mediante diálogos e debates que alcancem as necessidades do bairro, onde todos compartilham suas opiniões, ensinam e aprendem.

Gohn (2016) menciona que a educação não formal colabora nos processos de ensino e de aprendizagem porque “[...] atua no campo no qual os indivíduos atuam como cidadãos” (GOHN, 2016, p. 61). É a partir do compartilhamento de vivências que os sujeitos refletem acerca dos conhecimentos já construídos e constroem novos. O que promove uma autonomia cada vez maior, de modo que possam ter uma consciência crítica diante do cenário que vivem. É o que Gohn (2010) chama de emancipação:

O(a) cidadão(ã) emancipado(a), para impor-se como cidadão(ã), tem que ter autonomia do pensar e do fazer. Necessita relacioná-la como uma das formas para vencer as dificuldades de compreensão política do mundo que o cerca, para além dos problemas emergentes locais, autonomia como instrumento de formação de um cidadão capaz de ser e agir, de ter um entendimento crítico da sociedade globalizada, de ler o mundo a partir de valores e metas de emancipação (GOHN, 2010, p. 41).

Na visão de Fernanda Colombo, idealizadora do Élas Social, o projeto realizado no bairro Santo Antônio objetiva exatamente a emancipação das mulheres, dentro de uma perspectiva social, política e econômica, e destaca: *“Hoje somos um negócio que empodera mulheres em situação de vulnerabilidade por meio do ensino, segurança alimentar e da geração de valor e renda”* (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

Fernanda, com o entusiasmo que tem pelo trabalho social, reforça que tudo começa pelo compartilhamento e diálogo. Esses aspectos, conforme ela, são a base para o desenvolvimento do projeto. É a partir da socialização dos saberes que cada uma possui que o grupo se fortalece.

Conforme a idealizadora, não apenas os conhecimentos referentes à atividade desenvolvida são valorizados durante os encontros, mas toda conversa,

troca de olhares e carinhos contribuem para a autoestima de cada uma das mulheres e do grupo como um todo. Existe no espaço uma troca muito potente entre adolescentes e mulheres com mais experiência de vida. Tudo isso faz com que a geração de renda que advém da confecção e venda dos acessórios é, por assim dizer, uma consequência de todo partilhar que acontece antes.

O projeto tem uma preocupação com a mulher como um todo, na medida em que não existe somente a troca de saberes, mas a troca de experiências de vida e cuidado com a vida, no que se refere à saúde e alimentação saudável. É o que será ainda mais evidenciado com a organização Sistema Agroflorestral (SAF), que, segundo Fernanda, possibilitará uma alimentação cada vez mais saudável, produzida pelas próprias integrantes do Élas. A partir desse universo de ensinamentos e aprendizagens que as mulheres terão a convicção do lugar que ocupam, fazendo valer os seus direitos e respeito, diminuindo a histórica invisibilidade da mulher na sociedade (GOHN, 2014, p. 44).

Os espaços lembrados como importantes para a comunidade por parte dos entrevistados representam, portanto, entre tantas outras coisas, possibilidades de ensino e de aprendizagem. De diferentes modos, tempos e relações.

4.3 Senso de cuidado: proteção, sensibilidade, afeto e pertencimento

Uma comunidade se edifica em torno de espaços que para ela são significativos. E eles se tornam referência por tudo aquilo que representam para aqueles que nela vivem. Para a comunidade do bairro Santo Antônio, conforme contaram os sujeitos entrevistados, esses são lugares que possibilitam o convívio e o encontro, onde se ensina e se aprende junto com o outro, dentro de uma lógica de diálogo e compartilhamento de saberes.

Na visão dos interlocutores, todos os espaços lembrados são imprescindíveis para a vida e bem-estar daquela comunidade. E assim, destacam que representam, entre tantas outras coisas, acolhida, amparo, segurança, tranquilidade. A moradora Sílvia Regina Gomes Schmitz fala emocionada sobre os espaços e declara: *“Esse é o foco do nosso bairro, nosso ponto de entrada para tudo, para o futuro, para gente, para nossa sobrevivência. [...] Então a gente se sente mais seguro e é o nosso*

ponto, é nosso bairro” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020). São lugares constituídos ao longo da história do bairro e que fazem parte da vida dos moradores, pois Sílvia lembra que tanto ela, quantos seus filhos e outras pessoas da família já frequentaram ou ainda frequentam os espaços do bairro, proporcionando segurança e aconchego.

Para Bauman (2003, p. 07) é exatamente isso que a comunidade significa “[...] um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante”. Um lugar onde eu posso me abrigar, me sentir seguro e recorrer em casos de necessidade. Esses são alguns sentimentos que os entrevistados têm em relação aos diferentes espaços citados por eles e por isso entendem, que é necessário cuidá-los.

Bauman (2003) em seu livro “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual” problematiza as ideias em torno do conceito de comunidade, considerando os processos históricos. O autor começa pensando o dualismo proposto por Tönnies: sociedade (Gemeinschaft) e comunidade (Gessellschaft). Para Tönnies, sociedade está na linha do haver, onde seus integrantes colocam algo em comum, como por exemplo, o dinheiro; comunidade está na linha do ser, onde há participação de todos, colocando em comum suas vidas e sentimentos. A comunidade como um lugar de afeto e de partilhas. Um espaço comum, onde não haveria interesses econômicos (OBERG, 2018).

Durante as entrevistas a identificação e o pertencimento da comunidade para com os espaços do bairro foi demonstrada de forma muito intensa pelos sujeitos. E ficou evidente o quanto cada cidadão é importante e tem um papel ativo nesses espaços, compartilhando seus saberes. Tanto nas igrejas, postos de saúde, praças, escolas, projetos, associações, ruas, existe a ideia de que todos fazem parte e precisam cuidar desses espaços, de forma que se tenha um objetivo maior pelo qual todos se engajam: viver em comunidade.

Segundo Tönnies, o entendimento na comunidade é o ponto de partida. As pessoas se entendem sem necessidade de explicações. Para Bauman (2003, p. 15), “O tipo de entendimento em que a comunidade se baseia precede todos os acordos e desacordos”. Esse entendimento comum faz com que as pessoas sejam unidas na

comunidade. É isso que separa a comunidade do mundo violento, do desentendimento. Na comunidade proposta por Tönnies, o entendimento próprio da comunidade é tácito, ou seja, “por sua própria natureza”. Isso não quer dizer que não possa haver entendimentos que são fruto de um acordo, mas que, por serem repetidos tantas vezes tornam-se internalizados e por isso tácitos. Desse modo, comunidade é algo natural e não pode nela ter um entendimento autoconsciente (BAUMAN, 2003).

A vida em comunidade é transformada com o advento da informação. O trânsito de informações e a evolução da informática fizeram com que a fronteira entre o dentro e fora não fosse mais possível de ser estabelecida. O entendimento comum, as trocas dentro da comunidade perdem peso para o que vem de fora. Por isso, mesmo depois de construído o entendimento, sempre restarão na memória as demais lutas (BAUMAN, 2003).

Nesse sentido, a comunidade não será mais tão natural como era em Tönnies. “A comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá frágil e vulnerável, precisando para sempre de vigilância, reforço e defesa” (BAUMAN, 2003, p. 19). Paz de espírito haverá até a segunda ordem. Ou uma fortaleza sempre bombardeada, sendo necessário viver em trincheiras.

Entretanto, para Bauman (2003), a comunidade é uma busca, ou seja, algo que não temos a nossa disposição na atualidade. A comunidade “[...] é o tipo de mundo que não está, lamentavelmente, a nosso alcance – mas do qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir” (BAUMAN, 2003, p. 09). Segundo o autor, ela é um paraíso que ainda não alcançamos, ou talvez, seja um paraíso, justamente, porque é fruto da nossa imaginação. Atualmente, a realidade seria de uma vida não comunitária, em que a insegurança prevalece.

Na atualidade, portanto, o sentido de comunidade já não é mais o mesmo e, embora a palavra comunidade remeta a algo bom e aconchegante, ela já não é mais assim. Segundo Bauman (2003) há um preço a se pagar por viver em comunidade. Sem comunidade não há proteção. E com comunidade perde-se liberdade. Atrito sempre vai existir entre comunidade e individualidade, não há perfeição, mas não podemos deixar de buscar uma comunidade.

Bauman (2003) problematiza essa linha tênue entre segurança e liberdade: “Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade” (BAUMAN, 2003, p. 10). Ou seja, para o autor não há possibilidade de se ter liberdade e segurança ao mesmo tempo. “Sentimos falta da comunidade porque sentimos falta de segurança [...]” (BAUMAN, 2003, p. 129).

O senso de cuidado da comunidade com seus espaços é relatado com muita alegria pelos entrevistados. Mas, por outro lado, percebe-se um sentimento de tristeza de alguns, ao lembrarem que nem sempre os espaços são usufruídos por todos, especialmente espaços abertos como praças, por exemplo, em função de que precisam lidar com criminalidade e violência, o que faz com que a liberdade de frequentar certo espaços fique restrita e conforme relata a moradora:

“As pessoas que muitas vezes gostam disso acabam ficando de lado por causa da criminalidade. Aquela dúzia de pessoas vão tomando conta dos espaços que seriam para todos e pessoal acaba não indo porque tem bagunça ou algo assim. Mas não que não quisessem aproveitar mais esses espaços” (JOSUANA GONÇALVES, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

O gestor Demétrios considera que o Projeto Vida é bastante valorizado e utilizado pela comunidade, mas segundo ele, poderia ser ainda mais usado e cuidado. Segundo ele, acontecem casos em que alguém estraga algo, especialmente na pracinha do Projeto, que é aberta. Nem sempre quem enxerga esse tipo de atitude tem coragem de se manifestar, “[...] *não querem dizer: ‘- Não estraga isso’, porque não sabem a reação da outra pessoa*” (DEMÉTRIOS KAROL LORENZINI, entrevista concedida via Google Meet, no dia 21 de julho de 2020).

Ainda que a sensação de medo e de violência faça parte em alguns momentos, observa-se que a vontade de manter os espaços vivos, ativos e bem cuidados também persiste na comunidade. Vindo de encontro ao que é afirmado por Bauman (2003) quando diz que, a comunidade é uma constante busca, é aquilo que gostaríamos de ter, mas ainda não temos a nossa disposição, referindo-se a ela como um lugar seguro, aconchegante, onde nada de ruim possa acontecer a quem nela vive.

Por se tratar de espaços que a comunidade necessita usufruir, todos são

responsáveis por cuidá-los e zelar por eles. Isso apareceu com muita ênfase nas falas de alguns sujeitos. O que é recorrente na visão dos entrevistados é que independente das escolhas pessoais dos moradores, todos precisam dos espaços. Alguns mais, outros menos, mas em algum momento da vida irão necessitar dos espaços e isso faz com que cuidem e valorizem, é o que destaca a moradora Josuana Gonçalves: “[...] *eu acredito que, como é para todos [...] Eu acho que eles cuidam mais porque todos aproveitam*” (JOSUANA GONÇALVES, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020). Ela complementa e reforça que as instituições de ensino despertam um cuidado especial por parte da comunidade, pois a educação é tudo que os pais podem dar aos seus filhos e diz que “*Todos precisam: um filho, um primo, um sobrinho... e por isso existe preocupação em cuidar desses espaços*” (JOSUANA GONÇALVES, Anotação no caderno de campo, no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

A moradora Letícia Regina de Bairro entende, assim como Josuana, que os espaços são cuidados porque todos usufruem destes: “[...] *esses espaços são utilizados por todas as pessoas. Não importa o ramo, ou o que eu faço da minha vida particular [...] Então é cobrado muito para que não se depredem esses espaços. [...] são espaços sagrados. Ninguém mexe. Já vem da própria comunidade isso assim*” (LETÍCIA REGINA DE BAIRROS, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de julho de 2020). E quando acontece alguma depredação, a própria comunidade se revolta com o ocorrido, como conta a moradora Mônica da Rosa sobre o Posto de Saúde “[...] *uma vez entraram no Posto e mexeram nas coisas do Posto. E isso virou um tumulto aqui no bairro, porque ninguém aceita. Eles não aceitam nem que mexe num varal, porque é uma coisa da comunidade*” (MÔNICA DA ROSA, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 10 de agosto de 2020).

Existe, portanto, um zelo pelo cuidado, inclusive os sujeitos destacam que atualmente não se houve falar em espaços avariados ou roubos. É o que também destaca a gestora da SLAN, dizendo que “*Eles respeitam muito, tanto é que a gente não tem queixa aqui de alguém vir fazer algo como quebrar um vidro, riscar uma parede. Isso é bem tranquilo. Acho que todas as instituições veem assim*” (MARA REJANE BOCCHESI, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS,

no dia 24 de agosto de 2020).

Os espaços públicos de uma comunidade devem ser cuidados por todos aqueles que ali vivem. Ceará (2015) reforça isso e argumenta que o espaço público não deve ser visto como um espaço sem dono. Muito pelo contrário, todos são responsáveis por esses espaços e somente quando a comunidade como um todo tiver esse entendimento é que os espaços são cuidados de forma consciente. Isso corrobora com o que é trazido pelos sujeitos durante as entrevistas, quando relacionam o cuidado com o fato de que todos usufruem de tais espaços:

[...] todas as pessoas têm acesso ao espaço público, desde que façam o que é proposto ali, entretanto observou-se que em alguns casos o uso pré-determinado indica um espaço público com uma função específica. Por exemplo, uma biblioteca pública é um espaço público aberto para as atividades de leitura a todas as pessoas, sejam elas crianças, estudantes, adultos universitários, entre outros. Todos obrigatoriamente devem seguir as regras da biblioteca [...] É diferente de uma praça pública que permite diversos usos a qualquer momento para qualquer um. As pessoas podem circular, conversar, cantar, etc. Dessa forma, a praça é um espaço público de uso coletivo, porém ali a multiplicidade de usos distingue-os de espaços de uso específico. Ambos são públicos, mas a utilização de cada um é diferente, a praça permite usos variados, enquanto a biblioteca pressupõe uso específico de atividade (CEARÁ, 2015, p. 01).

Nesse sentido, os entrevistados destacam que é importante que os espaços sejam utilizados conforme as suas finalidades. Não é possível utilizar o espaço sem medidas ou para qualquer coisa, a não ser que o espaço possibilite isso. É preciso haver responsabilidade nos modos desse uso.

A gestora Marisete lembra que o cuidado dos moradores em relação aos espaços não foi sempre assim. Na visão dela, essa é uma construção que se fez ao longo do tempo, iniciando com as crianças pequenas na escola, mostrando que podem ter um lugar limpo, bonito e bem cuidado. “[...] *tudo o que a gente reforma e mostra para eles bonito, no sentido de que eu tenho o direito de estar num lugar onde não tem cadeiras quebradas, onde eu tenho uma cortina, uma classe bem legal, um piso legal, uma escola pintada, ar condicionado*” (MARISETE MATHES, entrevista concedida via Google Meet, no dia 27 de julho de 2020). O que acaba refletindo nas casas e demais espaços do bairro.

O ponto de vista de Marisete vem ao encontro do que é compartilhado por Fernanda Colombo, idealizadora do Élas. Ela afirma que “*É preciso de fato colocar amor no que entregamos para esperar que isso seja tratado com amor. Quanto*

melhor e mais belo são os espaços que são entregues para a comunidade, mais cuidado se pode esperar por parte dos moradores da mesma” (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020). Parte-se do pressuposto de que toda comunidade merece espaços bem pensados, que possa usufruir, e nos quais possam vivenciar suas experiências de vida.

Conforme as interlocutoras é fundamental colocar amor e proporcionar ao sujeito um ambiente agradável, para que isso seja valorizado. Na visão da moradora Josuana Gonçalves esse cuidado pode ser observado também em relação aos espaços novos, por exemplo, o ginásio inaugurado recentemente no bairro. Espaço que é muito bem cuidado e Josuana atribui isso por ser um lugar novo. É um relato que vem de encontro ao que é destacado por Mara, quando conta que *“Eles estão pensando mais assim: ‘- A gente merece ter um espaço bonito e limpo”* (MARA REJANE BOCCHESI, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 24 de agosto de 2020).

Na visão de Antônio Nilson Do Arte, evangelista da Igreja Evangélica, os espaços em geral são bem cuidados e ele inclusive se refere à igreja, reforçando que ela possui várias janelas de vidro e dificilmente alguma é quebrada. O mesmo comenta em relação ao ginásio novo do bairro, o qual também não sofre vandalismos.

Fernanda Colombo observa que é preciso sempre buscar melhorar os espaços, dentro de uma perspectiva estética:

“Não posso falar de todos os espaços que há na comunidade. Mas onde está o ginásio, praça, pista de corrida e campo, creio que seja essa a maior área hoje de convívio do bairro, é um ambiente extremamente estéril. Sem flores, poucas árvores, sem arte. No projeto Élas fizemos uma proposta de fazer um mural nas costas do ginásio. Não tivemos aceitação para ir adiante com a iniciativa” (FERNANDA COLOMBO, entrevista concedida via Google Meet, Lajeado/RS, no dia 11 de setembro de 2020).

Antônio Nilson Do Arte tem esse mesmo sentimento, de que é preciso correr atrás de melhorias. Segundo ele, a maior parte dos moradores é consciente e faz uso responsável dos espaços da comunidade, porém, ele percebe que ainda há muito para se fazer. E refere-se ao lixo que muitas vezes se encontra nas ruas, nas esquinas ou nos terrenos baldios. Esse é um trabalho que precisa ser feito, no

sentido de educar a população, e pode ser feito a partir de inúmeras possibilidades, como por exemplo a igreja, que ele cita como um meio para junto com os moradores construir esse aprendizado e conscientizá-los.

Isso para Gohn (2006) é extremamente importante. A relação da igreja com a comunidade é uma fonte potente de ensino e de aprendizagem. Segundo a autora, a igreja se caracteriza como um agente educativo de grande importância, especialmente em bairros de classe social baixa. Espaços que acompanham as trajetórias de vida dos sujeitos, como no caso a igreja são possibilidades de despertar o olhar do ser humano para problemas da vida cotidiana do lugar onde vive. É o que Gohn (2006, p. 29) chama de educação não formal, que segundo ela “[...] capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais”.

De um modo geral, Gohn (2006) argumenta que a educação não formal tem como atribuição o desenvolvimento da consciência enquanto sujeito, de se valorizar e se identificar com o lugar onde vive. A valorização de si, do outro e da comunidade como um todo só é possível quando se tem consciência da sua realidade. Isso é muito bem expressado pela moradora Sílvia Regina Gomes da Silva. Ela afirma que os espaços que o bairro possui hoje em dia devem ser muito valorizados, pois foi difícil conquistá-los. O caminho para consegui-los foi cheio de preconceitos e discriminações:

“[...] foi tão difícil para conseguir... É tão difícil conseguir uma coisa para cá. Agora está mais acessível, mas antigamente a Santo Antônio era muito discriminada por vários fatores. Era muito roubo, assalto, era muita coisa, muita morte. Então tudo o que a gente consegue, a gente tenta cuidar, porque é difícil vim para cá as coisas” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

Conforme ela conta, as dificuldades enfrentadas foram enormes em relação ao preconceito que o bairro sofria. O ônibus não entrava, professores e profissionais da saúde não queriam ir até o bairro devido à violência, drogas, roubos, entre outros motivos. Por todas essas razões, Sílvia entende que é preciso valorizar e cuidar tudo o que foi conquistado:

“Então assim, hoje nós tentamos cuidar o máximo tudo o que a gente

ganha, tudo o que a gente tem, para preservar isso. A gente sabe que se perder não vai conquistar o que foi perdido. Então tudo é difícil. Hoje é mais fácil, antigamente era tudo difícil. [...] Eram bem mais precárias as coisas, tinha mais gente necessitada, mais gente pobre, humilde. Hoje nós estamos no céu, porque antigamente era bem difícil, difícil mesmo” (SÍLVIA REGINA GOMES SCHMITZ, entrevista concedida no bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, no dia 27 de julho de 2020).

São desafios que foram sendo superados, segundo Sílvia, com muita luta, na coletividade. E isso é característica do bairro Santo Antônio, pois ao longo da história, o território esteve marcado pela dificuldade em ter à sua disposição uma infraestrutura básica para o bem-estar da comunidade. Desde as suas origens, as conquistas sempre foram duras, mas conforme Sílvia relata, a força dos moradores foi sendo passada de geração em geração, trazendo êxito para todos.

Dessa forma o território foi se constituindo, a partir de um trabalho integrado, envolvendo as instituições do bairro, lideranças, associação de moradores, igrejas, entre outros. Trabalho que trouxe muitos benefícios para todos e precisa continuar acontecendo de forma integrada, em todos os espaços onde o sujeito transita. Não apenas na escola, tendo em vista que o ser humano tem inúmeras outras relações sociais.

Assim, Gohn (2016, p. 62) propõe a reflexão: “Então, problemas como violência, bullying e drogas, como devem ser trabalhados? Nas escolas, apenas a partir das estruturas curriculares que temos, sem trabalhar com educação não formal, eu não vejo saída”. Portanto, é necessário que os processos de ensino e de aprendizagem não fiquem restritos às escolas, mas a todos os demais espaços do bairro, para que haja sempre cuidado e busca por melhorias, na tentativa de ampliá-los e torná-los cada vez mais parte da comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tecer considerações acerca de uma pesquisa que tem como objetivo analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, no sentido de evidenciar os processos informais e não formais de ensino não é tarefa simples. Requer um olhar atento, com rigorosidade metodológica e responsabilidade por parte do pesquisador.

Não se pretende finalizar as reflexões por aqui, mas sim, considerar sobre o que se percebeu ao longo desta trajetória tanto da pesquisa quanto do amadurecimento da pesquisadora. Considera-se que, conforme descrito no capítulo dois “Delineamentos da pesquisa e métodos escolhidos”, a metodologia selecionada foi adequada para esta investigação. Partiu-se do entendimento de que dentro de uma abordagem histórico-cultural, descritiva, incluindo análise documental seria possível contextualizar o bairro Santo Antônio e, assim, compreender as percepções e as origens históricas dos sujeitos entrevistados, especialmente dos moradores.

Portanto, no capítulo três, denominado “Vale do Taquari, Lajeado, bairro Santo Antônio e os espaços de aprendizagem: historicização e caracterização”, a contextualização da região, do município, dos bairros e dos espaços foi uma etapa fundamental para que as falas dos sujeitos, ao longo das entrevistas, pudessem ser compreendidas dentro do cenário em que estavam sendo ditas. E, ao mesmo tempo em que as entrevistas foram sendo percebidas a partir do contexto de fala dos interlocutores, também foi possível incrementar a historicização do bairro a partir dos

relatos feitos pelos sujeitos, que foi um dos objetivos específicos propostos nesta pesquisa. Especialmente, se considerarmos que, ao longo da busca feita por registros históricos do bairro, nos deparamos com uma escassez de informações.

O bairro Santo Antônio caracteriza-se como um território, historicamente constituído, em sua maioria, por pessoas que não possuíam condições de morar em outros bairros de Lajeado considerando questões econômicas, sociais e ambientais. Esses são reflexos de um país que ao longo da sua história só reforçou a desigualdade social e nisso se inclui a questão do negro. Resultado de um país que após trezentos anos de escravidão, a aboliu sem prestar nenhum tipo de estrutura à população negra. Negros que foram “largados” nas ruas em busca de sobrevivência, enfrentando lutas sempre desiguais, estando à margem da sociedade, buscaram moradia nos locais mais periféricos das cidades.

Além desse aspecto, o bairro Santo Antônio recebeu moradores de outros bairros de Lajeado, outras cidades do Rio Grande do Sul, especialmente da região noroeste (Humaitá, Três Passos) e inclusive outros estados, como o Paraná. Pessoas que muitas vezes foram atraídas por oportunidades de emprego, e ao chegarem a Lajeado se estabeleceram no bairro Santo Antônio, considerando as dificuldades financeiras para morar em outro local.

Ainda pode-se destacar que a construção da BR 386 contribuiu para esse cenário. A rodovia fez com que as regiões próximas ficassem muito valorizadas, implicando com o deslocamento dos moradores desses locais para núcleos mais baratos, nesse caso, a região sul da cidade, incluindo o bairro Santo Antônio e arredores como bairro Das Nações, Conservas, Morro Vinte e Cinco.

Assim, o bairro Santo Antônio representou um território de abraço receptivo, talvez não o melhor lugar de amparo e proteção. Mas que, ao longo do tempo e das lutas diárias, esse lugar e as pessoas ali estabelecidas se tornaram um “ente” de significações, de afetos, reminiscências e conquistas.

Nesse contexto, considerando uma pesquisa de abordagem histórico-cultural, o uso da história oral permitiu que os sujeitos pudessem contar a história do bairro, misturada com o surgimento dos espaços que julgam importantes na comunidade, o que representam e o cuidado que têm com eles. Espaços que foram surgindo diante

de uma necessidade dos moradores ao longo do tempo, de modo que suas vidas ficassem misturadas com a história do lugar/bairro e dos espaços, adquirindo importância para o desenvolvimento dos sujeitos.

E aqui entende-se o quanto a opção pelas entrevistas abertas como um dos instrumentos de coleta de dados foi acertada. Iniciar a conversa com a questão disparadora “Quais os espaços você considera importantes para a comunidade do bairro Santo Antônio?” permitiu que os sujeitos se sentissem à vontade para falar acerca dos espaços que enxergam como significativos no bairro. A entrevista aberta com essa pergunta valorizou ainda mais o olhar dos participantes, fazendo com que não houvesse nenhum direcionamento por parte da pesquisadora no sentido de ouvir os interlocutores se referirem apenas aos espaços previamente selecionados para a investigação, mas sim, a todos aqueles que eles próprios entendem como relevantes para a comunidade.

Os relatos dos sujeitos demonstram o quanto os diferentes espaços da comunidade são valorizados. No capítulo quatro, intitulado “Os espaços de uma comunidade, suas percepções e as possibilidades de ensinar e de aprender”, os participantes referiram-se a espaços que remetem a um lugar de uso comum, de coletividade e de encontro com o outro, em torno dos quais o bairro foi se construindo. O outro que pode ser um vizinho, um amigo, um professor, a secretária, o evangelista, a enfermeira, a diretora, a médica, entre tantos “outros” com os quais eu me encontro, pelos lugares onde transito. Esse outro com o qual eu aprendo e que aprende comigo também, pensando com Gohn (2006), quando propõe que na educação informal e não formal o educador é o outro.

Dentre os espaços entendidos como importantes pelos entrevistados estão as escolas do bairro, a SLAN, aos projetos que foram lembrados por vários como instituições de ensino. Espaços esses que já haviam sido previamente elencados pela pesquisadora e os quais se buscou também historicizar. Porém, além desses, os interlocutores trouxeram inúmeros outros espaços que consideram importantes, como os postos de saúde, as igrejas, as ruas, os salões, as praças, entre outros.

As igrejas apareceram com muita valorização, independente da religião, em especial, como um lugar de afetos, de conversas e auxílios. Isso foi extremamente

surpreendente para a pesquisa e trouxe ainda mais brilho para essa investigação. Especialmente porque a igreja é um espaço rico para ensinar e aprender, na medida em que me relaciono com o outro e com o ambiente. A entrevista com uma liderança religiosa do bairro foi motivada por ter sido um espaço constantemente lembrado pelos sujeitos durante as entrevistas. Depois de realizar seis entrevistas, observou-se que naquele universo de seis entrevistados, todos haviam citado a igreja como um espaço fundamental no bairro, e isso fez com que se entendesse ser válido ouvir alguém que fala enquanto líder religioso.

Diante dos dados levantados ao longo da pesquisa, observa-se que alguns espaços poderiam ser mais bem aproveitados pela comunidade e que ainda há muitos moradores que não enxergam a riqueza desses. Contudo, existe uma preocupação muito forte, por parte da comunidade, em preservar os espaços que já possuem e ir em busca da conquista de outros que tragam ainda mais possibilidades para a aprendizagem e desenvolvimento dos moradores, independente da faixa etária, considerando que enxergam uma carência de atividades para as diferentes idades. Alguns sujeitos inclusive expressam a dificuldade que a comunidade teve para conquistar os espaços que hoje tem no bairro, o que sugere que devem ser cuidados e valorizados.

O que se observou ao longo da pesquisa aproxima-se com os olhares de Gohn (2006, 2010, 2014, 2016), Severo (2014, 2018), Vygotsky (1991). Assim, cabe dizer que a riqueza dos espaços pelos quais os sujeitos transitam no bairro Santo Antônio são possibilidades de ensino e de aprendizagem. De diferentes modos e em diferentes tempos para cada sujeito.

O que parece fundamental é enxergar que o ser humano não aprende somente na escola. Mas é nas suas relações sociais, desde o seu nascimento que ele vivencia inúmeras experiências em diferentes espaços, e em cada um desses universos aprende e desenvolve (VYGOTSKY, 1991), considerando que, para esse autor, é o aprendizado que promove o desenvolvimento.

Gohn (2016) ressalta que a educação informal e não formal se preocupa com o sujeito como um todo, entendendo que o ser humano não pode se desenvolver apenas com educação formal e nem somente com educação informal e não formal.

São dimensões que se articulam e se complementam o tempo todo, considerando inclusive, que a educação não formal pode se dar dentro da escola também. Conforme Gomes *et al.* (2016, p. 05), a educação não formal acontece numa multiplicidade de espaços, como “[...] nos bairros-associação, organizações que estruturam e coordenam os movimentos sociais, nas igrejas, nos sindicatos e nos partidos políticos, nos espaços culturais, e nas próprias escolas, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa, entre outros”.

Dentro dessa perspectiva, Albuquerque e Buecke (2019) argumentam que as práticas educativas acontecem em espaços alheios à escola, inclusive nos ambientes de trabalho, e que elas integram uma ampla gama de experiências e sensações, o que contribui na formação do ser humano de forma muito potente. Desse modo, entende-se que, o ensinar e o aprender são processos que podem ocorrer nos diferentes espaços lembrados pelos sujeitos como significativos para a comunidade do bairro.

Acredita-se que essa pesquisa contribui para uma valorização, cada vez maior, de espaços informais e não formais de ensino, pensando principalmente, o quanto estes são importantes para o desenvolvimento do sujeito em qualquer fase da vida. Além disso, é um campo que merece uma atenção mais intensa dentro do mundo acadêmico, no sentido de desenvolver pesquisas que contribuam para a distinção e melhora de tais espaços. Ainda que tenham crescido nos últimos anos, as pesquisas no âmbito do ensino e da educação costumam considerar em grande medida a educação formal e os lugares onde esta é desenvolvida.

Entende-se que dessa forma a pesquisa contribuirá para que os objetivos de desenvolvimento sustentável propostos pela ONU para agenda 2030 sejam alcançados. Especialmente ao considerar que o ensino e a aprendizagem dos sujeitos passam por espaços qualificados e, principalmente, preocupados em respeitar e valorizar as culturas locais.

Além das contribuições da pesquisa para a área do ensino, destaca-se o avanço da mestranda enquanto pesquisadora. A identificação particular com o território da pesquisa, trazida para dentro do mundo acadêmico, fez com que o manuseio dos dados científicos, com rigor metodológico, ficasse ainda mais

interessante.

Conversar com pessoas da comunidade, gestores e funcionários em forma de entrevista oral foi uma etapa extremamente agradável ao longo da pesquisa, pois trouxe à tona memórias afetivas dos interlocutores. Para os moradores, a vida na comunidade e para os profissionais que ali atuam, a criação de vínculos com os moradores. Esse cenário requer um ouvido e olhar atenciosos por parte do pesquisador.

E há que se considerar ainda que, além dos vínculos afetivos dos interlocutores com a comunidade, houve também, o vínculo afetivo por parte da pesquisadora. Portanto, ouvir os entrevistados ampliou o olhar da pesquisadora que, a partir desse momento, além de professora no bairro, assume também o papel de pesquisadora.

O processo de pesquisa, incluindo os vínculos estabelecidos, sugeriu intensa observação da pesquisadora acerca do contexto. Valorizou-se não apenas as narrativas dos entrevistados, mas seus gestos, olhares e silêncios. Isso significa dizer que nem tudo foi dito verbalmente, mas nas diversas expressões se percebeu que existem carências no bairro, como por exemplo, um espaço para adolescentes e jovens estarem e se encontrarem. Porém, a pesquisa concentrou-se muito mais em enxergar aspectos positivos do bairro, valorizando o que foi conquistado enquanto comunidade.

Desse modo, cabe mais uma vez, agradecer aos onze sujeitos que aceitaram participar dessa investigação tão importante para um bairro historicamente marcado pelas carências nas mais diversas áreas. E assim, continuar pensando os processos de ensino nos mais diversos espaços pertencidos pela comunidade. Locais onde os moradores se sentem protegidos e, por isso, necessitam ser valorizados pela coletividade.

REFERÊNCIAS

1862, a Lajeado do futuro inicia no Parque do Engenho. **O Informativo do Vale Lajeado 100 anos**, 1. ed. Lajeado, p. 06, 26 jan. 1991.

A HISTÓRIA e a origem do Hidráulica. **A Hora**, Lajeado, 17 mai. 2018. Disponível em: <https://www.jornalahora.com.br/conteudos/2018/05/17/a-historia-e-a-origem-do-hidraulica/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

A SLAN. **A Hora**. Lajeado, p. 04, Fev. 2018.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei Teresinha. Povoamento e desenvolvimento econômico da região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. **Estudo & Debate**, Lajeado, n. 1, p. 49-91, 2001. Disponível em: <http://www.cicvaledotaquari.com.br/wp-content/uploads/hist-eco-vt-texto3-1822-1930.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa; BUECKE, Jane Elisa Otomar. Educação não escolar: balanço da produção presente nos Congressos Brasileiros de História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2238-00942019000100510&script=sci_arttext. Acesso em: 30 ago. 2020.

ALVES, Alencar Wissmann. **Os Planos Diretores da cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/97>. Acesso em: 29 mar. 2020.

AMADO, Janaína. Nós e o espelho. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

AMES, Valesca Daiana Both. As possibilidades de uso do software de análise qualitativa Nvivo. **Sociologias Plurais**, [s.l.], v. 1, n. 2, 2013. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/sclplr/article/view/64766/37693>. Acesso em: 16 dez. 2019.

ARRUDA, Ney Santos. **O Informativo do Vale Lajeado 100 anos**. 1. ed. Lajeado, p. 25, 26 jan. 1991.

AS ORIGENS do bairro Conservas. **A Hora**, Lajeado, 24 mai. 2018. Disponível em: <https://www.jornalahora.com.br/conteudos/2018/05/24/das-antigas-fabricas-de-conservas/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ATELIER ÉLAS. Fotos do Perfil. **Facebook**: elassocial. Lajeado, 04 out. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/elassocial/photos/a.156815544691132/952983558407656/?type=1&theater>. Acesso em: 22 out. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. 2. reimpr. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUMANN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERGAMASCHI, Eliza. **Urbanização, reestruturação e mudanças na organização espacial da cidade de Lajeado na região do Vale do Taquari – RS**. 2014. 241 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2014). Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/721>. Acesso em: 20 set. 2019.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, [s.l.], v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 31 mai. 2020.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República [2020]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 18 ago. 2020.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

CALDERÓN, Jorge Eduardo Minda. **Os espaços livres públicos e o contexto local**: o caso da Praça principal de Pitalito – Huila – Colômbia. 2009. 106f. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília. Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/4496>. Acesso em: 06 out. 2020.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202013000200003. Acesso em: 16 dez. 2019.

CAMPI, Fabíola Alessandra; PÁTARO, Cristina Satiê de Oliveira. A ação pedagógica junto à associação de moradores: formação e participação política. **Revista de Ciências da Educação**, [s.l.], 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.19091/reced.v0i0.103>. Acesso em: 23 out. 2020.

CATARINO, Giselle Faur de Castro *et al.* O formal, o não formal e as outras formas: a aula de física como gênero discursivo. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 22, n. 69, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782017226925>. Acesso em: 06 jan. 2020.

CASTRO, Thiago Gomes de; ABS, Daniel; SARRIERA, Jorge Castellá. Análise de conteúdo em pesquisas de Psicologia. **Psicologia: ciência e profissão**, [s.l.], v. 31, n. 4, p. 814-825, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000400011>. Acesso em: 27 set. 2020.

CEARÁ. Secretaria da Educação. **Escola Estadual de Educação Profissional: Ensino Médio Integrado à Educação Profissional**. 2015. 77 p. Curso Técnico em Desenho na Construção Civil: Projeto do Espaço Coletivo. Fortaleza, CE, 2015. Disponível em: https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/images/material_didatico/desenho_de_construcao_civil/des_de_const_civil_projeto_espaco_coletivo.pdf. Acesso em: 22 out. 2020.

CODEVAT. **Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari**. Disponível em: <http://codevat.com.br>. Acesso em: 29 fev. 2020.

COSTA, Samira Lima da; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, [s.l.], v. 61, n. 1, p. 60-72, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/abp/v61n1/v61n1a07.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em revista**, [s.l.], n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.357>. Acesso em: 30 mai. 2020.

ECKHARDT, Rafael Rodrigo. **Zoneamento ambiental do Vale do Taquari**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso, 67f. (Ciências Biológicas) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2005. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/815>. Acesso em: 04 fev. 2021.

EDUCAÇÃO: o alicerce das gerações futuras. **Informativo da Prefeitura de Lajeado**, Lajeado, p. 06-07, ago. 1992.

ESCOLA Estadual de Ensino Médio Santo Antônio. **História**. 01 jan. 2000. Disponível em: <https://eeemsantoantonio.blogspot.com/2010/01/historia.html>. Acesso em: 15 abr. 2020.

ESCOLA MUNICIPAL DE 1º GRAU INCOMPLETO FRANCISCO OSCAR KARNAL. **O Informativo da FOK**. Lajeado, n. 1, ano 1, abr. 1995.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FRANCISCO OSCAR KARNAL. **Resumo Histórico e Geográfico**. Lajeado, RS, 1998.

ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL FRANCISCO OSCAR KARNAL. **Projeto Político-Pedagógico**. Lajeado, RS, 2017.

FALEIRO, Silvana. Rossetti. **Lendo memórias: 40 anos de Ensino Superior no Vale do Taquari e a construção do regional – História da Univates**. Lajeado: Ed. da Univates, 2009.

FAVARETTO, Gésica. **Primeiro cemitério municipal de Lajeado/RS: inferências sobre a localização e perfil social dos sepultados entre 1916 e 1933**. 2014. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/handle/10737/700>. Acesso em: 20 set. 2019.

FERNANDES, Renata Sieiro. A cidade educativa como espaço de educação não formal, as crianças e os jovens. **Revista Eletrônica de Educação**, [s.l.], v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14244/1982719930>. Acesso em: 09 dez. 2020.

FLORES, Tiago. As comunidades se formam em torno da água. **Fala Santo Antônio: a voz do povo do nosso bairro**. Lajeado, RS, ano 02, n. 002, p. 03, abr. 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem socio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de pesquisa**, [s.l.], n. 116, p. 21-39, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0100-15742002000200002&script=sci_arttext. Acesso em: 29 set. 2019.

FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. 2. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - FEE. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br>. Acesso em: 25 fev. 2020.

GABE, Mateus Augusto. **Flexibilização do perímetro urbano e suas repercussões sobre a expansão urbana: estudo de Lajeado/RS**. 2017. 208f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/164064>. Acesso em: 29 set. 2019.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. **Sion: Institut International des Droits de L'Enfant**, p. 1-11, 2005. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305950/mod_resource/content/1/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf. Acesso em: 12 ago. 2019.

GASPAR, Alberto. A educação formal e a educação informal em ciências. **Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência**. 2002. p. 171-183. Disponível em: http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:rdav7fVRlwQJ:scholar.google.com/+A+EDUCA%C3%87%C3%83O+FORMAL+E+A+EDUCA%C3%87%C3%83O+INFORMAL+EM+CI%C3%84NCIAS&hl=pt-BR&as_sdt=0,5. Acesso em: 15 ago. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio-Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [s.l.], v. 14, n. 50, p. 11-25, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405/>. Acesso em: 27 mar. 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.22347/2175-2753v1i1.1>. Acesso em: 12 ago. 2019.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em educação**, [s.l.], v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>. Acesso em: 20 set. 2019.

GOHN, Maria da Glória. Educação não formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica**, [s.l.], v. 18, n. 39, 2016. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3615/2053>. Acesso em: 27 mar. 2020.

GOMES, Marineide Pereira; SILVA, Yanatasha Fernandes Ferreira da; SILVA, André Gustavo Ferreira da. **Educação não-formal: diálogos com a educação popular em Freire - o caso do grupo de leigos católicos Igreja Nova**. [s.l.], 2016.

GONÇALVES, António Custódio. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Geografia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, [s.l.], v. 4, 2020. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/geografia/article/viewFile/7838/7190>. Acesso em: 12 set. 2020.

GOVÊRNO Dr. Dalton de Bem Stumpf. **Álbum Jubileu Lajeado 75 anos 1891 a 1966**. Lajeado, 1966. [n.p.].

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALLEY, Bruno Maia. Bairro rural/bairro urbano: uma revisão conceitual. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 577-593, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/82793>. Acesso em: 12 set. 2020.

HARTMANN, Ângela Maria. **O Pavilhão da Ciência**: a participação de escolas como expositoras na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. 2012. 312 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: http://www.fiocruz.br/brasiliana/media/2012_AngelaMariaHartmann.pdf. Acesso em: 06 jan. 2020.

HEBERLE, Caroline Panitz *et al.* **Jeitos de fazer escola**: escolhas, fundamentos e princípios. Lajeado: Univates, 2012.

HESS, Remi. Momento do diário e diário dos momentos. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

HISTÓRIA dos bairros balizada pela solidariedade. **A Hora**, Lajeado, p. 12, fev. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/lajeado.html>. Acesso em: 31 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Inventário Municipal da Base Operacional**: Lajeado: Gerencia do Projeto Censo 91, 19 ago. 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/202#resultado>. Acesso em: 11 abr. 2019.

JUNG, Leandro. Pesquisa sobre a noção de experiência nos espaços formal e não formal de educação. *In*: SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, CONHECIMENTO E PROCESSOS EDUCATIVOS. **Anais [...]**, [s.l.], v. 2, 2017. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/seminarioECPE/article/download/3954/3708>. Acesso em 29 out. 2020.

KLEIN, Lenira Maria Müller. **O Informativo do Vale Lajeado 100 anos**. 1. ed. Lajeado, 26 jan. 1991. p. 28.

KREUTZ, Marcos R. **Abordagens da história ambiental no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. 2009. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso, (Licenciatura em História) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/496>. Acesso em: 20 set. 2019.

KREUTZ, Marcos Rogério *et al.* **Arroio do Meio**: entre rios e povos. Lajeado: Univates, 2011.

KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. 1. ed. Lajeado: Editora da Univates, 2017. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/223/pdf_223.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

KREUTZ, Marcos Rogério *et al.* **Educação Patrimonial: dinâmicas da colonização humana no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. Lajeado, RS: Editora da Univates, 2018.

LAJEADO (RS). Secretaria de Educação e Desporto. **Projeto Vida: um projeto que é a vida**. Lajeado, RS: Editora da Univates, 2004.

LAJEADO (RS). **Lei nº 5.047 de 09 de setembro de 1993**. Lajeado, RS, 28 out. 2019. fotocópia. 1 p.

LAJEADO (RS). Prefeitura Municipal. **Bairros de Lajeado**. Disponível em: http://www.lajeado.rs.gov.br/?titulo=Lajeado&template=conteudo&categoria=931&codigoCategoria=931&idConteudo=3356&tipoConteudo=INCLUDE_MOSTRA_CONTEUDO. Acesso em: 30 set. 2019.

LAJEADO (RS). Prefeitura Municipal. **Histórico da Ocupação**. Disponível em: http://www.lajeado.rs.gov.br/?titulo=Lajeado&template=conteudo&categoria=931&codigoCategoria=931&idConteudo=3029&tipoConteudo=INCLUDE_MOSTRA_CONTEUDO. Acesso em: 23 mar. 2020.

LAJEADO (RS). **Lei nº 8.951 de novembro de 2012**. Redefine as delimitações entre os bairros Jardim do Cedro e Santo Antônio. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/l/lajeado/lei-ordinaria/2012/896/8951/lei-ordinaria-n-8951-2012-redefine-as-delimitacoes-entre-os-bairros-jardim-do-cedro-e-santo-antonio?q=8951>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LAJEADO (RS). **Lei nº 8.060 de 27 de agosto de 2008**. Denomina escola municipais de educação infantil. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/l/lajeado/lei-ordinaria/2008/806/8060/lei-ordinaria-n-8060-2008-denomina-escolas-municipais-de-educacao-infantil?q=cantinho+m%C3%A1gico>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, [s.l.], n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 29 out. 2020.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LARROSA Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor**. Tradução de Cristina Antunes. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LAZZARI, Artur; MAZZARINO, Jane M.; TURATTI, Luciana. Comunidade: a busca de um conceito. **Revista Espacios**, [s.l.], v. 38, n. 3, 2017. Disponível em: <https://revistaespacios.com/a17v38n03/a17v38n03p04.pdf>. Acesso em: 22 out. 2020.

LENIRA Müller Klein a mãe de coração. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 43, 8 mai. 2014.

LIMA, Edwiges Inácia de; NAGAO, Fernanda Quinei Alves; SELMO, Jaqueline Tumitan; LANDIM, Sorrana Penha Paz; LIMA, Vanda Moreira Machado. O papel da educação formal, não formal e informal na formação política de mulheres educadoras. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, [s.l.], v. 20, n. 1, p. 270-286, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.33026/peg.v20i1.6305>. Acesso em: 09 dez. 2020.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIANO, Agnes Francine de Carvalho. Eliane Brum e a arte da escuta. **Em Questão**, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 307-322, 2011. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/15047/14436>. Acesso em: 25 mai. 2020.

MARQUES, Joana Brás Varanda; FREITAS, Denise de. Fatores de caracterização da educação não formal: uma revisão da literatura. **Educação e Pesquisa**, [s.l.], v. 43, n. 4, p. 1087-1110, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/141101/136186>. Acesso em: 11 dez. 2019.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagens na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MEMÓRIAS das escolas municipais de Lajeado/RS. Realização Secretaria da Educação. Lajeado: Univates, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otavio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOLON, Susana Inês. Questões metodológicas de pesquisa na abordagem socio-histórica. **Informática na educação: teoria & prática**. Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 56-68, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-1654.7132>. Acesso em: 20 set. 2020.

MUDANÇA social pela força feminina. **A Hora**, Lajeado, 16 nov. 2019. Disponível em: <https://grupoahora.net.br/conteudos/2019/11/16/mudanca-social-pela-forca-feminina/>. Acesso em: 18 set. 2020.

MÜLLER, Doris Maria. **Crescimento Urbano, um Instrumento de Análise Aplicada ao Vale do Taquari**. Porto Alegre: UFRGS, 1976.

MUNHOZ, Angélica Vier. Práticas investigativas: experiências não escolarizadas. *In*: MUNHOZ, Angélica Vier *et al.* **Diálogos na Pedagogia**: coletânea. Lajeado: Ed. UNIVATES, 2012. Disponível em: https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/13/pdf_13.pdf. Acesso em: 02 mar. 2020.

O BAIRRO das Conservas. **O Informativo do Vale**, Lajeado, 15 mar. 2019. Disponível em: <https://www.informativo.com.br/geral/o-bairro-das-conservas,295091.jhtml>. Acesso em: 14 abr. 2020.

O PORTO, a praça, o comércio, a igreja e a escola, a cidade principia. **O Informativo do Vale Lajeado 100 anos**, 1. ed. Lajeado, p. 07, 26 jan. 1991.

OBBERG, Lurdes Perez. O conceito de comunidade: problematizações a partir da psicologia comunitária. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [s.l.], v. 18, n. 2, p. 709-728, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/4518/451859224018/451859224018.pdf>. Acesso em: 01/06/2020.

OLIVEIRA, Celina Camilo de; CAMPOS, Francisco Carlos Cardoso de. **Projeto social: saúde e cidadania**. 2009. Disponível em: <http://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/148>. Acesso em: 05 nov. 2020.

OLIVEIRA, Daniela Duarte de Freitas. **Produção do espaço sagrado na arquitetura contemporânea**: a interpretação da tradição católica a partir do século XX. 2010. 116f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, [s.l.], 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/RAAO-8CUQ5P>. Acesso em: 11 out. 2020.

OLIVEIRA, Marilda Dolores. **Essa terra já era nossa**: um estudo histórico sobre o grupo Kaingang na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. 2010. 89f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/324>. Acesso em: 25 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Agenda 2030**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods4/>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PERFIL Econômico de Lajeado. **Departamento de Pesquisa da Fates**. Lajeado, RS: [s.n.], 1983.

PIRES, Karen Daniela. **O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari, Estrela e Santo Amaro/RS** – final do século XIX. 2016. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro

Universitário Univates, Lajeado, 2016. Disponível em:
<http://hdl.handle.net/10737/1601>. Acesso em: 30 mar. 2020.

PLANEJAMENTO é a chave para abrir o futuro. **O Informativo do Vale Lajeado 100 anos**, 1. ed. Lajeado, p. 27, 26 jan. 1991.

POPULAÇÃO cresce e alerta para carências em bairro. **A Hora**, Lajeado, 27 jul. 2017. Disponível em:
<https://www.jornalahora.com.br/conteudos/2017/07/27/populacao-cresce-e-alerta-para-carencias-em-bairro/>. Acesso em: 13 abr. 2020.

PREFEITURA Municipal de Lajeado. **Relatório de Atividades 1993/1996**. Lajeado, RS: [s. n.], [1996].

PROJETO VIDA. **Histórico**. Lajeado, RS: [s. n.], [2017].

PROJETO VIDA comemora 25 anos em Lajeado. **O Informativo do Vale**, Lajeado, 01 jun. 2017. Disponível em: <https://informativo.com.br/geral/projeto-vida-comemora-25-anos-em-lajeado,42595.jhtml>. Acesso em 20 jul. 2020.

REIS, Inês Nascimento de Carvalho; SILVA, Ilda Lopes Rodrigues da; UN, Julio Alberto Wong. Espaço público na Atenção Básica de Saúde: Educação Popular e promoção da saúde nos Centros de Saúde-Escola do Brasil. **Revista Interface**, [s.l.], v. 18, supl. 02, p. 1161-1174, 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.org/pdf/icse/2014.v18suppl2/1161-1173>. Acesso em: 09 out. 2020.

RIBEIRO, Mara Cristina; MACHADO, Ana Lúcia. O uso do método história oral nas pesquisas qualitativas: contribuições para a temática do cuidado em saúde mental. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [s.l.], v. 14, n. 2, p. 578-591, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844508011.pdf>. Acesso em 28 set. 2019.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Portaria 30.030, de 02 de dezembro de 1982. **Diário Oficial do Estado**, Porto Alegre, RS, 13 dez. 1982, fotocópia. 1 p.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Portaria 18.676, de 28 de agosto de 1986. **Diário Oficial do Estado**, Porto Alegre, RS, 02 set. 1986, fotocópia. 1 p.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). Portaria 116, de 10 de janeiro de 1989. **Diário Oficial do Estado**, Porto Alegre, RS, 01 fev. 1989, fotocópia. 1 p.

RIO GRANDE DO SUL (Estado). **Parecer Conselho Estadual de Educação nº 503/95**. Autoriza o funcionamento, pelo prazo de cinco anos, do Curso de Suplência de 1º Grau – Ciclo Final – na Escola de 1º Grau Incompleto Francisco Oscar Karnal. Porto Alegre, 02 mai. 1995. fotocópia. 3 p.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. **Alea: estudos neolatinos**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 305-322, 2005. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1517-106X2005000200010>. Acesso em: 27 set. 2020.

ROSA, Ivandro Carlos. **O processo de emancipação municipal e a urbanização do município de Lajeado/RS**. 2012. 46 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2012. Disponível em: <https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/279/1/IvandroRosa.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2020.

SANTOS, Daniela Celeste Contim dos. O cuidado no espaço escolar: ampliando as possibilidades de cuidar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, [s.l.], v. 15, n. 4, p. 1329-1344, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451844506012>. Acesso em: 04 nov. 2020.

SCHEIBE, Aline Cristiane. **Estudo da Evolução Urbana: o processo de “transformação” de Lajeado, RS em cidade média**. 2016. 178 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/151152>. Acesso em: 05 abr. 2020.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I: povoamento, colonização e história política**. Lajeado: Prefeitura Municipal, 1992.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **80 Anos da ACIL**. Lajeado: ACIL – Associação Comercial e Industrial de Lajeado, 2001.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Dicionário de Próprios Municipais de Lajeado**. Lajeado, RS: [s. n.], 2004.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Núcleo urbano de Lajeado**. 01 out. 2011. Disponível em: <https://abrindobaudoschierholt.blogspot.com/search?q=primeiro+n%C3%BAcleo+urbano+de+lajeado>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Chácara da Prefeitura**. 4 mai. 2012. Disponível em: <https://abrindobaudoschierholt.blogspot.com/search?q=fotos>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SCHIERHOLT, José Alfredo. Primeiro “Plano Diretor de Lajeado”. **A Hora**, Lajeado, p. 03, 15 abr. 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. A sociedade pedagógica: demandas e possibilidades contemporâneas de ensino e aprendizagem na perspectiva da pedagogia social. **Interfaces Científicas-Educação**, [s.l.], v. 2, n. 3, p. 143-158, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2014v2n3p143-158>. Acesso em: 11 ago. 2020.

SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima. Perspectivas curriculares sobre a formação do pedagogo para a educação não escolar. **Educação em Revista**, [s.l.], v. 34, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698176656>. Acesso em: 11 nov. 2020.

SILVA, Dáfni Priscila Alves da; FILHO, Dalson Britto Figueiredo; SILVA, Anderson Henrique da. O poderoso NVivo: uma introdução a partir da análise de conteúdo. **Revista Política Hoje**, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 119-134, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/politica hoje/article/view/3723>. Acesso em: 27 set. 2020.

SILVA, Renan. Há 60 anos, FOK semeia educação e colhe cidadania. **O Informativo do Vale**, Lajeado, p. 13, 10 jun. 2016.

SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da *et al.* Os processos de urbanização e de expansão da estrutura urbana nos aglomerados urbanos de Lajeado – Estrela e de Santa Cruz do Sul – Venâncio Aires – Vera Cruz. *In*: CAMPOS, Heleniza Ávila; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da (org.). **Valorização do solo e reestruturação urbana: os novos produtos imobiliários na Região dos Vales – RS** [recurso eletrônico]. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014. Disponível em: http://unisc.br/editora/e_book_valorizacao_do_solo.pdf. Acesso em: 10 abr. 2020.

SÍNTESE histórica do município de Lajeado. **Álbum Jubileu Lajeado 75 anos 1891 a 1966**. Lajeado, n.p., 1966.

SOCIEDADE Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. **Planejamento Estratégico 2017-2021**. 2016.

SOCIEDADE Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. **Histórico da entidade**. [2018]a.

SOCIEDADE Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. **Imagem aérea**. 2018b. 1 fotografia.

SOCIEDADE Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. **Relatório 2018 SLAN 60 anos**. 2018c.

SOCIEDADE Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. **História**. Disponível em: <http://slan.web2423.uni5.net/categoria.php?cat=2>. Acesso em: 12 fev. 2020a.

SOCIEDADE Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente. **Programas**. Disponível em: <http://slan.web2423.uni5.net/categoria.php?cat=68>. Acesso em: 20 jul. 2020b.

SODRÉ, Francis. Serviço Social e o campo da saúde: para além de plantões e encaminhamentos. **Serviço Social & Sociedade**, [s.l.], n. 103, p. 453-475, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-66282010000300004>. Acesso em: 06 dez. 2020.

SOUZA, Alessandro Antunes de. **O Papel social das Igrejas Evangélicas nas comunidades locais brasileiras**: o caso do Projeto Vida Plena na Cidade de Seropédica, Estado do Rio de Janeiro. 2017. 72 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14950/1/Relatorio%20final%20em%20pdf.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

STECANELA, Nilda. **Jovens e cotidiano**: trânsitos pelas culturas juvenis e pela escola da vida. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.

SY, Dorothee Marguerite Marie. **O papel do Estado no processo de segregação sócio-espacial na cidade de Lajeado/RS**: um estudo sobre a localização dos conjuntos habitacionais Novo Tempo I e II do programa MCMV. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/188400>. Acesso em: 10 abr. 2020.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TIRELLI, Odilo José. SAIDAN. **Álbum Jubileu Lajeado 75 anos 1891 a 1966**, Lajeado, [n.p.], ago. 1966.

TRILLA, Jaume. A educação não-formal. In: ARANTES, Valéria Amorim (org.). **Educação formal e não-formal**. São Paulo: Summus, 2008.p. 15-58.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, 1997.

UMA grande família chamada Saidan. **O Informativo do Vale**, Lajeado, 30 out. 2018. Disponível em: <https://www.informativo.com.br/geral/uma-grande-familia-chamada-saidan-,284750.jhtml>. Acesso em: 14 abr. 2020.

VIANNA, Norma Fonseca. **Espaços coletivos**: espaços privados com áreas coletivas. 2007. 83f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie. [s.l.], 2007. Disponível: <http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/2611>. Acesso em: 12 out. 2020.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Michel Cole *et al.* (orgs.). Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZOPPEI, Emerson. **A educação não escolar no Brasil**. 2015. 354 f. Tese

(Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-18082015-135957/pt-br.php>. Acesso em: 30 ago. 2020.

FONTES ORAIS

Antônio Nilson Do Arte. Depoimento [10 ago. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, 2020.

Antônio Rempel. Depoimento [22 jul. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Bairro Universitário, Lajeado/RS, 2020.

Demétrios Karol Lorenzini. Depoimento [21 jul. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Google Meet, 2020.

Fernanda Colombo. Depoimento [11 set. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Google Meet, 2020.

Josua da Silva Gonçalves. Depoimento [10 ago. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, 2020.

Lara Cristina Girardi. Depoimento [13 jul. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Google Meet, 2020.

Letícia Regina Bairros. Depoimento [24 jul. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, 2020.

Mara Rejane Bocchese. Depoimento [24 ago. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, 2020.

Marisete Mathes. Depoimento [27 jul. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Google Meet, Lajeado/RS, 2020.

Mônica da Rosa. Depoimento [10 ago. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, 2020.

Sílvia Regina Gomes Schmitz. Depoimento [27 jul. 2020]. Entrevistadora: Everline Luise Heinrichs. Bairro Santo Antônio, Lajeado/RS, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Antônio Nilson Do Arte

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Antônio Nilson Do Arte, morador do bairro Santo Antônio, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecido e não me oferecer nenhum risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 10 de agosto de 2020.

Antônio Nilson Do Arte

Entrevistado

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Antônio Rempel

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto para este projeto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Antônio Rempel, professor da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecido de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecido e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 19 de setembro de 2020.

Antônio Rempel
Entrevistado

Everline Luise Heinrichs
Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs
eheinrichs@univates.br

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Demétrios Karol Lonrenzini

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto para este projeto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Demétrios Karol Lorenzini, diretor do Projeto Vida, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecido de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecido e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais

Lajeado/RS 10 de agosto de 2020.

Entrevistado

Everline Luise Heinrichs
Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Fernanda Colombo

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto para este projeto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Fernanda Colombo, idealizadora do Projeto Élas Social, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 18 de setembro de 2020.

Fernanda Colombo

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Josuana Gonçalves

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Josuana Gonçalves, moradora do bairro Santo Antônio, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 10 de agosto de 2020.

Josuana S. Gonçalves

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Lara Cristina Girardi

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto para este projeto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Lara Cristina Girardi, secretária da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal (FOK), aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de um roteiro de entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 10 de agosto de 2020.

Lara Cristina Girardi

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Letícia Regina de Bairros

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Letícia Regina de Bairros, moradora do bairro Santo Antônio, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 24 de junho de 2020.

Letícia Regina de Bairros

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Mara Rejane Bocchese

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto para este projeto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Mara Rejane Bocchese, diretora da Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente (SLAN), aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 24 de agosto de 2020.

Mara Rejane Bocchese

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Marisete Mathes**Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto para este projeto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Marisete Mathes, diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal (FOK), aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 11 de agosto de 2020.

Marisete Mathes

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE J - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Mônica da Rosa**Termo de Consentimento Livre Esclarecido**

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Mônica da Rosa, moradora do bairro Santo Antônio, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 10 de agosto de 2020.

Mônica da Rosa

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE K - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Sílvia Regina Gomes Schmitz

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto de analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari - Univates, tendo como orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Eu, Sílvia Regina Gomes Schmitz, moradora do bairro Santo Antônio, aceito participar da investigação desenvolvida pela pesquisadora.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará através de uma entrevista que será gravada e posteriormente transcrita para consolidação dos dados solicitados.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Lajeado/RS 27 de julho de 2020.

Sílvia R.G. Schmitz

Entrevistada

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE L - Carta de Anuência Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal

Carta de Anuência

Eu, Marisete Mathes, na condição de diretora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Oscar Karnal (FOK), autorizo a realização da investigação desenvolvida pela pesquisadora Everline Luise Heinrichs, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari - Univates de Lajeado, RS. O objetivo da pesquisa é analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. E tem como orientadora a professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará na Instituição, mediante acesso aos documentos, incluindo Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico, além de outros materiais relacionados à história do espaço.

Em todos os materiais que serão divulgados estarão o nome da instituição e inclusive o meu. Assim sendo, minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

Estou ciente, também, de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados e a utilização dos materiais coletados, por isso autorizo a divulgação.

Afirmo, ainda, que a pesquisadora se colocou à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Lajeado/RS, 11 de agosto de 2020.

Marisete Mathes

Diretora da instituição

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE M - Carta de Anuência Projeto Élas Social**Carta de Anuência**

Eu, Fernanda Colombo, na condição de idealizadora do Projeto Élas Social, autorizo a realização da investigação desenvolvida pela pesquisadora Everline Luise Heinrichs, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari-Univates de Lajeado, RS. O objetivo da pesquisa é analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. E tem como orientadora a professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará na Instituição, mediante acesso a materiais relacionados à história do Projeto.

Em todos os materiais que serão divulgados estarão o nome da instituição e inclusive o meu. Assim sendo, minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

Estou ciente, também, de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados e a utilização dos materiais coletados, por isso autorizo a divulgação.

Afirmo, ainda, que a pesquisadora se colocou à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Lajeado/RS 18 de setembro de 2020.

Fernanda Colombo.

Idealizadora do Projeto Élas Social

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br

APÊNDICE N - Carta de Anuência Projeto Vida**Carta de Anuência**

Eu, Demétrios Karol Lorenzini, na condição de diretor do Projeto Vida Santo Antônio, autorizo a realização da investigação desenvolvida pela pesquisadora Everline Luise Heinrichs, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari - Univates de Lajeado, RS. O objetivo da pesquisa é analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. E tem como orientadora a professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Fui esclarecido de que a pesquisa se dará na Instituição, mediante acesso aos documentos, incluindo Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico, além de outros materiais relacionados à história da instituição.

Em todos os materiais que serão divulgados estarão o nome da instituição e inclusive o meu. Assim sendo, minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

Estou ciente, também, de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados e a utilização dos materiais coletados, por isso autorizo a divulgação.

Afirmo, ainda, que a pesquisadora se colocou à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Lajeado/RS 10 de agosto de 2020.



Diretor da instituição



Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs
eheinrichs@univates.br

APÊNDICE O - Carta de Anuência Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente

Carta de Anuência

Eu, Mara Rejane Bocchese, na condição de diretora da Sociedade Lajeadense de Atendimento à Criança e ao Adolescente (SLAN), autorizo a realização da investigação desenvolvida pela pesquisadora Everline Luise Heinrichs, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari - Univates de Lajeado, RS. O objetivo da pesquisa é analisar as percepções da comunidade acerca dos espaços de aprendizagem no bairro Santo Antônio, na cidade de Lajeado, Rio Grande do Sul. E tem como orientadora a professora Dra Neli Teresinha Galarce Machado

Fui esclarecida de que a pesquisa se dará na Instituição, mediante acesso aos documentos, incluindo Regimento Escolar e Projeto Político Pedagógico, além de outros materiais relacionados à história da instituição.

Em todos os materiais que serão divulgados estarão o nome da instituição e inclusive o meu. Assim sendo, minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

Estou ciente, também, de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados e a utilização dos materiais coletados, por isso autorizo a divulgação.

Afirmo, ainda, que a pesquisadora se colocou à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Lajeado/RS 24 de agosto de 2020.

Mara Rejane Bocchese

Diretora da instituição

Everline Luise Heinrichs

Pesquisadora - Everline Luise Heinrichs

eheinrichs@univates.br



UNIVATES

R. Avelino Talini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914.014 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09